

# ÍNDICE

Prefácio		Página	Data
101	Uma Loucura de Amor	5	28.02.02
102	Ainda a Loucura	8	06.03.02
103	Susto dos Pais	11	16.03.02
104	Arrependimento	15	21.03.02
105	Simplicidade	18	23.03.02
106	Só Para Agradar	22	25.03.02
107	Caminho do Medo	24	29.03.02
108	Obstáculos da Vida	26	01.04.02
109	O Sacrifício	29	13.03.02
110	No Auge do Sofrer	32	18.03.02
111	Desencanto	35	23.03.02
112	Ainda Resta Uma Esperança?	37	30.03.02
113	Angústia Na Madrugada	40	05.04.02
114	Acreditando No Impossível	43	07.04.02
115	Coração Ansioso	46	17.04.02
116	Devastador Sentimento	49	29.04.02
117	<i>Como Explicar o Amor?</i>	53	02.05.02
118	Inimigos	57	07.05.02
119	Intuição	60	12.05.02
120	Retorno ao Passado	62	01.06.02
121	O Significado do Amor	65	03.06.02
128	Alegrias e Dores	68	04.06.02
129	Beijos	71	11.06.02
124	Amigos	74	20.06.02
125	Coragem	76	27.06.02
126	Tristeza	79	29.06.02
127	Destinado à Solidão	81	23.07.02
128	Ansiedade	<b>84</b>	18.07.02
129	Fugaz Felicidade	87	19.07.02
130	Como Entender a Vida?	91	14.08.02
Extra 17	Reencontro	95	09.03.02
Extra 18	Adivinhação	96	01.04.02
Extra 19	Opção	97	12.04.02
Extra 20	Reflexão	100	22.05.02
Extra 21	Nunca Mais...!	102	01.05.02
Extra 22	Conversa	103	16.05.02
Extra 23	Acontecen, Enfim!	107	22.05.02
Extra 24	Felizes... Até o Fim!	108	26.05.02
Extra 25	Comemoração	109	03.08.02
Extra 26	Quem Sabe?	110	05.08.02
Extra 27	Só Alegria	112	20.08.02
Extra 28	Analisando MS- Pensamentos	113	31.08.02
Epílogo			

## *PREFÁCIO*

Esta é uma homenagem a dois personagens que não são criação minha, mas que no decorrer dos nove anos de atuação nas histórias fictícias de Chris Carter no Seriado Arquivo-X, exibido pela TV no Brasil e no mundo, fizeram nascer no coração de seus apreciadores a melhor das emoções: o amor por eles.

Sendo assim, é que criei por minha imaginação, pequenos capítulos chamados DEVANEIOS, a fim de mostrar aos amigos e com eles poder compartilhar através da Internet, as emoções que nos causam esse par famoso, que aquece os nossos corações com o romantismo que é somente insinuado sutilmente no Seriado, mas que nós, denominados "shippers" fazemos questão de criar e curtir maravilhosas cenas de amor entre eles.

Devo acrescentar que as histórias aqui narradas, representam, na sua maioria, os momentos em que os Agentes dão por concluído o seu expediente de trabalho diário para o FBI, ou nos momentos de folga e finais de semana, já que, na realidade, não sei criar os casos fantásticos que possam ser investigados em suas missões e parto, assim, somente para as ocasiões românticas entre os dois.

Por essa razão peço-lhes que me perdoem se não for exatamente do seu agrado estas minhas histórias, mas é que, na verdade, eu gosto somente de escrever sobre a parte principal da vida... a sentimental.

A vida real, o trabalho, o ganha-pão, nos sustenta, realmente; é a sobrevivência do corpo, dos bens materiais.

Mas a vida sentimental é a sobrevivência da alma!

Pode ser que, em algum tempo, daqui pra frente, haja algum personagem na TV que nos dê tanta inspiração quanto esses dois. Pode ser...!

Só sei dizer-lhes que eu penso desta maneira: vai levar ainda algum tempo para aparecer ou jamais irão surgir tais inspirações para nós, escritores de fan fictions shippers.\* Esta geração de agora está privilegiada em poder participar e pôr em prática suas idéias literárias baseadas nos dois "lindinhos".

Mas... e o que virá à frente?

O mundo está cada vez mais frio, mais céptico, mais insensível, mais conturbado e assim todos os bons sentimentos vão-se tornando obsoletos.

O amor, aos poucos, vai dando lugar ao interesse, à necessidade, à desonestidade, à deslealdade, à infidelidade, à hipocrisia e vai por aí...

E o amor é, com toda a certeza, a base de tudo; o alicerce que sustenta a nossa vida; nada pode desmoronar para nós se temos a nossa existência amparada por esse sentimento.

E é, sem dúvida, como o Senhor Deus nos ensina.

Sem querer, o criador dessa dupla de personagens fez transparecer por dentro dos gélidos equipamentos para transmissão de um seriado de assuntos assombrosos, místicos ou paranormais, o calor gostoso da paixão saindo de dentro do coração dos seus próprios personagens para aquecer e dar mais sabor à vida de seus fãs.

E é por isso que ser shipper nos dá uma gostosa sensação de felicidade.

Significa, antes de tudo, que nos integramos tanto à personalidade de cada personagem, que ele passa a ser um pedaço de nós e torna-se fácil, portanto, criar à nossa maneira tudo o que desejamos para eles e que é sempre o melhor, claro!

À Fox William Mulder e Dana Katherine Scully, os dois Agentes Especiais do FBI do Governo dos Estados Unidos, a minha homenagem sincera e emocionada dentro dos capítulos que fazem o conteúdo deste livro e que faço perpetuar nas letras suas aventuras, assim como guardo com todo carinho os 187 episódios que estão gravados em fitas de vídeo, no meu acervo de Arquivo-X.

Aos atores que personificam as respectivas caracterizações, David Duchovny e Gillian Anderson, os meus agradecimentos por me darem essas inspirações e votos de que, mais tarde, quando não mais estiverem trabalhando nos episódios desse fabuloso Seriado, possam ser sempre queridos e que tornem-se uma lembrança linda e emocionante para aqueles que tenham assistido aos seus trabalhos nos episódios por eles vividos em todos esses anos, pois eles, na verdade, com seu carisma e beleza, fizeram com que esses personagens alcançassem tanto sucesso no mundo inteiro.

E para os que não conhecem Fox Mulder e Dana Scully, aqui vão alguns dados sobre eles:

Agente Especial Fox Mulder, 1,85 de altura, olhos verdes transparentes que às vezes tornam-se acinzentados, cabelos castanhos, feições marcantes, de voz suave e encantadora, olhar misterioso e de forte apelo emocional, o que o faz tornar-se um conjunto de beleza e sensualidade. Ele é conhecido por seus colegas no FBI como "O Estranho" (Spooky Mulder) devido a sua constante preocupação em correr atrás de seres alienígenas e fatos paranormais.

Agente Especial Dana Scully, 1,60 de altura, cabelos curtos e ruivos, belos e grandes olhos de um azul intenso, de uma beleza singela porém quase perfeita, não possui um corpo escultural, mas é dona de muita personalidade e emotividade em suas expressões.

Sempre céptica, usa muito sua racionalidade para enfrentar as idéias um tanto fantásticas do seu parceiro.

Quando os dois se conheceram nos escritórios do Quartel General do FBI em 1993, logo criaram entre eles uma "química metafísica" (conforme expressão usada pela atriz Gillian Anderson) que os faz sempre unidos, seja em que circunstância fôr. Eles, apesar de serem somente parceiros em seu trabalho, têm uma incrível afinidade.

Tratam-se apenas pelo sobrenome, até nos momentos de intimidade, por uma questão de preferência imposta por eles próprios, somente.

Aos atores que personificam as respectivas caracterizações, David Duchovny e Gillian Anderson os meus agradecimentos por me darem essas inspirações e votos de que mais tarde, quando não mais estiverem trabalhando nos episódios desse fabuloso Seriado, possam ser sempre queridos e que tornem-se uma lembrança linda e emocionante para aqueles que tenham assistido aos seus trabalhos vividos em

todos esses anos, pois eles, na verdade, com seu carisma e beleza, fizeram com que esses personagens alcançassem tanto sucesso no mundo inteiro.

A esses consagrados atores eu agradeço também a felicidade de ter aumentado em minha existência um grande número de bons amigos, ter recebido meus prêmios, os quais me deixaram com o coração repleto de alegria, como o conquistado com o meu poema Recado Para Mulder e Scully, também a reportagem do jornalista Sergio Rodrigues Reis para o Jornal do Estado de Minas, as palavras de elogios e incentivo de Silvia Penhalbel, assim como sua belíssima homenagem no site X-Fonte e a matéria publicada na Revista SCI-FI News, com a qual colaborei em minha pesquisa de momentos românticos dentro dos episódios de Arquivo-X.

À Gillian e o David, embora saiba que jamais terão conhecimento de minha existência, dedico aqui o meu maior carinho e desejo de um futuro feliz e grandes alegrias na alma e no coração.

## UMA LOUCURA DE AMOR

*"O amor que não é loucura não é amor."*  
*Calderon*

### Capítulo 101

- Ei, Scully!  
- O que é, Mulder?  
- Já viu a sua caixa postal hoje?  
- Nossa! Mas que pressa é essa? Tem tempo! Depois faço isso!  
Mulder nada argumenta. Segue em direção do quarto, em busca de seu filho.  
Dana guarda todos os potes de mantimentos nos armários da cozinha.  
Retorna à sala. Seus olhos vão até o laptop. Pega-o e o abre, ligando-o para funcionar.  
Digita as teclas correspondentes.  
Abre a página de e-mails.

Mail to  
queequag0925@hotmail.com  
queequag0925@hotmail.com

Oi Dana,  
Convido-a para o aniversário do meu filho. Será no dia 25. Nos falamos para marcar o horário.  
Conto com sua presença, amiga.  
Um beijo.  
Barbara

Dana sorri, satisfeita com o convite da amiga.  
- Hum, já tenho mais este compromisso. - diz para consigo mesma.

mailto:queequag0925@hotmail.com  
queequag0925@hotmail.com  
De -

maxshopping@uil.com  
maxshopping@uil.com  
Srta. Dana Scully

Este é um comunicado à Senhorita de que a nossa Loja Max Shopping está fazendo uma promoção fabulosa durante este mês.  
Vá ao nosso Departamento de roupas de Cama, Mesa e Banho e adquira o artigo que desejar, usando seu cartão de crédito, que pode ser parcelado em 5 (cinco) vezes ou faça um crediário para pagamento a partir de 60 (sessenta) dias.  
Saudações  
Lojas Max Shopping

- Hum, hum, isto até me interessa...! - murmura Dana.  
Ela abre mais uma mensagem:

mailto:queequag0925@hotmail.com

queequag0925@hotmail.com

De

HYPERLINK mailto:sheholman@jet.com

sheholman@jet.com

Agente Dana Scully

Comunico-lhe que, brevemente, estaremos aí entre vocês para uma visita. Soubemos da novidade do nascimento de seu bebê.

Ficamos muito felizes. Nós aqui estamos vivendo um mundo de felicidades.

Já temos dois lindos filhos.

Abraços para você e o Agente Mulder, com nossos votos de um maravilhoso convívio.

Sheila e Holman

- Não acredito! - Dana leva as mãos à boca - É verdade o que estou vendo? - grita - Mulder!!

Vem aqui! Você precisa ver isso!

Mas não ouve nenhuma resposta vinda da parte dele.

Dá de ombros e continua abrindo suas mensagens.

mailto:queequag0925@hotmail.com

queequag0925@hotmail.com

De

mailto:inlovefriend@all.com

inlovefriend@all.com

- Que é isso? Endereço engraçado...! - curiosa, abre a mensagem.

Oi Dana,

Só pra dizer que desde que a vi, nunca mais consegui arrancar sua imagem de minha mente...

Dana pára, suspira fundo, e prossegue a leitura, com ar apreensivo.

... Sabe que a amo de verdade? Sinto que não quer demonstrar-me nenhuma possibilidade para me dar uma oportunidade de alcançar o seu coração. E sofro com isso.

Um beijo

Do seu apaixonado.

- Mas o que significa isso? - ela murmura, indignada.

Seu olhar abismado volta a conferir o endereço colocado no e-mail enviado.

Confere. Está correto. É realmente o seu endereço.

"Que bobagem a minha! Pra chegar aqui tinha que ser enviado para meu e-mail!" - pensa, quase desanimada - Mas que loucura um cara desses pode fazer! Tenho medo!"

- Scully, o que é? - a voz de Mulder faz-se ouvir.

Imediatamente, e tomada por um susto, ela coloca a ponta do dedo na tecla para deletar a mensagem.

Intimamente pede a Deus para que desapareça rapidamente as desagradáveis palavras da tela do computador.

Dana sente a respiração de Mulder sobre seu ombro.

E a mãozinha de seu filho puxando-lhe um fio de cabelo.

- Oi ! - diz ela, agitada em seu interior, vendo os dois ali tão próximos.

- O que queria me mostrar?

- Ahn, Mulder... eu? Ah! - desperta, enfim - É... sabe aquele casal da cidadezinha onde estivemos tempos atrás?

- Bem... são tantas, Scully!

- Ah sim Mulder, desculpe... leia. - abre a mensagem na tela - Leia aqui.

Mulder lê. Sorri.

- Não é possível, Scully! Como souberam de nós?

- Ora, Mulder! Somos Agentes do FBI... ahn... bem... eu sou, ainda.

Agarra-se ao pescoço dele, que está segurando o bebê em seus braços.

- Ah, eu sou capaz de matar você de tanta paixão que sinto! - ele fala.

- Nossa! Isso é bom! - olha para o filho que abre um lindo sorriso na boca diminuta .

- Você vai pro seu bercinho porque o papai vai ficar muito ocupado agora. - fala Mulder para seu filho.

Dana entende.

- Nada disso, Mulder! Vou trocar os lençóis do berço dele agora, neste momento e fazer outras coisas.

Mulder faz um muchocho.

- Logo agora, que fiquei tão excitado!

- Contenha-se, homem! - ela fala, sorrindo.

- Scully...?

- O que?

- Só tinha essa mensagem?

- Não...

- ...?

- Ahn... tinha até uma promoção de uma loja muito boa e ... - faz uma pausa; sente-se nervosa.

- ...e?

- A minha amiga Barbara me fazendo um convite.

- Aaaaah!!

Dana sente um tremor em suas entranhas.

Aquela mensagem do desconhecido havia mexido com seu sistema nervoso. Havia lhe causado um estranho medo.

"Um assédio virtual! Incrível!" - pensa.

***"O medo é o pior dos conselheiros."***

***Alexandre Herculano***

## AINDA A LOUCURA

*"A paixão excitada não recua  
diante de nenhuma loucura."  
Schiller*

### Capítulo 102

Dana coloca os vasilhames no micro-ondas, pensativamente.

"Será que é do desejo de alguém atrapalhar meu relacionamento com Mulder? mas ... quem? Me dá uma forte vontade de contar a ele aquela insensatez que vi no computador, mas, ao mesmo tempo, falta-me coragem." - ela pensa.

Permanece diante do aparelho por alguns segundos; afasta-se em seguida.

Mulder havia saído, mas não se demoraria. Por isso ela aproveitaria a ausência dele para, novamente, abrir a sua caixa postal.

Corre até onde está o laptop. Liga-o e espera, quase aflita.

Em seguida clica para entrar na sua caixa de mensagens.

Seu coração dá um salto. Lá está a terrível mensagem outra vez.

Para

mailto:queequag0925@hotmail.com

queequag0925@hotmail.com

De

mailto:inlovefriend@all.com

inlovefriend@all.com

Oi Dana,

Você, é claro, não vai responder às minhas palavras de afeto.

Eu continuo louco por você. Desejo a todo instante tê-la do meu lado. É tentador, com certeza, esse real sentimento.

Será que posso sonhar possuir você inteiramente minha, para sempre?

Um ardoroso beijo

- Mas por que? - ela murmura - Por que? Qual o motivo disso?

Seu dedo médio, nervosamente, toca a tecla a fim de deletar a mensagem.

Dirige-se ao quarto. Tira do berço seu filho.

Seu pensamento está agitado em perguntas.

"Até quando ainda vai continuar essa loucura?!!!"

\* \* \*

Maggie abre a porta para a filha. Estende os braços para pegar o netinho.

- Ah, meu Deus! Como é lindo!

- Parece até que não vê seu neto há um tempão! - fala Dana, sorridente.

- E de ontem pra hoje não é muito, filha?

Maggie caminha para lá e para cá, mimando o pequenino que pega a sua face com as mãozinhas rechonchudas.

Num dado momento olha para a filha, em pé, olhar distante.

Maggie pára seus passos. Fita-a com atenção.

Inclina a cabeça da direita para a esquerda e vice-versa, observando-a com jeito indagador.

- Humm, o que foi?

Dana desperta.



- O que foi o quê?
- Que ar distante é esse?
- Ar... distante?

Maggie volta a caminhar, com William nos braços. Que lhe entrega o seu sorriso inocente.

- Pode falar! Pode falar! Está com algum problema. - pára por instantes - Ai... não me diga...

- O que, mãe?

- Que vocês... brigaram?

- Ah, meu Deus! Não, mãe, por favor! Nada disso! É outra coisa! - senta-se, enquanto deixa na mesa a bolsa que traz, carregando certas utilidades para o bebê.

Maggie, por sua vez, resolve também sentar-se.

- Conta, filha.

- Bem... sabe o que é? Estou recebendo umas mensagens no meu computador...

- ... e daí?

- ... de um admirador.

- ... admirador?!

- Diz-se apaixonado por mim.

- Nossa!! - a mãe sorri.

- Não brinca, mãe! Tenho medo.

- Desculpa, filha... olha, não será um engano?

- Engano?! Envia diretamente para o meu endereço eletrônico!

Maggie fecha os olhos, preocupada.

A mãozinha de William toca suas pálpebras. Ela ri e o beija.

- Eu nem sei o que dizer, Dana.

- E eu, mãe? Me sinto como se estivesse... traindo o Mulder!

- Que situação! Vai falar pra ele?

- Falar... pra ele...??

- É... é a atitude certa.

Dana levanta-se. Engole em seco.

- Não vou fazer isso.

- Por que não? Vocês podem até descobrir quem é o engraçadinho!

- Alguém quer atrapalhar a minha união com Mulder. Pode ser trama de alguma mulher.

- Ah, Dana...! Já morreu!

- Quem já morreu?

- Aquela colega de vocês.

- A Fowley?

- Essa.

- Hum... se fosse somente essa...!

- Existem mais?

- É claro, mãe! Mulder é um homem atraente! Por várias vezes, em nosso trabalho ou fora dele, mulheres o assediaram!

- Não me diga!

- Já disse. - retruca, meio aborrecida.

- O que você pensa fazer?

- Ah mãe, não sei... estou confusa!

Os olhos azuis de Dana enchem-se d'água.

- Ah, minha filha... eu quero tanto vê-la feliz...!

- Mas acho que o destino não quer.

- Cale a boca! Não fale isso! Nunca diga palavras negativas! Nunca pense em derrotas! E quanto a esse... esse admirador, você não o respondendo, ele vai acabar desistindo um dia.

- E enquanto isso eu fico aqui... passando maus pedaços!

- Bem, bem, não se preocupe mais com isso, Dana. Pense somente nesses dois que você tanto ama!

O bebê faz um som de que está entediado. Ou com sono. Porque suas pequeninas pálpebras estão pesadas.

- Ah, filha, o meu docinho está com sono!

\* \* \*

Dana gira a chave na fechadura. Abre-a para entrar.

- Mulder! - chama-o

Não ouve resposta. Ela pára, antes de fechar a porta por dentro. Olha o filho adormecido em seu colo. Aconchega-o para si e o beija, carinhosamente.

O bebê estremece, levemente. Mas não acorda.

Dana dirige-se ao quarto, onde coloca seu filho no berço, ajeitando-o, para que continue seu sono.

Dirige-se então banheiro. Ouve o ruído da água caindo do box.

- Mulder?

- Chegou, lindinha? Onde esteve?

- Fui em casa de minha mãe.

- Scully...?

- Fala.

- Me faz o favor de me dar um pijama? Esqueci de pegar.

- Ok.

Ela abre o guarda-roupa, retira a peça e o entrega em seguida.

- É bem melhor sair pela casa vestido do que ficar todo pelado, ou não tem problema?

- Tanto faz, Mulder. Aliás, por mim, basta você vestir uma caneca...

- Vestir o que?

- Uma caneca, como eu vi nas fotos de um ator parecido com você. A única coisa que o cobria era uma... caneca.

- Tá brincando!

- Verdade! E ele é lindão!

- Scully! - fala, repreendendo-a

Mulder veste-se, rapidamente. Acheça-se a Dana e morde-lhe a ponta do nariz, amorosamente.

- Gosto de vê-lo mexer-se quando você fala.

- Ah, não! - ela esconde o rosto no peito dele.

- E aí?

- O que?

- O que viu hoje?

- O que vi?! Como assim? Vi pessoas na rua, carros, vi minha mãe...

- Ah, Scully, não, seja...

- ... o que?

- Deixa pra lá. Desculpa, lindinha. Eu gosto de provocar você.

- Quer jantar?

- O que acha? Você quer?

- Acho que... não...

- Por que a pausa?

- Pausa...?

- Sim... está titubeante.

Dana sente-se quase em pânico.

"Ele está me achando titubeante, indecisa...! Será que estou demonstrando isso? Será que ele desconfia...? Será que dá pra perceber a minha preocupação? Será que ele...?"

- Vamos jantar, Scully. Estou com fome.  
- Claro, Mulder. - entrega os lábios para que ele os toque com os seus.  
- Scully... - ele fala em tom indiferente, enquanto aproxima-se do berço para dar uma olhada em seu filho adormecido.  
- O que é?  
Mulder já vem retornando do quarto, passando a mão pelos cabelos molhados.  
- Você já viu seus e-mails hoje?  
- E-mails?!  
Novamente o temor a impede de agir. Fica com os pratos na mão, estática. Olhar perplexo.  
"Por que ele me pergunta isso? Será que ele foi ver as mensagens e achou... aquela?!"  
Dana engole em seco. Fecha os olhos. Tenta tirar do pensamento esses temores. Receios. O terrível medo, como sempre.  
- Já vi sim, Mulder... por que pergunta?  
- Nada, ora! Por perguntar, somente.

***"O medo é um microscópio  
que aumenta o perigo."  
Sommerson***

## SUSTO DOS PAIS

*"Não há palavras nem pincel que  
interpretem amor nem dor dos pais."*

*Aleman*

### Capítulo 103

Dana sente a proximidade gostosa e quente de Mulder e de suas mãos constantemente rebuscadoras das protuberâncias do seu corpo.

Ele a afaga, enquanto a respiração agitada se confunde com a dela.

Mulder está cheio de desejo no olhar perscrutante, na boca faminta.

E Dana também sente-se cheia de desejo. Percebe que seu corpo pede Mulder. Necessita dele.

Quase com ânsia, neste instante.

E ambos entregam-se aos desejos da carne.

\* \* \*

Enquanto sente o ressonar e o movimento do peito do amado sob sua cabeça, Dana ouve lá fora o ruído da chuva a cair, ininterruptamente.

De vez em quando o barulho de um veículo a passar, uma voz a cortar o silêncio da noite.

Um breve gemido vindo do berço de seu filho a faz despertar os sentidos. Levanta-se para vê-lo.

- Oi filhote! - aproxima-se do berço, ligando o abajur.

A criança, agitando as perninhas a olha numa expressão diferente.

- Mulder!! - grita Dana, alarmada.

Havia reparado na cor ligeiramente azulada na pele do rosto da criança.

Mulder salta da cama, num pulo.

- O que está acontecendo?

Ela pega a criança.

Por segundos observa-a no seu esforço em querer respirar. Rapidamente sua mente detecta o que está acontecendo, na verdade.

Abre a boca do bebê com o dedo indicador, fazendo-o penetrar até a garganta da criança.

Mulder está petrificado. Nem está entendendo o que se passa neste momento.

Com rápida habilidade, Dana traz para fora da boca da criança seu dedo, carregando com ele o culpado desse tremendo susto, do qual está sendo vítima a criança e seus pais.

Estarrecidos, vêem preso ao dedo de Dana um pedaço amassado de algo que estivera preso à garganta de William.

Dana abraça o seu bebê, que chora, agitado.

- Como aconteceu isso, Scully? Como?

- A fita que prendia a fralda, Mulder; ele a arrancou e levou-a à boca.

Mulder pega a criança dos braços da mãe.

- O meu garotinho já está ficando levado!

Dana, suspirando aliviada, cheira, carinhosamente a barriguinha do nenê.

- Gracinha, nós temos que ser mais vigilantes com você!

- Ele vai ficar entre nós, aqui na cama, Scully...

- Mas só hoje!

- Eu sei, eu sei... nada de acostumar, mas é por causa do susto.

- Claro.

\* \* \*

O dia amanhecera ainda chuvoso. Gotas cintilantes batem no vidro da janela. O céu enevoadado

mostra que muito mais água ainda será despejada do alto.  
Sentados à mesa do café da manhã, Mulder toma um gole da bebida fumegante na xícara.  
- Scully e o Will?  
- O café da manhã dele?  
- É.  
- O que você acha que eu estava preparando ainda há pouco?  
Mulder olha sobre a mesa o pacote de algodão e o pote de bicarbonato. Ele sorri, consigo mesmo. Acha lindo demais ter uma família assim, comum e deseja que tudo possa ser comum em suas vidas. Ou pelo menos deveria.  
Dana começa a tomar seu café. Parte o primeiro pedaço de pão. Passa a manteiga. Vai levá-lo à boca.  
O choro forte da criança, a faz interromper o gesto.  
Mulder ri, divertindo-se.  
- Bem na hora! - levanta-se e vai para o quarto.  
Dana o acompanha, com um suspiro consolado.  
O pai retira o bebê do berço. Aconchega-o junto ao peito, amoroso.  
O bebê chora mais, intermitentemente.  
- Ei, Scully! Pensei que mantendo-o assim junto de mim ele se consolasse e parasse de chorar!  
- Ah, Mulder, além da fome, existe um fator importante... aliás dois: os bebês sentem o cheiro da mãe e também o Will procura aí nesse peito e não acha nada pra mamar, você quer o que?  
Mulder devolve o bebê.  
- Você tem razão, mãe... - fica pensativo - Scully, lembra quando certa vez eu a chamei assim?  
- É... foi a muito tempo...!  
- E nem imaginávamos que pudéssemos ter o nosso próprio filho...  
- Mulder...  
- O que?  
- E a ... Emily...?  
Mulder a fita agora, penalizado. Sabe que até hoje Dana sofre ao falar sobre a garota que teve tão pouco tempo de vida.  
Ele sai do recinto, deixando-a pensativa, acariciando os raros fios de cabelo de seu filho, enquanto o vê alimentar-se no seu seio.

\* \* \*

Dana entra na sala e logo um susto a deixa perplexa.  
Mulder, tendo o lap top à sua frente, digita em suas teclas, atentamente.  
Dana contém-se. Quase um grito de aflição saíra de sua boca.  
Ele nem a vê tão atento está, olhando para a tela.  
- Mulder?  
- Oi? - ela a olha de soslaio, continuando sua tarefa.  
- Está fazendo o que?  
- Lembra do que lhe falei sobre o currículo que enviei para a Empresa que precisa de psicólogo? Recebi uma resposta.  
- Que bom, Mulder!  
Ele, rapidamente, finaliza o trabalho.  
- Vai ver se sua amiga mandou avisar o horário da festa?  
- Ahn... noutro momento... - ela está desconcertada - ... eu tenho agora que ver uma coisa lá dentro.  
- Sei... - ele denota compreender - ... se quiser eu acesso os e-mails pra você.  
- Não!! - a resposta é rápida e contundente.  
Mulder não se faz de rogado. Sorri. No seu sorriso aberto e olhar matreiro.

- Que é isso, Scully? Escondendo algo de mim?  
Dana faz um trejeito, com ar indiferente.  
- Não... quando tentei esconder, você descobriu...! - fala, com pouco caso.  
- O ...?  
- ... entregador de pizza!! - ela conclui a frase; chega-se a ele, carinhosa - Vem cá - e num gesto disfarçado, com a mão livre, leva-a em direção ao lap top, tentando desliga-lo.  
Mulder segura-lhe a mão, num rápido gesto.  
- Que houve? - ela surpreende-se.  
- Não houve nada. Apenas eu ainda tenho coisas a ver no computador.  
- Ah, sim? - ela já quase não podia disfarçar seu nervosismo.  
- Ah, sim!! - ele solta-se das mãos dela e fica atento à tela diante de si.  
- Mulder!  
- O que? - não desvia o olhar da tela.  
- Quero te falar uma coisa...  
- Uma coisa?  
- É... ela sente-se morrer por dentro; engole em seco, tenta comportar-se normalmente.  
Mas Mulder, enquanto dialoga, vai continuando a acessar diversas áreas do computador.  
Com indisfarçável pânico ela o vê checando a sua caixa-postal.  
- Mas Mulder! O que quer fazer?  
- Suas mensagens, Scully! Sei que você tem amigos... interessantes!  
- Amigos...? - quase enlouquece de pavor.  
- Ok, lindinha. Aí estão seus e-mails. Divirta-se.  
- Mas eu não vou vê-los agora, Mulder!  
- Por que não? Eu a ajudo, hã?  
E assim dizendo, a faz sentar-se diante da tela do aparelho.  
- Mulder, você está quase me forçando! - cruza os braços sobre o peito, aborrecida.  
Ele manuseia e digita com destreza, abrindo a correspondência virtual.  
O pânico de Dana já havia se transformado em desistência de lutar por uma causa que não era justa.  
Afinal para que entrar em desespero, se não tinha culpa de coisa alguma, nem havia alimentado o assédio de nenhum homem! Está livre de qualquer erro!  
E as mensagens vão aparecendo e o coração de Dana palpitando de ansiedade.

***"O maior erro que podemos cometer é  
estarmos receando constantemente  
cometer algum erro."***

## ARREPENDIMENTO

*"Um bom arrependimento é a melhor  
medicina para as enfermidades da alma."  
Miguel de Cervantes*

### Capítulo 104

Com um gesto na mão, Mulder apresenta a Dana a tela do monitor.

Está tudo aí, lindinha!

Dana está completamente sem ação. Mas, pelo menos hoje, tem esperança de que não deve estar ali aquela mensagem. Quem sabe havia se livrado do importuno sujeito?

Mas, para seu horror, entre os outros e-mails, está na tela o terrível endereço de remessa da tão indesejável correspondência.

- Abra, Scully! - Mulder parece dar-lhe uma ordem.

- O que, Mulder?

- A mensagem!

Ela abre rapidamente e lê as mensagens anteriores ou posteriores àquela que não deseja ver.

Começa a ler, uma a uma, tentando acalmar-se, numa guerra de nervos.

Mulder, ao seu lado, acompanha, atentamente, a leitura de cada uma delas.

= Vai responder alguma? - ele pergunta.

- Não agora.

- E não vai ler as outras?

- Não.

- Por que não?

Dana irrita-se. Levanta-se num ímpeto. Fala, pausadamente:

- Mulder, esta é a minha correspondência e eu não vou abrir esta mensagem! - num segundo deleta-a da caixa postal.

- O que foi, Scully? - pergunta, num olhar irônico.

- O que foi, o quê?

- Esse seu pânico!?

- Pânico?!

Ele senta-se rápido diante do computador. Entra em sua própria caixa de mensagens enviadas.

Observe, Scully.

Lá está, ante os olhos atônitos de Dana, o temível endereço que tanto lhe havia afligido.

[HYPERLINK mailto:Inlovefriend@all.com](mailto:Inlovefriend@all.com)

Inlovefriend@all.com

- Mulder!! - ela exclama, surpresa - Você?! Mas como pôde...?

Mulder joga a cabeça para trás, dando uma risada. Levanta-se. Coloca os polegares na cintura da calça e fita-a, com sorriso maroto.

- Dana Scully, sua astúcia de Agente está deixando a desejar.

- Mulder, seu... Mulder! - fita-o, séria - Você duvida do meu procedimento...!

- O que, lindinha? Que é isso??

- Que é isso, o que? Você não confia em mim!

- Mas não diga isso! Você é o meu bem-querer, a minha amada, o meu tudo...!

- Pára com isso, Mulder! - fuzila-o, com o olhar.

- Mas... Scully... era apenas uma brincadeirinha...!

- Brincadeirinha?? - ela cruza os braços - Falta de confiança... um teste...!  
Ele a agarra, de supetão. Tenta beijá-la.  
- Pára, Mulder!  
Ele solta-a, contrafeito.  
- Você não quer...? - fala com um olhar carente.  
- Você me tira do sério, Mulder! Como pôde fazer isso comigo?  
- Mas lindinha, eu apenas...  
- Apenas me deixou horrorizada com a perspectiva de que você podia... sei lá... - volta-lhe as costas - ... e você só queria divertir-se às minhas custas!  
- Não, Scully, não! Juro que não foi com segundas intenções que escrevi aquilo! - passa a mão pelo rosto, chateado - Scully... às vezes é mais fácil pra mim escrever do que usar as palavras para dizer o quanto eu sinto por você!  
Ela, rápida, sai do recinto.  
Mulder veste, num ímpeto, o casaco de couro e sai do apartamento.

\* \* \*

Dana, com ar bastante amuado, está no sofá da sala; pernas dobradas sob o corpo; olhar perdido na tela da TV, nada enxergando, porém, porque no semblante está o ar enevado da tristeza e arrependimento pelas coisas que dissera.

No seu coração o medo.

"Se ele disse que fez uma brincadeira e eu fiquei zangada, agora ele saiu e... o que pode acontecer? Ele pode até ter ido para o apartamento dele e até dormir lá e eu... vou sentir falta dele... a noite toda... muita... muita!"

Toma o celular que está ao seu lado numa mesinha. Digita o número do apartamento de Mulder. Sabe que ele não levará seu celular.

O ruído interminável da chamada a irrita. Desliga o aparelho, com raiva.

- Não está lá! - murmura, descontente.

Ouve, em seguida, na porta o ruído de chaves.

"Graças a Deus ele já voltou." - pensa, menos agitada.

- Oi, Scully! - cumprimenta-a, animado.

Ela não responde. Com o braço apoiando a cabeça, continua olhando para a tela da TV, fingindo total descontração.

- Red roses for a blue lady...! - ele fala, apresentando-lhe bem diante do rosto um lindo buquê de rosas vermelhas, viçosas e úmidas.

Dana levanta para ele o olhar profundamente azul.

- Oi. - responde, por fim, em voz pouco audível.

- Pra você. - estende-lhe o buquê.

- Obrigada. - suspira; toma-o nas mãos e aspira o seu perfume.

Mulder senta-se ao seu lado.

- Gosta delas?

- Hum, hum. - confirma, com um meneio.

Dana retira uma das rosas, quebra-lhe a haste e a coloca entre seus cabelos, seguro atrás da orelha. Olha para Mulder, sem nada falar.

- Você simplesmente me encanta, Scully... e é por isso que senti vontade de fazer aquela brincadeira... é porque eu te adoro! Mesmo!

Ele a continua fitando, com olhos perscrutantes, buscando, talvez, ler o âmago dos seus pensamentos, o fundo do seu coração.

- Scully, se arrependimento matasse...!

Dana tira da rosa uma pétala e a coloca entre os lábios.

O contraste entre seus lábios cheios e rosados sem nenhuma pintura e o vermelho intenso da



pétala, desperta os sentidos amorosos dele.

- Scully... - ele murmura, achegando-se para arrancar com seus próprios lábios a pétala.

Ela desvia a cabeça para o lado, impedindo-o de alcançar sua boca.

Ele suspira. Porém insiste no gesto.

Cada um sente a respiração quente e rápida do outro.

Ela permanece sem fitá-lo. No íntimo deseja fazê-lo ficar indócil.

Mulder chega bem perto para beijá-la, mas ela o repele num gesto e apenas um canto de sua boca ele consegue tocar.

Ela sente um frenesi a arrepiar-lhe e fazer-lhe vibrar todos os nervos e sentidos com o toque cheio de sensualidade dele. E a voz com que ele sussurra seu nome a faz desejá-lo mais que tudo.

E continua com a pétala presa entre os lábios.

Ele, cheio de desejo de invadir o interior daqueles lábios, está cada vez mais encantado com a beleza singela de sua amada.

Seu olhar acariciante e esquadrinhador desliza pelos cabelos finos e lisos que caem em onda ruiva sobre a face, os olhos azuis que se escondem agora para que ele não os fite, a pele alva cheia de pequeninas sardas que o atraem, o sinal sob o nariz que o encanta, os lábios em flor que segura um pedaço de uma outra flor. A soma total de tudo é a atração que Mulder sente ao ver a formosura de Dana.

*"O que encanta na vida é a beleza;  
e a alma na mulher é a formosura."*

*Campoamor*

## SIMPLICIDADE

*"A simplicidade é a companheira da verdade, como a modéstia é do saber."*  
*De Sanctis*

### Capítulo 105

Dana continua com a pétala presa aos lábios, em tentação ao seu amado, porém sem fitá-lo. Este faz, novamente, menção de tocar-lhe os lábios para retirar a pétala.

- Scully... - esboça o seu sorriso de menino, olhar cheio de carência e com a voz sussurrante. Agora ela permite que ele toque seus lábios.

Ele umedece com sua língua os lábios dela. Afasta o rosto para fitá-la bem no fundo dos olhos azuis, atentamente. Num ímpeto cola a boca sobre os lábios de Dana, arrancando a vermelha pétala, afastando os róseos lábios tentadores e penetrando na doçura do recôndito daquele boca desejada. E a suga com paixão, voracidade quase.

Dana deixa-se levar pelos embalos desse entusiasmo ardente. Permite que seus sentidos tornem inefável, encantada, etérea, o corpo despojando-se de quase toda a energia, até como que flutuar na nuvem diáfana do prazer.

Nesses momentos entre os dois são esquecidos todos os problemas, mistérios, sofrimentos, cansaços, perigos de suas vidas.

\* \* \*

Mulder, de braços dobrados sob a nuca, olhos fechados, está esticado numa poltrona.

Dana sente felicidade em poder estar ali, do seu lado, na poltrona próxima, também deixando o corpo relaxar e sentindo uma tremenda paz.

Olha para ver o rosto do homem amado.

- Sabe de uma coisa, Mulder? Até que não está mal esse seu visual.

- No tempo em que eu era um agente, nem podia dar-me ao luxo de usar uma barba assim! - diz, passando os dedos no queixo.

- Por que não? Nunca foi proibido... eu acho...!

- Você gosta assim? - pergunta sorrindo.

- Gosto.

- Mas gosto de verdade ou quer só me agradar?

- Você sabe que nunca uso subterfúgios nas minhas opiniões, Mulder.

Ele abre os lábios num sorriso.

Dana suspira. Junta os lábios, num modo preocupado. Sente uma ansiedade em seu interior.

- O que é, Scully?

- O que é, o que?

- Fala logo. Você está apreensiva, não está?

Ela apenas faz um meneio, confirmando.

- É sobre nosso filho?

- Não quero falar sobre isso.

- A vida do nosso filho está ameaçada, Scully.

- Mulder, não fal...

- ... eu falo sobre isso, sim! É real a nossa agonia. Você bem sabe o quanto precisamos defendê-lo!

Mulder, até quando isso vai nos atormentar?

Ele volta o verde olhar para a janela e os infinitos pontos cintilantes que flutuam no espaço

escuro da noite.

Dana o observa. Vê as linhas horizontais em sua testa, denotando pensamentos angustiados.

Está ciente que, de vez em quando, os pensamentos dele voltam-se para a ocasião de sua abdução pelos alienígenas que o levaram até quase ao fim da vida e a perseguição à vida de seu filho.

- Eu não sei, Scully. Só sei que farei qualquer sacrifício por ele.

- Eu também, Mulder.

Dana levanta-se de onde está e aproxima-se da poltrona onde encontra-se Mulder. Senta-se no braço estofado do móvel.

Ele a envolve pela cintura; ela agarra-se ao seu pescoço.

- Mulder, em qualquer lugar do mundo em que possamos tentar nos refugiar, nosso bebê poderá correr perigo?

- Sempre, Scully.

- Oh, meu Deus!

Ambos permanecem olhando o vazio, com as respectivas mentes cheias de absurdas idéias.

Mas sabem e sentem que é preciso relaxar.

Ela agarra-se a ele, esfregando o rosto no dele. Acha gostoso e diferente essa espécie de carinho.

- É como se estivesse se esfregando num animal peludo, Scully?

- Exatamente, Mulder.

- E qual a sua sensação?

- Sensação...? É... como se eu estivesse perdida numa floresta e uma mamãe urso tivesse me adotado.

- Huuum, não gostei da comparação. Afinal sou um pouquinho mais interessante que um urso.

- Toma-a nos braços e leva-a para o quarto.

\* \* \*

- Huuum... - beija-a num braço - ... até quanto tempo você quer ficar nos braços de Morfeu? - fala, com voz sussurrante.

- Hãh? - abre os olhos - Que foi?

- Eu que estou chamando você, sua dorminhoca!

- É o Will?

- Nada disso. Ele está dormindo como um anjinho. Eu é que preciso de você.

- Que horas são?

- As mesmas de ontem, Scully.

- Ah, Mulder! - queixa-se, num murmúrio.

Ele agarra-a e rola com ela sobre a cama, como se estivesse manuseando uma boneca. No seu interior sente dó por Dana no seu trabalho sem trégua no Bureau, sem ter direito a passar todas as horas com seu filho e nem dormir as horas suficientes para um bom repouso. Ela tem que aproveitar mesmo enquanto pode desfrutar de sua licença no FBI.

Ambos dão risadas. Estão felizes. Curtindo sua liberdade de sentimentos e de momentos de prazer. Preferem ambos demonstrar a simplicidade do seu amor e companheirismo em seus pensamentos, gestos e palavras.

Cessam o riso, após minutos.

Silêncio. Total. Somente o ruído de suas respirações.

- Mulder...

- Scully...

Chamam-se, simultaneamente.

- Nada.

- Ah...!

Silêncio novamente.

Mulder fecha os olhos. Em sua mente, como sempre acontece, milhares de cenas vão passando neste momento: sua abdução, a dor pelos sofrimentos da tortura, o rosto angustiado mas esperançoso de Dana junto ao seu leito, no hospital.

"- Quem é você?" - ele lembra ter falado.

Brincadeira tem hora. Naquele instante o desespero de Dana estava estampado no azul transparente dos seus olhos. E ele, quase inconscientemente, achou que seria uma brincadeira inocente. Tal e qual a das mensagens dos e-mails deste dia, que fizera Dana enfurecer-se. Vem como cenas de um filme à sua mente sua corrida junto à sua amada prestes à dar a luz, fugindo dos seus algozes.

Mistura de pensamentos.

Ele, naquele helicóptero, louco de desespero, à procura dela e encontrando-a naquela casa, num lugar distante e ermo. E mais perseguição. E mais terror. Queriam sua criança. Eles, os miseráveis alienígenas! E ainda querem levá-lo ou mesmo... matá-lo!! Uma criança inocente... um ser humano no início de sua vida... tão tenra, ainda!

Mulder aperta os olhos com força.

- Mulder...?

Ele não responde. Sua mente é só de loucos, mas, infelizmente, muito reais pensamentos.

Hoje está a par de que deve haver uma solução para essa desesperada situação. E essa solução é terrível para ambos. Sofrerão demais! Talvez seja até seu próprio fim, na angústia e solidão em que se encontrarão algum dia desses. Mas terão que se submeter a essa vida de agonia. Por William. O seu filho que fizeram vir a este mundo.

- Mulder...? - novamente ouve Dana chamá-lo.

Abre os olhos para fitá-la.

- Estava dormindo?

- Não... pensando.

- Eu não posso esvaziar a minha mente, Mulder.

- O que quer dizer?

- Que quando não penso em nossos momentos felizes, me vêm à cabeça uma enxurrada de preocupações.

Ele a aperta contra seu peito. Continua calado.

- Mulder, não haverá uma solução?

- Sim, haverá! Mas como e com quem? Estamos cercados de víboras, Scully!

- Mulder... tentemos...

- O que?

- Oh, meu Deus, eu não sei... eu não sei...

Ele senta-se na cama para olhar o berço e ver dentro a serenidade do sono de seu filho.

Ela senta-se também e acompanha o olhar dele.

- Scully, às vezes fico me perguntando porque Deus permitiu a vinda do William...

- Mulder!! - protesta e seus olhos enchem-se d'água - É o meu filho, Mulder, que eu tanto desejava! O nosso filho!

Dana leva as mãos à boca, como para impedir o soluço de dor que quer vir à tona.

- Ah, lindinha, me perdoa! Meu Deus, sou um insensato mesmo!

E Mulder, chocado com a insensatez de suas inconscientes palavras e aturdido com o choro de Dana, sente que também seus olhos estão marejados de lágrimas e a garganta se lhe sufoca num abafado pranto.

*"É mais fácil encontrar quem chore  
com as nossas tristezas que quem*

*se jubile com as nossas alegrias."*  
*Jacinto Benavente*

## SÓ PARA AGRADAR

*"Para se ser amado vale  
mais agradar do que amar."  
Louis Desnoyers*

### Capítulo 106

A paisagem deslumbrantemente verdejante passa diante de seus olhos abismados por tanta beleza na natureza que se estende por todo aquele longo pedaço de chão.

Contemplando o pequeno ser sendo suavemente embalado pelo movimento do trem, a avó se pergunta, com um aperto no coração.

"Por que seus pais tem que sofrer tantas perseguições? Por que não podem viver como os casais comuns? Amam-se, dão-se um ao outro com todo o carinho que têm no coração, porém não podem ser totalmente felizes. Há sempre a possibilidade de alguma coisa aterrorizante os cercando. E eu amo tanto aqueles dois! Amo tanto essa criança! Esta viagem é uma forma desesperada de tentarem não pensar em terríveis idéias que possam prejudicar a si e a seu filho."

Seus olhos, contemplando a criança, brilham pela emoção de seus pensamentos.

Ela ajeita-o, carinhosamente, enquanto procura usufruir do bem estar daquela viagem.

O trem corre numa pequena vibração que apenas faz alertar o corpo, sem, no entanto, incomodar.

Na pequena cabine um tanto confortável, ela sente prazer por estar com seu precioso netinho e poder auxiliar sua filha e o homem que ela ama.

Ouve as rápidas e discretas batidas na porta. Apressa-se em abrir.

- Oi! - espanta-se - Mas que é isso?!

- Eu e o Mulder compramos antes de embarcar, mamãe.

- Mas como são apetitosas, filha!

- Então? É pra comer tudo!

- Ah, imagina filha, se vou comer todas essas frutas!

Dana sorri.

- Só as que tiver vontade, mãe. Como está o meu lindinho?

Ela aproxima-se do bebê, que lhe sorri no olhar e nos lábios, ao ver a mãe, levantando os braços em sua direção.

- Enquanto você come suas frutas, calmamente, eu levo o Will pra ficar com a gente.

- Mas é preciso? Estou com tudo pronto aqui e a mamadeira dele já está até na mão na hora que ele quiser.

- Eu sei, mãe, mas logo depois eu venho com ele. Até já.

Dana sai, carregando seu filho.

Entra na cabine ao lado.

Mulder está deitado.

- Oi, papai, estou aqui! - ela imita voz de criança.

Mulder acaricia com um breve sorriso a face de seu filho.

Dana o coloca ao seu lado.

- E aí, meu papai, quero um presente de Páscoa!

- Scully...?

- Hãh?

- Existem chupetas de chocolate?

Dana sorri. Imita voz de criança, novamente:

- É isso aí, meu papai! É isso mesmo que eu quero!

Mulder diverte-se, olhando docemente o seu rebento nos braços da bela mãe.

- Ele está escutando, Scully?

- Claro, Mulder. Olhe como presta atenção.

- Então é o seguinte filho, no próximo ano você vai ganhar um belo ovo de Páscoa.

- Aaaaah, meu papai... eu quero agora! - fala Dana pelo bebê.

Dana ajeita-o no colo e chega-o para perto de Mulder, a fim de que este lhe faça um afago.

Mulder beija a face de seu filho.

Dana o leva de volta à cabine ao lado, onde está Maggie.

Deixa o bebê com a mãe e retorna até Mulder.

Ele já está de pé, abrindo uma valise. Dela retira um pacote. Entrega-o à Dana.

- Pra você.

- Pra mim? - faz voz de amorosa surpresa.

- É pra você, sim, lindinha... e eu esperei o Will ir para a avó.

- Esperou... por que? - não entendeu.

- Porque não queria que ele visse eu lhe dar um presente de Páscoa.

- Ah, Mulder, pára! - censura suas idéias.

Dana abre o pacote, sorridente.

- Nossa! É um cartão de Páscoa belíssimo!

- É só pra lhe agradecer, lindinha.

Um lindo e suavemente colorido buquê com uma mensagem encapa o cartão.

Ela o abre, então.

Embutidos no cartão-caixa, meia dúzia de escarlates e brilhantes corações de chocolate o estão belamente decorando.

- Que coisa mais linda, Mulder! Nossa! Devem ser gostosos!

- Não tanto quanto sua apetitosa boca, lindinha.

Dana encaixa seu corpo pequeno nos braços longos de Mulder, ansiando por um afago, sentimento que é recíproco em ambos.

- Eu te amo, Mulder! - fala, num sussurro, deslizando os lábios pelo pescoço dele.

Mulder a aperta contra si, com um gemido de prazer.

Completam-se. Sentem-se. Num só corpo. Numa só felicidade.

*"Um instante de felicidade vale  
mais que mil anos de celebridade."*

*Voltaire*

## CAMINHO DO MEDO

*"Uma simples sombra causa medo aos inquietos."*

*Ovidio*

### Capítulo 107

Na noite silenciosa Dana caminha. Sente-se um tanto atordoada. O chão de pedras úmidas machuca seus pés. Aperta sobre o coração o seu bebê amado.

Continua a caminhada; agora depara-se numa longa, estreita e sinuosa estrada de areia clara. A luz da lua cai sobre ela e torna quase irreal aquela alva faixa de chão. E Dana o pisa, incomodada. Seus dedos dos pés esforçam-se para tocar naquele solo, pois parece arder-lhe como brasas nas plantas dos pés.

O bebê lhe oferece o seu sorriso inocente e puro. Ela o aperta mais contra si.

Logo, no entanto, amedrontada, vê que os arbustos ao longo do caminho, curvam-se à beira da estrada à sua passagem, arrastam-se pelo chão e, com as sombras formadas pela luz da lua, se retorcem como serpentes, lambendo-lhes os pés.

Dana, aterrorizada, prossegue em sua caminhada. Tem um objetivo: ir ao encontro de Mulder. Este lhe acena, ansioso, à distância, aguardando o momento de encontrar-se junto a ela.

E o caminho de Dana continua terrivelmente amedrontante.

Agora, pontiagudos e negros seixos estendem-se ao longo do estreito caminho.

As águas de um regato banham-nos, num ponto, tornando-os lisos. Escorregadios. Lodosos.

Mas os pés de Dana, teimosos, perseverantes em atingir o seu objetivo, prosseguem na sua jornada, atravessando este empecilho.

De súbito, a criança parece-lhe pesar sobre seus braços de mãe e ela sente isso e o prende ainda mais contra si.

Já avista Mulder mais próximo.

A luz da lua transforma o corpo dele, alto e esguio em uma figura disforme, aterradora, que se alonga e encolhe à sua vista, como um ser sobrenatural.

- Muldeeeeer!!! - ela grita.

O bebê chora.

Ela prossegue, teimosa, o caminho do medo, mas seus pés descalços escorregam, ferem-se sobre as escuras e lisas pedras.

- Scully!! - ele a chama, por sua vez, com os braços estendidos em sua direção.

Já estão próximos agora.

- Dê-me o bebê, Scully!!

E ela tem que entregar-lhe a criança. É preciso protegê-la. Nos braços do seu pai. Que pode livrá-lo do perigo dos malditos assassinos.

Seu filho chora, ainda. Agora num choro de medo. Pavor.

- Segure-o, Mulder!!

E Dana o entrega a Mulder, que, de braços estendidos, anseia pelo momento culminante de segurar seu filho.

Uma grande fenda no solo rochoso se abre. Luz intensa, brilhante, ofuscante, sai de seu interior, serpenteando no ar.

E, como que sugado por uma língua brilhante, o pequeno ser, o bebê de Dana e Mulder, é levado por aquela estranha luz.

Os braços vazios do casal estendem-se para o alto, num só grito de dor.



- NãAAAO!!

Mulder senta-se, inopinadamente.

- O que foi, Scully? - sua voz está ansiosa.

Dana chora, com o rosto entre as mãos crispadas.

- O que está acontecendo? Diga! - ele insiste.

Ela também senta-se e atira-se nos braços dele.

- Um pesadelo, Mulder! Terrível!

- Está tudo bem, está tudo bem! - consola-a, acariciando-lhe as costas.

Ela levanta-se, desprendendo-se dele.

- Mulder, vamos lá!

- Ver sua mãe?

- Sim, sim!

Ele levanta-se, também.

- Ok. Vamos sim.

Saem da cabine e batem na porta seguinte, onde está Maggie e o bebê.

Mulder consulta o relógio de pulso: 3:45h da madrugada.

A porta da cabine continua fechada. Maggie ainda não viera atendê-los.

Dana está em suspense. Seu coração de mãe está aos pulos.

*"A mulher é sempre mãe,  
mesmo quando é virgem."*

*Paolo Mantegazza*

## OBSTÁCULOS DA VIDA

*"O rio atinge os seus objetivos porque aprendeu a contornar os obstáculos."*

*André Luiz*

### Capítulo 108

-Senhora Scully! Senhora Scully! - Mulder chama, batendo, insistentemente, na porta da cabine.

Um dos homens que trabalha no interior do trem, acorre prestimosamente.

- Algum problema, senhor?

- Não, não... - responde Mulder - ... por enquanto... - conclui, num murmúrio.

O homem pára por segundos e continua sua caminhada ao longo do corredor.

Dana insiste e bate na porta mais apressadamente.

Ouvem o ruído do trinco.

- Graças a Deus! - comenta Dana, de olhar fixo na porta.

- Fox...! - murmura Maggie, com semblante assustado.

- Estava dormindo, mamãe? Desculpe... - a filha explica-se.

- Não... não estava! - faz com que os dois entrem.

Dana dirige-se rapidamente para onde está seu filho, num sono tranquilo.

- O que houve? - Mulder nota o olhar assustado da mãe de Dana.

- Eu já ia chamar vocês pelo celular, mas graças a Deus vocês vieram até aqui!

Dana, ouvindo a frase, aproxima-se dos dois.

- Mamãe, houve alguma coisa?

- E muito esquisita... eu estava dormindo quando bateram na porta; eu ia abrir, pensando que eram vocês, mas...

- ... o que? - Mulder interrompe.

- ... eram estranhos...

- ... estranhos? Como assim? Mais de um?

- Sim... não sei, Fox, eu, na minha intuição não abri a porta e peguei o telefone pra chamar vocês, mas logo passos afastaram-se da porta e foram embora.

- Mulder!! - exclama Dana, horrorizada - Eram eles!

- Quem, Dana? - pergunta a abismada mãe.

- Os que querem levar o Will! - explica ela, com os olhos azuis nadando em lágrimas.

- Eles não o querem levar, Scully... querem a mim. - fala Mulder, por sua vez.

- Oh, meu Deus! - agora é Maggie, que, tapando a boca, fica com expressão aterrorizada.

- Mulder, que faremos?

-Scully, o trem vai parar amanhã cedo na próxima cidade - olha o relógio no pulso - ... daqui a duas horas e meia. Não é para onde íamos, mas tudo bem; vamos ficar lá e retornar.

Assim talvez possam despistá-los. - fala Maggie, com esperança no olhar.

\* \* \*

No carro de aluguel Mulder dirige, enquanto Dana encontra-se no banco do carona. Maggie, com seu neto nos braços, está no banco traseiro.

- Tudo que se deseja fazer dá errado, Mulder! - queixa-se Dana - Estamos retornando sem nem ter chegado ao nosso destino... somos impedidos de espairer, tomar novos ares... temos

sempre obstáculos nos nossos caminhos pela vida...!

- E assim será sempre, Scully... até...

-... até...?

- ... eu me afastar. - ele diz, compenetrado.

- Mulder! - exclama, em tom angustiado - mas por que você tem que sempre pensar assim?

- Você não entende, Scully? É assim que a vida de nosso filho será poupada. - explica sem fitá-la, com as mãos fortemente apertando o volante e olhos fixos na estrada.

Os olhos miúdos, mas atentos de Mulder detectam algo que lhe chama a atenção.

Dana nota sua preocupação, denotada pelos lábios apertados dele.

- Mulder?

...

- Mulder? - insiste, quase nervosa; resolve olhar para o pára-brisa traseiro do carro. Um veículo acompanha o deles a curta distância.

Adiante, uma placa anuncia uma bifurcação na estrada. Nessa direção Mulder gira o volante, dando uma inesperada guinada para aquele lado.

- Fox, você está indo por outra estrada? - indaga Maggie, surpresa.

- Ahn... é que parece que há um desvio na rodovia. - Dana tenta dissuadir os pensamentos da mãe.

Mulder continua calado e atento ao carro que os segue, pois o mesmo havia também entrado na estrada lateral, atrás deles.

Mete a mão no bolso do casaco, buscando a arma. Discretamente, para que Maggie não perceba, ele a coloca no compartimento da porta.

Resolve pisar mais fundo no acelerador.

Dana engole em seco. Arqueia a sobancelha, intrigada, aguardando os acontecimentos.

Uma ruga de preocupação aparece na testa de Maggie, vendo a velocidade marcada no velocímetro do painel.

Uma nova bifurcação Mulder vê à distância.

Aguarda, reduzindo um pouco a velocidade, para ver o movimento do veículo que o está seguindo há vários minutos.

Quase próximo à bifurcação, Mulder resolve acelerar mais ainda e seguir em frente.

Ele leva a cabeça para trás; seu peito enche-se de ar e o solta com um ruído nos lábios, fazendo um bico.

Dana olha através do pára-brisa. Para sua surpresa e alívio, vê o veículo que estivera bem próximo do seu por tantos minutos, entrando na estrada à esquerda da bifurcação e distanciando-se, visivelmente.

Fecha os olhos e agradece a Deus, com o pensamento numa oração.

Mulder diminui a aceleração da marcha. Sente desejo de assobiar, cantar até!

Fôra tudo um mero engano!

- Mulder, fiquei tensa agora!

- Não é pra menos. Pensei que teríamos um problema.

- Eu não queria viver assim... - queixa-se ela.

- Eu também não, Scully... mas não temos escolha...!

- Tem que haver uma solução!

- Não sonhe muito com isso!

- Mulder! - reclama - Às vezes você me surpreende! É otimista por um lado e extremamente negativista por outro!

Maggie ouve o diálogo preocupada. Sempre foi seu desejo ver sua filha feliz, livre de problemas e mais ainda... de perseguições.

- Scully, na próxima semana você já sairá da sua licença maternidade. O trabalho a espera,

Scully! - fala Mulder, com uma ruga de preocupação vincando-lhe a testa.

- Estou ciente disso, Mulder.  
- Dana, como será resolvido esse caso desses... desses assassinos que perseguem vocês? -  
Maggie interrompe a conversa.  
- Daremos um jeito, senhora Scully. - responde Mulder.  
Dana, mais uma vez, engole em seco, incomodada. Já sabe o significado das palavras dele. E teme ao pensar na chegada do dia em que a segurança de vida de seu filho depende do desaparecimento do pai dele.  
Por dentro do peito um agudo sofrimento a deixa com desejo de chorar.  
Mulder olha-a ligeiramente, adivinhando o seu estado de espírito.  
Em seu interior também existe um profundo pesar pela injustiça de seus destinos. Pergunta-se porque nunca pudera sentir um pouco de felicidade e paz. E isso desde a sua tão sofrida infância, junto aos errados pais e à sua irmã Samantha, que teve tão trágico fim.

\* \* \*

O apartamento está na penumbra.  
Apesar da familiaridade com que o habitam em sua vida diária, este agora lhes parece inóspito. Algo pesa sobre o ambiente. Algo impalpável, mas que lhes traz para junto de si o ar da desgraça.  
- Tenho certeza de que minha mãe nem vai dormir um sono tranquilo hoje, Mulder.  
- Foi pensando nisso que perguntei se queria vir para cá, conosco.  
- Isso ela não faria. Acha que nos atrapalha.  
Mulder esboça um leve sorriso.  
- É... acho que as mães devem ser assim.  
Dana o olha de soslaio e nota o semblante dele num ar triste.  
Sabe que ele jamais pudera ter maiores intimidades nem aconchegos com sua mãe. E sente-se triste por ele. E essa tristeza aumenta ao lembrar que, além de todas as incertezas que ela e Mulder têm no decorrer de suas vidas, existe, ainda, não abstrata, porém real e cruel a certeza de que, mais dia, menos dia, o destino irá separá-los.  
E nem Dana nem Mulder podem ver com indiferença essa terrível possibilidade.

***"A indiferença ante os problemas morais  
é uma das doenças da sociedade."  
Amiel***

## O SACRIFÍCIO

*"Há homens que são como as velas;  
sacrificam-se, queimando-se, para  
dar luz aos outros."*

*Antonio Vieira*

### Capítulo 109

Dana, sob os lençóis, sente a morna pele de Mulder sobre a sua.

A perna dele, dobrada, está jogada sobre parte de seu ventre.

Rosto com rosto. Respiração com respiração.

Dana fixa, atentamente, os traços das feições do amado. Como quer bem a essa criatura que Deus pôs ao seu lado, compartilhando a quentura do mesmo leito!

- Bom dia! - ela sussurra, docemente, para que ele a ouça.

Mas nada. Ele não responde. O sono está com todo o comando no corpo dele.

- Bom dia! - ela cantarola, baixinho.

Nada ainda.

Dana já nem quase pode resistir. Os cabelos dele estão jogados na testa ampla, displicentemente. Tem ares de menino levado dormindo após os folguedos. Os lábios bem desenhados formando um bico sedutor. O peito onde ela repousa sua cabeça todas as noites está pulsando, no ritmo do coração.

- Huuum...! - ela geme, desejosa de que aquelas mãos tão inertes neste instante, possam quebrar a imobilidade daquele ser dorminhoco.

Dana olha em direção do berço de seu filho, que dorme tranquilo.

Continua, então, de olhos abertos fitando a suave luz de um dia nublado, através do vidro da janela.

Ela sente um leve movimento na perna dele, que está sobre seu corpo. Um leve estremecimento.

Dana distende os lábios num sorriso. Esperando.

- Huuummm...! - ele geme.

Ela mantém-se quieta, fitando-o.

Mulder abre os olhos. Vira-se para cima e espreguiça-se longamente.

Olha e vê Dana, observando-o

- É bom acordar com um par de olhos atentos a nosso menor movimento. - joga-se sobre ela.

- Aah, está me afogando, Mulder!

- Afogando? Cadê a água?

- Tá... me sufocando... e...

- ...e...?

- ... eu gosto!

Ele cobre todo o corpo dela de beijos estalantes.

Dana ri, divertida, deixando-se acariciar com os beijos mais que ruidosos dele.

Ele, enfim, retira seu corpo de sobre o dela. Volta para seu lado na cama.

Dana deixa repousando a cabeça em seu peito, novamente.

Ele suspira, profundamente. Fecha os olhos, enquanto acaricia as costas dela.

Permanecem calados. Por vários minutos.

Ela é a primeira a quebrar o silêncio.

- Mulder?

- Han?

- Nós vamos mesmo onde combinamos?
- O que?
- O que combinamos ontem!
- Scully... - ele não volta o olhar para ela; prende-a com força contra seu corpo.
- Isto quer dizer um sim?
- Não.
- Não o que?
- Isto quer dizer um não.
- Não?! Mulder...
- Shiii, Scully, não fale! - murmura - Eu quero sentir você, somente sentir esse seu calor, essa sua maciez...
- Aah, Mulder! Por que não quer ir?
- Porque não devemos.
- O que não devemos?
- Sair juntos...
- O que?!

Ele limita-se a fechar os olhos novamente, diante da indagação dela.

Dana senta-se na cama, fitando-o, intrigada. Vira-se de frente para ele, cruzando as pernas dobradas.

- Mulder, eu não sei o que... porque... eu sinto que você não está bem.
- É; não estou.

Ela baixa o olhar. Perturbada, já havia pressentido alguma coisa no ar.

- Mulder...

Ele puxa-a para si. Contra seu corpo. Aconchega-a, carinhosamente, afagando-lhe os ruivos cabelos, que agora lhe caem até os ombros.

Ela curva-se sobre ele.

- O que você quer me falar, Mulder?
- Espera...
- Espera o que?
- Eu tomar fôlego.
- Fôlego?! - suspira profundamente; engole em seco e fita-o, insistentemente.

Ele evita o olhar dela. Acontecimento raro, pois os olhos dele estão sempre prontos a esquadrihar-lhe a mente e o coração.

Dana impacienta-se.

- Fala logo, Mulder! Aliás... espera... eu é que quero te dizer que ontem à noite, desde aquele telefonema, você ficou estranho.

Mulder assente, movendo a cabeça.

- Quem era, Mulder?
- Um cara.
- Ah, meu Deus! - levanta-se de junto dele - Isso é atormentador! O que você está querendo me dizer, Mulder?

Ele segura uma das mãos aflitas dela.

- Scully, escute, haja o que houver, saiba que qualquer ato meu será em benefício de você e do nosso filho.

-Mulder, pelo amor de Deus, fale!

Ele senta-se na cama.

Dana repara agora no ar abatido dele. Sente-se em pânico.

Súbito, numa voz murmurante e sombria, em tom gutural, ele explica, fitando-a ardorosamente.

- Scully... eu tenho que deixar você.

Mulder, em seu pensamento, havia tentado imaginar como ela reagiria a tais palavras.

Ele levanta-se, suavemente, e coloca-se diante da janela, procurando enxergar alguma coisa, mas em seus olhos as lágrimas o impedem de ter uma boa visão lá fora.

Dana continua no mesmo lugar em que está. Inerte. Fria. Sente-se como se estivesse sobre uma grande geleira. Só. Desamparada. Prestes a rolar num imenso precipício de dor e ali deixar-se ficar até extinguir-se de seu peito o último sinal de vida.

Mulder vai até o berço do seu filho. Curva-se sobre ele e beija-lhe a cabeça de raras penugens macias.

Dana vai em direção de Mulder.

Ele aguarda junto ao berço.

Ela aproxima-se. Seus olhares fundem-se e dialogam a linguagem do amor e da compreensão. E ela entende o sentido daquele sacrifício que está por vir.

Ele estende os braços que servem de abrigo para que ela neles se ampare.

Choram baixinho a sua dor. Os soluços discretos de Dana misturam-se ao gemido angustiante dele.

Os minutos transcorrem como longas e atormentadas horas de sofrimento total.

No pensamento de Mulder as idéias embaralham-se.

"Tudo está acabado! Agora que poderíamos viver como uma família comum, o trágico destino vem atrapalhar nossa vida! Não dá...! Não dá pra viver mais sem ela! Sem eles! Agora são dois seres de quem preciso cuidar! E eu os amo, como à minha própria vida!"

Em Dana a mente nada pelo mar de sua desesperança, sentindo-se como uma naufraga, tentando segurar-se em restos de alguma coisa para sobreviver a essa tempestade de desgraça.

"Sem Mulder! Sem ele, novamente! Eu conseguirei manter em mim a chama da vida? E meu filho... sem o pai...!?"

Dana soluça entre os braços de Mulder.

Gostaria mesmo que, neste exato momento, um raio caísse sobre sua cabeça e lhe retirasse a vida que não lhe serve para mais nada... mas... e seu filho? Sua criança tão pequenina e inocente? O fruto do seu amor sofrido por Mulder, nesses angustiantes quase dez anos de uma convivência diária? E agora essa aflição...

Ele beija-lhe os cabelos suavemente, enquanto uma lágrima cai, escondendo-se entre os fios ruivos que aninham-se em seus braços.

*"Quem se aflige antes do tempo,  
se aflige mais do que o necessário.  
Sêneca.*

## NO AUGUE DO SOFRER

*"As grandes almas sofrem em silêncio."*

*Schiller*

### Capítulo 110

Com voz entrecortada pelo pranto, Mulder fala, com os lábios roçando os cabelos de Dana: Alguma explicação mais precisa ser feita pra você entender porque temos que nos separar? Ela meneia a cabeça, negativamente.

- Nosso filho é tudo pra nós, Scully. Permitimos que ele viesse a este mundo estranho e conturbado, movido pelo ódio e a mentira... e agora temos que zelar por sua tão tênue vida, que apenas está começando.

- Eu sei. - concorda em lágrimas, deixando a boca encostar-se contra a pele morena do peito dele - Só não sei se vou suportar...!

Ele aperta-a contra si com mais força.

- Scully, sou um tanto otimista; talvez algo possa acontecer para que tenhamos um pouco de paz.

- Paz...! - ela queixa-se, choramingando.

Agora Mulder toma-lhe o rosto entre as mãos, fitando-a intensamente.

- Scully, esse seu rosto amado vai me acompanhar por onde eu andar... até o último minuto da minha vida...!

- Você fala como se... - assusta-se.

- Não... não! - embala-a, como a uma criança.

- Mulder, não podemos!

- Podemos sim, Scully! Devemos! Vamos... você tem sido uma mulher forte, destemida... sempre!

- Que me importa ser tudo isso e ser infeliz!

Ela aperta-se mais contra o corpo dele, que a sente tremer pela emoção.

- Eu não quero mais isso, Mulder! Chega de sofrimento! Chega de dor! Eu não aguento mais...

- Scully... - sussurra, desejando deter suas palavras.

- ... não aguento, nem quero, Mulder! Nós somos seres humanos, carne e osso e sentimentos!

Temos direito à nossa vida e ...

- ...temos direito e responsabilidade com a vida de nosso filho, não esqueça.

- Não, Mulder! Não esqueço, nunca! Apenas sinto que não vou aguentar mais! Não tenho forças...

E Dana soluça, num pranto silencioso.

Mulder passa os dedos sob os grandes e entristecidos olhos dela, que agora derramam abundantes lágrimas.

- Seja forte, lindinha! Mais uma vez! É pelo nosso filho!

Ambos dirigem o olhar para sua criança, dormindo placidamente.

Contemplam-no, embevecidos, embora sofrendo a dor da iminente separação.

Mulder abraça-a, com mais fervor. Quer senti-la por mais tempo.

- Quero levar comigo o calor do seu corpo, Scully, a doçura do seu beijo...

Segurando-lhe o queixo, apossa-se dos lábios entreabertos dela, que o aguarda, serena, mas excitadamente amorosa.

Após o beijo prolongado, separam-se.

Mulder dá um último beijo na testa de Dana. Afasta-se com passos rápidos.



Ele escancara as portas do armário; olha o seu interior, sem, no entanto, nada enxergar. Nos olhos ainda as lágrimas afloram, fazendo-o ficar com a visão embaçada. Uma imensa tristeza o abate.

Dana, parada no mesmo lugar onde Mulder a havia deixado, acompanha, com ar angustiado, os gestos dele.

Ele vai jogando sobre a cama algumas peças de roupa e alguns pertences. Pára. Olha para Dana. A tristeza o deixa abalado a cada minuto mais. Senta-se na cama, desanimado. Olha os objetos ali jogados, com olhar vago.

Dana aproxima-se.

Mulder estende-lhe a mão, puxando-a ao seu encontro.

Ela senta-se junto dele. Permanece com as mãos no regaço, cabeça baixa. Os pensamentos tumultuam-lhe a mente perturbada.

Mulder a aperta contra si. Abraçam-se. Num dorido pranto. Silencioso. De dor. De saudade. O choro está por dentro, no seu interior, até o coração, que parece querer romper-se, arrebentar, esvair-se em sangue... até a morte.

Sacrifício para poderem sobreviver. Isto é vida? Qual o objetivo de uma vida assim? Mas... não deixaram vir ao mundo uma outra vida? A vida de uma criança destinada a pertencer a seres que não são deste mundo? Então terão que entregar-se à dor de uma absurda, mas imprescindível separação!

E continuam abraçados, cada um sabendo da intensidade de sua própria dor.

Dana afasta o seu corpo do de Mulder. Segura-o pelos braços. Tenta sorrir. Ser forte. Num gesto com o olhar, fá-lo entender que deve continuar a arrumar suas coisas.

Ela mesma, então, começa a arrumação, abrindo as malas sobre a cama.

Nada falam. Não há palavras. Nem de consolo. Nem resignação. E nem queixas. Mesmo assim, no auge do sofrer. Cessa, por fim, sua tarefa.

Puxa os fechos das malas; Mulder carrega-as para o chão.

Dana caminha até o berço. Fita seu filho. Muda. Pensativa. Como a perguntar àquele pequenino ser o porquê de tanto sofrimento.

Mulder caminha até ela. Abraça-a por trás, ardorosamente.

Agora ambos fitam a criança no berço, que agora está acordado, brincando com as mãozinhas, tentando alcançar o móvel ali, à altura de seus olhos.

Mulder afasta-se de Dana.

Dirige-se ao banheiro.

O bebê chora no berço.

Dana parece despertar, no seu entorpecimento. Toma seu filho nos braços.

A criança parece sentir o mesmo drama pelo qual os pais estão passando neste momento. E chora mais.

Dana acalenta-o

Ele não cessa de chorar.

Dana vai até a porta do banheiro e fecha-a. Não deseja que o choro da criança torne mais difícil a situação em que Mulder se encontra. Acalenta, ainda, o bebê que, aos poucos, vai acalmando-se e parando de chorar.

Dana dirige-se para a sala, onde já estão as malas sobre o piso. Olha-as apaticamente. Aperta o pequenino corpo de seu filho contra o seu.

"Mulder vai embora, mas um pedacinho dele vai ficar aqui comigo. É o meu consolo." - pensa, tentando encorajar-se.

As lágrimas descem pelo seu rosto de pele alva. Notando que a criança já está quase adormecida, continua embalando-a, levemente.

Mulder sai do banheiro. Já está vestido.

O perfume dos produtos de banho recendem no ambiente.

Ele aproxima-se da mulher e do filho. Beija com ternura as mãozinhas do bebê, uma de cada vez, demoradamente.

- Está dormindo de novo. - ele comenta.

Dana leva-o ao quarto para colocá-lo no berço. Ajeita-o com carinho.

Volta até onde está Mulder, parado, pensativo.

- Scully...

Ela coloca os dedos sobre seus lábios.

- Não fale nada, Mulder!

Fitam-se. Com amor. O mesmo olhar que durante nove anos usaram trocar. O mesmo derramar da campina verde na intensidade do céu azul. Agora inundados das águas das lágrimas silenciosas que os banham.

Seus lábios aproximam-se. Há uma atração imensa entre os olhos e as bocas.

E unem-se, num sugar ardente e voluptuoso.

É o beijo do adeus. Da ausência. Da saudade.

Ali entregam suas vidas, seu amor, sua paixão.

***"A vida não é uma festa permanente e imóvel;  
é uma evolução constante e rude. "***

***Ramalho Ortigão***

## DESENCANTO

*"Se na vida colheis o desencanto, fazei tal  
como eu, que sempre tento das mágoas  
retirar o verso e o canto."  
Horacio Didimo*

### Capítulo 111

Com as mãos cobrindo o rosto, Dana mantém-se de pé, no meio da sala, paralisada pela absurda dor. Seus soluços haviam cessado aos poucos, enquanto no peito dorido, ficara somente os suspiros dobrados da angústia.

Mulder apanha as malas uma a uma, vagorosamente. Olha Dana ali, sofrendo a dor da separação. Corre o olhar para aquele corpo pequeno e frágil. Um longo suspiro liberta-se de seu peito. O sentimento de infelicidade é tão grande, tão imenso, que acha que seria grandemente beneficiado se algo acontecesse naquele instante: que a terra o tragasse, que uma violenta síncope viesse sacudir o seu corpo necessitado de descanso.

Ele dá os primeiros passos com as malas nas mãos. Aproxima-se da porta de saída. Abre-a, sem fazer ruído. Como se quisesse evitar que Dana percebesse este momento em que está deixando o apartamento.

Ele dirige um último olhar para o ambiente que os cerca. Sente-se como um soldado derrotado que se rende e abandona a batalha. Tem asco de si mesmo.

"Covarde! - diz a voz interior - Vais abandonar tudo isso? E a mulher da tua vida? E o ser que vocês fizeram vir ao mundo? O futuro dele...? E a obscuridade dos caminhos das vidas desses dois? Tu poderias estar com eles, agora. E com eles lutar, guerrear mesmo pelo paz que vocês merecem ter...! no entanto aí estás, pronto para largar tudo... num ato de asquerosa renúncia! Pobre e infeliz Fox Mulder! És digno de pena...!"

Esses arrasantes pensamentos o deixam cabisbaixo. Ombros caídos. Vencido. Fita, uma vez mais a mulher amada parada, à espera, talvez, de uma desesperada solução ou, quem sabe, apenas duas palavras: vou ficar.

Mas ele não rende-se ao sentimentalismo.

- Scully... - murmura, só para si mesmo.

Levanta os ombros. Ergue a cabeça. E com passos pesados e decididos, fecha a porta e caminha rápido pelo corredor.

\* \* \*

O taxi pára diante dele. Entra.

- Pois não, senhor?

- O aeroporto, por favor.

- Que noite gelada, hein? - o motorista tenta conversar.

- É. - responde laconicamente.

O taxista resolve não insistir em conversar. Pelo espelho retrovisor nota que seu passageiro está passando por algum sério problema. Sua fisionomia preocupada indica isso.

Mulder segue sua corrente infinita de pensamentos.

"Deixei Dana... talvez para sempre. Como vai ser minha vida daqui pra frente? Tudo será um total desencanto. Agora, mais do que nunca, sinto-me um morto-vivo! Sim, é isso! Porque por fora eu prossigo normalmente o decorrer da minha vida, mas o meu interior está acabado! Tudo terminou, agora! E ela estará cuidando sozinha daquela criança. Eu não estarei ao lado de

William..."

E, por muitos minutos sua mente vaga, imprecisa, pelas últimas cenas que tivera com Dana, sua companhia, sua força, sua própria vida.

- Chegamos, senhor!

Com os olhos admirados por ver o movimento das pessoas, num burburinho sem fim, Mulder retira do bolso as cédulas para pagamento da corrida do taxi. Agradece ao motorista. Sai do carro.

O saguão do aeroporto está em grande movimento. Ele sente-se incomodado. Nem quer sentar ali, esperando. Prefere andar em meio às pessoas.

Os maxilares de Mulder se apertam. Está grandemente revoltado com o que tem que fazer com a vida, com tudo, enfim.

Um grande desejo de falar com Scully agiganta-se em seu coração. Dirige-se até onde está a fileira de inúmeros telefones públicos.

"Vou ligar pra ela; assim podemos matar a saudade."

Sua mão pega o aparelho, quase sem forças.

"Não!!" - grita o seu interior.

No mesmo instante larga o telefone. Pensativamente recoloca-o na base.

"Não devo telefonar. Primeiramente porque nossa comunicação pode estar sendo grampeada e segundo, porque o sofrimento de Scully já é imenso e isso serviria para fazer com que ela tivesse maiores desgostos. Não vou telefonar. Preciso me segurar e deixar os desejos de lado. Scully... Dana... que falta você me faz...!"

- Atenção senhores passageiros!

A voz no alto-falante tira Mulder dos pensamentos. É exatamente o vôo no qual seguirá seu destino.

Entra no avião, procurando a poltrona devida.

"E se eu pudesse viajar sobre a asa deste avião... e lá, bem no alto, o vento me jogasse no espaço..."

Sacode discretamente a cabeça, tentando livrar-se dos atormentadores pensamentos.

Sente-se estranhamente infeliz. Mas tem que seguir o seu caminho. Esta é a sina de Fox William Mulder. Sempre seguir em frente, tendo, a partir de agora, como única e verdadeira companheira, a solidão.

**Estavas comigo, mas te pressentia distante,  
demasiadamente longe, como algo só.  
Era apenas solidão."**

Nota - Agradeço à minha amiga Luzimary os versinhos que compõem este Capítulo, bem como os demais nos capítulos que a seguir farão parte deste Folhetim.

## AINDA RESTA UMA ESPERANÇA?

*As esperanças são como as estrelas:  
brilham, mas não trazem luz; lindas,  
mas ninguém as alcança."*  
*Coelho Neto*

### Capítulo 112

Mulder abre os olhos. Cansado está de tanto tentar dormir.  
Levanta-se. Vai até a janela. Até onde sua vista alcança, só enxerga mesmo a rede interminável de luzes nos edifícios próximos.  
Cada ponto de luz representa uma janela; um apartamento; uma moradia; vidas em movimento, em cada um daqueles compartimentos.  
Uns felizes; outros infelizes: uns pobres; outros ricos: uns altamente perturbados: outros completamente em paz.  
Amor. Ódio. Paz. Guerra. Prazer. Solidão.  
Uma infinidade de sentimentos que podem existir em cada lar, cuja janela aparece aos olhos marejados de Mulder.  
Ele quer parar de pensar. Mas como pode isso conseguir? Sua mente divaga por intermináveis caminhos.  
De onde está, do alto desse andar onde se encontra, tão distante do solo, nem pode ouvir com clareza o barulho de motores dos carros.  
Ele sai da janela.  
Senta-se na cama. Segura a cabeça entre as mãos. Está cansado. Esgotado. Só. Sem Dana.  
O aparelho telefônico na mesinha de cabeceira é uma tentação. Mas contém-se. Tem o firme propósito de não telefonar. E Dana também não terá meios como achá-lo, já que não trouxe seu celular.  
"Fox Mulder, ainda não está tudo perdido! Sua vida ainda terá uma miraculosa solução!".  
Sua boca distende-se num riso amargo, com essas palavras em sua mente.  
"Miraculosa solução... será...? Quero crer nisso! Algo tem que acontecer!"  
Em segundos sua mente volta-se para o poster colocado na parede do seu antigo escritório, quando trabalhava no FBI.

"Eu quero acreditar"

Ele joga-se de costas na cama, olhos fechados. Morde uma unha, tentando passar o tempo.  
Levanta-se, de súbito. Joga por sobre o corpo o sobretudo.  
Sai, batendo a porta. No elevador consulta o relógio que está marcando uma hora e trinta e cinco minutos da madrugada.  
O recepcionista do hotel, ao vê-lo sair àquela hora, olha-o de soslaio.  
Mulder alcança a rua. O frio de enregelar os ossos, o faz colocar as mãos nos bolsos.  
Reduz a velocidade dos seus passos. Para que correr... se anda sem destino? Se não sabe nem em que direção está caminhando...?  
Um policial parado em uma esquina, examina-o, detidamente, com o olhar.  
Mulder passa.  
Um grande relógio numa torre lhe chama a atenção. Pára, olha-o por alguns instantes.

"O que Scully estará fazendo a esta hora? Tenho absoluta certeza de que não está dormindo ou não sei... talvez esteja... ela está cansada de um dia estafante. Voltou ao trabalho e o FBI não dá tempo de que ela pense num momento de relaxamento e lhe dá pouco tempo para ficar com William."

Recomeça seu caminhar.

Enquanto as solas dos sapatos batem nas pedras da calçada, relembra cenas.

\* \* \*

Dana, vestida num robe de cetim olhava, fascinada, o seu bebê adormecido.

- Olha, Mulder, não é lindo?

- É algo simplesmente maravilhoso, Scully.

- Obrigada, Mulder.

- Do que?

- Por esse filho.

- Hum, hum. - cercou-a com os braços - Você já me agradeceu por ele, lembra?

- Ah, é verdade. - encostou a cabeça no peito dele - Mulder...?

- O que?

- Sempre nos amaremos?

- Que pergunta! - apertou-a mais contra si e procurou-lhe os lábios carnudos.

A boca de Dana sequiosa à espera da sua entreabriu-se, já saboreando o beijo que ia chegar.

Mulder resolveu adiar o beijo, numa brincadeira.

- O que você quer? - sussurrou, em voz cheia de calor.

- Huum... você sabe... - disse, com tom manhoso.

- Agora não! - deu uma leve palmada em sua nádega.

- Ah, é? Quer que eu consiga um beijo à força, né? Me aguarde!

Mulder já havia desvencilhado-se dela e estava andando rápido para a sala.

- Espera, Mulder!

- Não vou sair. Estou aqui. Vem! - estendeu os braços para ela.

Dana cruzou os braços, insatisfeita. Suspirou fundo.

- Está bem. Muito bom. Já que não quer me beijar, eu também não faço questão...!

Alguém, num lugar distante, havia ligado um som, que vinha pela janela adentro, numa música suave.

Ele aproximou-se dela:

- Scully, você sabe essa música...?

- ... qual?

- Está ouvindo?

- Sim. Você a conhece?

- Espera... vou cantar...

Amor, eu partirei sem lhe dizer adeus  
eu viverei longe dos olhos teus..

- Por que canta isso? - ela quis saber.

- Nada... só um palpite. - suspirou, baixando a cabeça.

Dana perturbou-se com essas palavras. Aproximou-se dele, aflita.

- Mulder, o que está acontecendo? Que palpite é esse? - seus olhos já estavam molhados.

Mulder apenas apertou os maxilares, abraçou-a com ardor, sem dar a ela tempo de ver sua fisionomia pesada, preocupada com o que deveria acontecer dias depois.

Ele beijou-lhe a nuca, suspendendo-lhe os cabelos. Ainda com os lábios postos em sua pele morna, desabotoou-lhe os botões da blusa, procurando tocar nos botões de carne dos seus seios.

Colou a boca na de Dana, que a recebeu cheia de desejo.

\* \* \*

E essas lembranças mostram a Mulder a verdadeira solidão e carência na qual se encontra agora.

*"Lembrança é quando, mesmo sem autorização,  
sem pensamento reapresenta um capítulo."*

*Mario Prata*

Nota: Agradeço à minha amiga Eliete Aquino pelos belíssimos pensamentos de Mario Prata que me enviou, que compõem este capítulo e mais os que estão por vir.

## ANGÚSTIA NA MADRUGADA

*"Angústia é um nó muito apertado no meio do sossego."*

*Mario Prata*

### Capítulo 113

Dana olha o mostrador do relógio digital: 2:35 da manhã.

Sente os olhos pesando-lhe nas pálpebras. Estão inchados pela insônia. Afinal, como conseguir dormir bem com toda essa reviravolta na sua vida? A infelicidade parece não querer jamais deixar de fazer parte da sua existência.

Levanta-se um pouco, para olhar seu filho. Para sua surpresa, ele está acordado, erguendo os bracinhos para tocar no móvel de estrelas brancas acima do seu berço.

O coração dela aflige-se em imaginar que, aquele simples brinquedo possa mover-se sozinho, como da outra vez. Nem gosta de lembrar esse fato que lhe perturba tanto, desde aquele dia em que até sua colega, Agente Reyes, o havia presenciado.

Já meses passaram-se da saída de Mulder e ela ainda tem na mente as palavras daquele homem das sombras:

"Queremos a vida de Mulder ou a de seu filho."

"Mulder... meu filho....! Nenhum dos dois eu posso perder! Eles são parte de mim! Hoje sinto-me cansada, esgotada, sem ação, devido aos dias de angústia e desespero que já tive por todo esse tempo! E perdi Mulder... por tão pouco naquele dia ! Ele esteve tão perto de mim...!"

Dana vai até o móvel, retira da gaveta o e-mail impresso que Mulder lhe havia enviado há algum tempo atrás .

"Tenho que enviar outra mensagem pra ele." - pensa, ansiosa.

Abre o papel dobrado, lê o seu conteúdo e o encosta no coração, apaixonadamente. Um suspiro profundo sai do âmago de seu peito.

Ela retorna o olhar para seu filho.

"Tirar meu filho de mim? Matá-lo? Somente aqueles seres sem coração, sem entranhas, aquelas criaturas são capazes de tanta crueldade! - leva os dedos à boca, como que querendo evitar um grito que lhe quer sair do fundo de sua alma.

- Mulder... - murmura.

A criancinha lança um murmúrio, como se quisesse falar, olhando-a e movimentando os braços em sua direção.

- Não vou pegar você, gracinha! Você vai dormir.

O toque do telefone a distrai.

- A esta hora...?

O sonoro tilintar ressoa somente duas vezes e logo é desligado.

O cérebro de Dana logo imagina quem poderia ser.

"Mulder? Será possível que ele esteja tentando falar comigo? - leva a mão ao peito - Mas... e eles... aqueles miseráveis que monitoram minha vida? Eu poderia pedir ajuda à Monica ou... à minha mãe... sim! É isso! Mamãe! Ela pode me ajudar!"

Aproxima-se mais do berço da criança. Toma-a nos braços.

Caminha com seu filho apertado contra o peito, andando devagar, por toda a extensão do quarto. Cantarola baixinho uma música infantil, ninando o seu bebê.

A princípio os olhos curiosos e cheios de amor do bebê fitam sua bela mãe, emitindo sons que dão impressão de que deseja falar.

Aos poucos, porém, vai colocando os diminutos dedos no queixo de sua mãe, tocando-a, como



que para senti-la.

E nesse movimento, lentamente, seus olhinhos vão fechando; a mão já não se ergue até a face de sua mãe e ele, enfim, adormece.

Dana aconchega-o a si e o beija, com ternura.

Coloca-o no berço.

Prepara-se para também tentar dormir. Senta-se na cama, fecha os olhos, faz uma oração a Deus, pedindo pela vida de Mulder e seu filho.

Com um longo e profundo suspiro, deita-se.

Acompanha, com o olhar, o movimento ondulante da cortina na janela. O céu está claro pela luz da lua e as cintilantes estrelas no infinito piscam, sem parar. Os grilos fazem ecoar o seu cri-cri incessante.

Embora fechando os olhos, a mente não pára de perturbá-la com inúmeros pensamentos.

Dentro do coração muita angústia. Angústia esta que está a consumir-lhe as forças e o ânimo nessa madrugada fria.

"Eu preciso tanto de Mulder! Ele poderia estar aqui do meu lado...! Sofro muito, meu Deus, com a ausência dele. Tem momentos que me sinto fraca e impotente para continuar lutando. Doggett e Monica fazem tudo pra me ajudar, claro... mas isso não basta! Isso não basta! Mulder faz muito falta... no seu discernimento, sua desenvoltura para resolver o que precisa, sua intrepidez, sua astúcia, sua coragem para enfrentar a tudo e todos...!"

Grossas lágrimas deslizam-lhe sobre a face e molham o travesseiro.

Sente-se perdida. Só. Ela somente e uma indefesa criancinha.

As pupilas azuis nadam nas lágrimas e refletem a luz fraca do abajur aceso.

\* \* \*

Dana abre a porta para Maggie.

- Bom dia, filha.

- Bom dia, mamãe.

- Como vocês passaram a noite?

- Bem...

Maggie olha o rosto tristonho da filha.

- Dana, você está tão desanimada, filha! Tem mesmo que trabalhar hoje?

A filha esboça um sorriso, apenas:

- Mamãe, eu sou uma Agente Federal cheia de responsabilidades e tenho um trabalho muito sério a cumprir! Acabou-se minha licença já há tempos!

- Ah tá, tá... eu sei, eu sei! Apenas acho que você não está bem hoje!

- É. Na verdade, não estou. Mas do que adiantaria me lamentar? Tenho que apenas cumprir o meu destino.

- Tsc, tsc... força, minha filha! Nem tudo está perdido! Sinto amargura na sua voz. Tenha fé!!

Dana a segura por um braço.

- Mãe, senta aqui, pra eu lhe falar uma coisa.

A mãe atende o pedido.

- Escute mamãe, eu preciso que faça algo por mim.

- Algo...?

- Sim, muito importante.

- Sabe que pode contar comigo, filha.

Dana afirma com um meneio.

- Quero que vá ali no Cyber Cafe e envie um e-mail...

- ...?

- Vamos, não faça essa cara, mamãe! Não é um bicho de sete cabeças!

- Não... tudo bem... eu sei mexer naquilo! Só queria saber pra quem... - olha surpresa para a

filha - ... Dana... é pro F...?

- ... Mulder sim, mãe. Eu preciso e não posso ir eu mesma lá naquele lugar. Também nem sei se a mensagem chegará até ele, mas é uma tentativa.

- Tá bom, tá bom, eu vou. - sorri, condescendente.

- Obrigada, mamãe. - cobre o rosto com as mãos - Eu preciso desse seu favor! Preciso falar um pouco com ele!

- Tá, tá. Prepara aí o texto.

Dana, com rapidez escreve num papel as palavras e os endereços que sua mãe tem que usar.

Tem a certeza de que sua estratégia para comunicar-se com Mulder através de sua mãe, dará resultado.

***"Certeza é quando a idéia cansa de procurar e pára."***

***Mario Prata***

## ACREDITANDO NO IMPOSSÍVEL

*"Todo aquele que ama, acredita no impossível."  
Elizabeth Barret Browning*

### Capítulo 114

Para:

HYPERLINK mailto:trust\_no1@mail.com  
trust\_no1@mail.com

De:

mailto:queequag0925@hotmail.com  
queequag0925@hotmail.com

Preciso trocar palavras com você. Minha vida é somente trabalho, saudade e preocupação.  
William está bem. Esperamos você. Sempre.

Beijos

Dana

Ela tem em mãos o e-mail enviado a Mulder.

- Dana, só não entendo porque você me fez levar essa caixa e colocar a mensagem dentro! - diz Maggie, curiosa.

- Psiu, mãe! Deixa que eu sei o significado disso. Parece bobagem, não é? Mas eu suponho que é uma solução; pra mim e pro Mulder.

A mãe balança a cabeça, incrédula.

- Dana, continuo achando que ele não vai receber essa mensagem.

- Mamãe, eu o amo... e quem ama acredita no impossível!

"Agora só tenho que esperar a resposta. Ai... eu preciso tanto dele...! Tomara que me responda logo!" - pensa, embora sem sentir-se muito animada.

Maggie encaminha-se para o quarto a fim de pegar o bebê.

Dana termina de aprontar-se para sair. Despede-se da mãe.

Bate a porta atrás de si e fica parada no corredor, por alguns segundos.

Mil pensamentos ocorrem em sua mente atribulada.

Precisa pensar, urgente, numa estratégia para poder realizar o plano que tem em mente.

\* \* \*

A tarde já caíra e Dana, voltando para casa, ansiosa, deseja que a mãe lhe dê alguma resposta positiva sobre o que queria. Achara por bem nem telefonar. Precisa de respostas, confirmações reais, fossem ou não favoráveis ao seu desejo.

Está exausta. Ela, o Agente Doggett e a Agente Reyes, mais uma vez tiveram um dia de intenso perigo. Aliás, como sempre. Essa é a opção de vida que haviam escolhido.

Mal ela gira a chave na fechadura e abrindo e logo fechando a porta por dentro, vê Maggie, sorridente, vindo em sua direção.

A mãe lhe apresenta a caixa:

- Pronto, Dana. Horas depois peguei o seu e-mail de resposta do Fox.

- Mãe!!! Você é maravilhosa! - exclama, pegando a caixa e abre-a para ler a mensagem que está dentro - Mamãe... ele quer me ver!

- Ele quer... o quê??
- Me ver, por que?
- Ele não diz nada disso aí...! Como é que você sabe?
- Porque é um código, mamãe.
- Dana, você não sabe que a situação não dá pra isso? Você não está vendo o perigo que você corre? E ele também?

Ela abaixa a cabeça, dizendo num fio de voz:

- Não importa.
- Como não importa? E o seu filho?

Dana senta-se, arrasada.

Reflete em como está completamente desarvorada sem Mulder. No trabalho, tudo bem. Dá para ir levando e consegue sobrepujar a sua fraqueza, a sua fragilidade, mesmo estando sem o apoio moral e físico do seu amado.

Dana levanta-se, decidida.

Maggie, vendo-lhe a disposição, a interroga:

- O que vai fazer?

Mamãe, depois conversamos.

Vai até o berço do seu filho. Contempla-o por alguns segundos. Toma-lhe as pequeninas mãos e as beija, carinhosa.

- Tchau, gracinha. Depois mamãe volta.

O nenê movimentava pernas e braços, olhando-a fixamente.

Dana tira alguns objetos do armário e coloca-os numa bolsa a tiracolo.

Maggie acompanha cada gesto da filha.

- Onde vai?

Dana pára e fita-a, firmemente.

- Mamãe, por favor... não faça perguntas.

Maggie desiste e afasta-se, balançando as mãos para o alto.

- Está bem, está bem! Tomara que saiba o que está fazendo!

Dana lhe envia um vago sorriso.

Sai.

\* \* \*

A estação estranha a deixa em suspense.

Está preocupada. Franze as sobrancelhas. Todos os seus passos devem estar sendo monitorados. Está sabendo. Neste lugar, no entanto, acredita que só se alguém a estivesse seguindo.

Precisa dar um jeito. Tem que sobreviver.

Na pequena e pobre cidade as poucas pessoas que passam por ela notam que é estranha ali.

Não há luxos, nem modernidade, parecendo que o progresso ainda não chegou ao lugar.

Dana aproxima-se de um homem vestido em trajes humildes.

- Por favor, pode dizer-me onde posso encontrar um hotel, hospedaria, qualquer coisa para passar umas horas?

O homem olha-a com ar curioso e aponta adiante:

- Lá perto daquele posto de gasolina tem um hotel...

Obrigada.

- ... olhe, senhora, não é de luxo não...!

- Ok, senhor. - agradece e afasta-se.

Caminha muitos metros até chegar à frente do hotel.

Na recepção pede um quarto.

Encaminham-na até o quarto, subindo uma escada de madeira.

Dentro do quarto Dana reflete por alguns instantes, enquanto a pessoa que a tinha levado, sai.

Ela abre a pequena janela de duas bandas de madeira e venezianas. Olha o ambiente lá fora. Avista lá ao longe, bem distante, a imensa montanha que corta com sua silhueta escura o azul do céu.

"Desta vez não há ninguém entre nós, Mulder!" - pensa, com o coração batendo descompassado.

\* \* \*

Dana sente-se emocionar. A garganta está fechada. Se tivesse que pronunciar alguma palavra, certamente não o poderia fazer neste momento. Aguarda.

Na pequena estação o barulho do trem já pode-se ouvir à distância.

Ela coloca a mão no peito, angustiada. Consulta o relógio de pulso.

Anseia, com a mente tumultuada pela incerteza, logo ver a figura amada diante de seus olhos.

***"Ninguém anseia por aquilo que facilmente obtém."***

***Ovidio***

Nota - Agradeço de coração a colaboração da minha amiga Adriana, que me enviou os pensamentos que compõem este capítulo e mais outros que estarão em capítulos que serão exibidos futuramente.

## CORAÇÃO ANSIOSO

*"Ansiedade é quando sempre faltam  
muitos minutos para o que quer que seja."*

*Mario Prata*

### Capítulo 115

Cada minuto, cada segundo naquela plataforma, é uma preciosidade.

Dana, enquanto denota segurança exteriormente, em seu interior a ansiedade a faz aniquilar-se, lentamente.

O trem, que à distância dera seu sinal, já pode ser avistado. E, aos poucos, aproxima-se da estação.

Ela leva as duas mãos à boca, nervosa, desejando gritar a todo pulmão o nome do seu amado.

- Mulder! - diz baixinho - Mulder! - repete.

Aos poucos o ruído do trem mostra que suas máquinas estão parando de funcionar.

O olhar aflito de Dana perscruta os vagões, portas, janelas, uma a uma, nervosamente. Caminha de um lugar para outro. Alguns viajantes que haviam deixado os vagões, transitam por ali, tomando seu rumo, passando por ela, apressados.

- Mulder... não é possível! Eu tinha certeza de que viria...! - seu coração só falta parar, tão descompassadas estão suas batidas - Não é possível, meu Deus! - queixa-se.

Um dos passantes a olha, compassivo, e continua seu caminho.

Dana anda de ponta a ponta da pequena estação, observando atenta às janelas e portas do trem.

Nada. Nem sinal de Mulder

Ela sente-se frustrada. Aniquilada.

Resolve esperar, ainda, alguns minutos para ter a certeza de que Mulder não viera.

Desanima. Já dez minutos haviam se passado e ela ainda está ali, aguardando. Mas nem sabe o quê. Mulder não viera, conforme prometera. De seu peito sai um profundo e dobrado suspiro.

Sente-se cansada. Debilitada.

Se tivesse um tapete mágico para carregá-la até um lugar distante, sem fim, sentir-se-ia feliz.

Mas não tem. Seus pés terão que sustentar e carregar seu corpo pesado pelo fardo do desgosto.

Nem sabe como tem forças para aguentar tanta amargura.

A tarde ainda está clara. Esparsas imaculadas nuvens espalham-se no céu azul, mostrando que o tempo está perfeito, sem sinais de chuvas.

Caminha olhando à sua frente, lançando, vez por outra, um olhar para os lados, a fim de fazer um reconhecimento de todo aquele trajeto que está percorrendo até o hotel.

Já avista o lugar onde está hospedada e, por alguns minutos pára, observando duas crianças a brincarem alegremente no chão de areia.

Elas levantam pequenas vasilhas que contém areia e as despejam, divertindo-se com a nuvem que se forma quando o vento a desfaz no ar.

Dana reflete, por instantes, porque seu filho não pode viver como aquelas duas crianças, livres, soltas, tão naturais, tão despojadas de algum sentimento de medo de perseguições ou coisas que o valha.

Volta a caminhar, tirando da cabeça essas idéias.

De que adianta pensar dessa maneira, se a verdade é que tanto ela, quanto Mulder, sofrem as agruras de uma vida complicadamente insegura?

De que adianta cismar, sonhar, refletir sobre situações amenas, se sua vida, seus caminhos lhe

deixam sempre o coração ansioso? Sempre buscando encontrar soluções que, na certa, nunca encontrará somente neste nosso mundo?

De súbito, todos os seus pensamentos são interrompidos. Ela sente que alguém lhe segura por um braço.

- Que...?

Volta-se, imediatamente, bem assustada.

- Scully...? Estou tão feio assim pra que você se assuste tanto?

- Mulder... mas é você mesmo??

Ele a toma nos braços fortemente. Estão próximos a uma árvore de largo tronco, cuja copa sombreia boa parte do chão.

O abraço apertado e afetuoso faz com que os dois se calembem, só emanando deles a sensação da doçura e do amor que os une.

- Tem alguma dúvida?! - ele pergunta, segurando-lhe o rosto entre as mãos.

- Não... mas por que apareceu só agora?

- Prevenção, Scully. Prefiro não me mostrar logo à chegada do trem.

Dana sorri. Mas ao mesmo tempo seus olhos enchem-se de lágrimas.

- Se quiser, eu vou embora! Você ficou triste! - brinca ele.

- Seu bobo! - repreende-o, a sorrir entre as lágrimas - Mulder, estou tão feliz!

- Sinto sua falta, Scully! - prende-a entre os braços, encostando-a contra o peito, quase levantando-a do chão.

Agora caminham abraçados.

- Você hospedou-se em algum lugar?

- Naquele hotel, lá adiante.

- Aliás, deve ser o único deste local.

- Exatamente.

Mulder estaca os passos para aspirar-lhe o perfume dos cabelos e apertá-la mais fortemente contra si, por alguns segundos.

Recomeçam a caminhar.

Mulder sente desejo de carregar no colo aquela quase boneca que tanto lhe aguça os sentidos do desejo.

- Estou achando você mais magro. - ela comenta.

- Acha?

- Sim.

- Seus cabelos estão mais longos... e também está um pouco pálida...

- Hum... não é pra menos. É como eu lhe disse na mensagem: muito trabalho e solidão.

Entram no hotel. Sobem a escada.

No quarto, Mulder olha ao redor.

- Scully, você não está tão confortável assim...

- Eu sei, Mulder. As circunstâncias porém...

Ele não a deixa concluir.

- Venha cá.

Puxa-a para si; segura seu rosto entre as mãos; fita-a com olhos perscrutantes; aos poucos os lábios vão se aproximando, num só desejo de realizar o que seus corações almejam.

Por fim, boca sugando boca, numa só sensação de posse e gula voraz.

Dana o recebe com todo o ardor de seu desejo.

Ele afaga-lhe os cabelos.

- Scully, eu não aguentava mais. Só de pensar em você eu ficava louco... olha como estou... - ele a aperta mais contra si e a faz sentir o entumescimento de suas carnes sob a roupa.

- - Huum... estou vendo, Mulder... - sussurra-lhe aos ouvidos - ... e temos que dar uma solução nessa situação... - sorri, levemente para ele - ... Mulder...Mulder...? - sussurra.

O que...? - responde, deslizando os lábios sobre os olhos e nariz dela, com a respiração afogueada.

- Nós não podemos ficar assim...!

- Claro que não! - procura-lhe novamente a boca, num beijo ardente e prolongado.

Por longo momento manifestam o desejo vibrante de seus corpos nesse beijo.

- Mulder...? - sussurra mais uma vez, ainda com os lábios presos nos dele.

As mãos de ambos agarram-se às costas, mutuamente. Aflitas. Nervosas. Desejosas. Ansiosas por vasculharem o corpo amado colado ao seu.

- Mulder...? - repete.

- Ahn...?

- Eu preciso... - recebe o beijo dele - ... que me diga...

Ele pára de acaricia-la com os lábios para fitá-la.

- O que quer saber, Scully?

- Você voltou... pra sempre?

Ele a prende, inopinadamente, contra si. Nada responde.

- Mulder...?

Ele enfia os dedos trêmulos de desejo entre os cabelos dela, penetrando o olhar verde transparente, agora quase acinzentado, no azul vibrante e molhado dos olhos da amada.

- Não, Scully.

- Ahn??

A interrogação saíra tão rápida do peito dela, que ele é tomado de surpresa.

Fita-a, intensamente.

Dana nada mais fala. Seu olhar diz todas as palavras do coração. Não é necessário pronuncia-las.

Os olhos enchem-se de lágrimas, que escorrem do canto de seus magoados olhos.

- Ah não, Scully! Eu não quero fazer você chorar!

Ela meneia a cabeça, negativamente.

"Não é possível! - pensa - Eu não aguento mais ficar longe dele!"

Mulder aperta Dana contra si, carinhoso. A impetuosidade anterior dera lugar à ternura, à doçura.

- Lindinha, eu te amo muito, muito! E é por isso mesmo que não posso estar perto de você... nem de nosso filho. - fala, com o queixo apoiado nos cabelos dela.

- Mas isso não pode continuar, Mulder! - queixa-se.

Ele levanta-lhe o queixo, procurando os lábios desejados.

Umas batidas na porta os faz perder, imediatamente, suas sensações. Sua vontade, seus desejos. Com dificuldade.

Dana arqueia a sobancelha. Enxuga os olhos com os dedos.

Mulder morde os lábios. Dirige-se para a porta e vai ver quem está querendo falar com eles, interrompendo-os num momento tão importante e tão íntimo.

*"Vontade é um desejo que cisma  
que você é a casa dele."*

**Mario Prata**



## DEVASTADOR SENTIMENTO

*"Sentimento é a linguagem que o coração usa quando precisa mandar algum recado."*  
**Mario Prata**

### Capítulo 116

Um homem de aparência rude, mas pacata, à porta, olha para Mulder, com ar desconfiado.

- Não é uma moça que está hospedada aqui?

Mulder olha para Dana, fazendo-lhe um sinal para que chegue até a porta.

- Ah, sim, senhor! Eu preciso de uma informação sua. Eu é que o chamei. - diz ela, aproximando-se.

- Pois não, senhora.

- Eu queria saber se aqui na região existe alguma indústria.

- Indústria? Como assim?

- Alguma fábrica...

- Ah, sim! Temos uma de sapatos, outra de caixas d'água...

- Sei... - olha para Mulder - ... só essas? Não tem uma metalúrgica aqui?

- Sim, sim, temos! - responde o homem, prontamente.

- Ok. Era isso que eu queria saber. É longe daqui?

- Uns quarenta minutos, talvez.

- Obrigada, senhor.

- De nada, moça. Tenham uma boa tarde.

O homem sai.

Dana fecha a porta, a seguir.

- Qual é o motivo, Scully?

- Da minha pergunta?

- Sim.

- Mulder... eu sei que você sabe tudo sobre aquela montanha. - diz, apontando pela janela.

- A pedreira? É isso?

- Sim, é isso.

- Scully, quero você fora disso.

- O quê, Mulder? Nem pensar!

Ele segura-a pelos braços.

- Scully, William, o nosso filho precisa de nós... - suspira - ... de você, Scully, muito!

Ela afasta-se:

- Mulder, eu não ignoro isso, mas eu preciso de você também. E quero ajudá-lo nessa empreitada de vida terrível que está levando, vivendo longe de nós como um fugitivo! Shhhh... ele coloca os dedos nos lábios dela - ... pára com isso; essa responsabilidade é toda minha.

- Negativo! Eu tenho que fazer alguma coisa!

- Claro que tem! Cuidar do Will! Orientá-lo no seu caminho pela vida, cuidar dele...

Dirigem-se para o quarto.

Dana senta-se na cama.

- Mulder, você sabe como destruí-los...!

- Sei. - com um meneio confirma - Sei, sim. Por que você acha que marquei encontrar-me com

você aqui? Por que? Aqui me sinto mais seguro. Basta que venha ver-me aqui. E isso é o suficiente.

- Mas não pra mim, Mulder! Eu não aguento...! - coloca as mãos no rosto, angustiada; do seu peito escapa um soluço - Eu não aguento mais! Só trabalho e sofrimento...! - queixa-se.

Ele acerca-se dela, amoroso:

- Ah, lindinha, eu não vim encontrar você para falar sobre isso... temos que ter esperança em solução pra tudo isso que sofremos agora e existe o nosso amor... temos que ter força e acreditar, Scully!

- Mulder...

Ele não lhe dá tempo: beija-a, com ardor.

- Scully, - fala com a boca sobre os lábios dela - eu não vou investigar sobre essas coisas... eu não quero saber de nada, agora; Scully... só quero você... preciso de você... - aperta-a entre os braços, falando-lhe sobre os cabelos - ... não sabemos até quando teremos uma oportunidade igual...

- Mulder...

- Pára, Scully... eu quero você! - sussurra com sua voz acariciante, onde bolinhas de gude deslizam em sua garganta.

- Mulder... eu não estou reconhecendo você...!

- Scully, antes disso tudo eu não tinha você... eu não conseguia chegar até você, ao seu coração e então me voltava apenas para o meu trabalho com o desconhecido, para as aberrações...

Scully, e eu não sou mais do FBI!

Ela reflete por alguns segundos apenas. Aperta-se a ele.

Ele é o seu dono, o manipulador das suas sensações de sensualidade. Ele é o causador do devastador sentimento que lhe fustiga a alma e o seu ser.

Mulder a encaminha para o banheiro, abraçando-a

- Não devemos saber de mais nada, Scully, por enquanto. Este momento é só nosso!

- Hum, hum. - ela confirma.

Ajudam-se, mutuamente, a despir-se cada um.

- Sinto sua falta. - ele fala ao ouvido dela.

- E eu a sua, Mulder. - retruca.

O chuveiro de água abundante, despeja o líquido transparente sobre eles, que a recebem sobre o corpo, sem sentir sequer a gélida água, pois o calor da paixão os abrasa.

Mulder busca, dobrando o corpo sobre Dana, procurando com a boca saciar o desejo que lhe impõe estar ali, quase que adorando o corpo dela, muito branco e frágil diante de si.

Dana sente a sensação fantástica de todo o seu ser vibrando sob os afagos de Mulder, que lhe cobre cada centímetro de pele com carícias sem fim.

Ele parece querer usufruir em poucas horas toda a compensação da tormentosa ausência que sofrera por muitos meses.

Ele suga-lhe os botões de carne dos seios e sente que o órgão entumecido e vibrante, deseja abrigar-se, apossar-se do recôndito mais íntimo de sua amada. Tem que tomar posse desse corpo que a ele se entrega.

E por minutos assim permanecem. Colados. Unidos. Carne com carne. Prazer com prazer.

Delírio com delírio.

Ambos gemem de prazer e felicidade.

Desprendem-se, enfim, saciados do ato de amor.

Mulder faz menção de sair do box. Dana o segura.

- Espera. O sabonete...

- Ahn? - ele esboça um sorriso - Claro, lindinha, que você não ia deixar passar.

- Lógico - começa a ensaboar toda a estrutura grega do homem amado.

- Huum... é cheiroso demais! - agarra-a e seu corpo desliza no dela.

- Espera... deixa eu passar direito!

- Nunca senti esse perfume.

- Clair de Lune.

- O quê? Nome francês?

- Ele é um sabonete francês!

- Huuum... então deixa agora eu ensaboar você.

Deixam cair a água sobre seus corpos quentes e vibrantes.

Saem, após esses momentos de êxtase, do chuveiro. Enxugam-se.

Ela o vê enxugar-se mal. As costas e nuca estão molhados. Como sempre ele usa deixar assim ficar.

- Vem cá, Mulder. Eu enxugo você.

Passa toda a toalha seca sobre a pele dele.

Mulder arranca-lhe a toalha da mão e a atira sobre o lavatório.

Toma Dana nos braços, facilmente. Carrega-a para a cama.

Coloca-a ali e joga-se nela também.

Dana cobre seus corpos com um cobertor.

- Pra que isso? - ele indaga.

- Está frio.

- Isso só atrapalha... - ele dá uma risadinha.

- Não seja bobo. Daqui a alguns minutos você vai ver como esfria.

- Tá. - ele concorda, enfim.

Abraçam-se sob o cobertor.

Ela deita de lado com a cabeça no peito dele.

Ele acaricia-lhe as costas.

- Scully...?

- Hum?

- Você sentiu mesmo minha falta?

- O que você acha?

- Acho que você quebra o galho com aquele cara da pizza.

Ela dá-lhe um tapinha na boca.

- Ah, pára Mulder! Não tem mais graça!

Apertam-se mais.

\* \* \*

Dana, de pé, braços cruzados ao peito, contempla Mulder deitado, relaxadamente.

- Mulder, eu quero ir lá.

- Lá onde?

- Você sabe.

- Não iremos, Scully.

- Mas Mulder, eu quero somente saber se são fabricados produtos com aquele metal da pedreira! Olha só...quando recebi o e-mail enviado para você, coloquei a mensagem impressa dentro de uma caixa de metal trabalhado, que eu havia comprado a dias atrás e acho que assim...

- ... assim o que, Scully? - interrompe.

- ... eu pude despistar os caras que monitoram tudo que faço...

- Você acredita nisso? - ele ri, divertindo-se.

- Por que não?

Mulder a agarra, fazendo graça com o que ouvira.

Dana aborrece-se.

- Pára, Mulder! Por que ri assim?

- Scully, você é tão inteligente, por que criaria uma técnica tão bizarra pra dar jeito nessa situação?

- Bizarra?!

- É tão engraçado, que chega a ser bizarro!

Dana não quer entender o motivo de tanta ridicularização da parte dele. Ergue as sobrancelhas, faz um bico com os lábios, cruza os braços novamente.

- Mulder... eu fiz aquilo porque observei que a etiqueta de fabricação da caixa indicava ser um artefato desta cidade .em que estamos, agora. Podem fabricar coisas com aquele metal!

Mulder a abraça, carinhosamente.

- Scully, estou só brincando. Nós temos outras coisas mais interessantes para conversar. Só lhe peço que desista do que deseja investigar. Não se envolva nisso.

Dana, na sua pequenez diante da estatura de Mulder, rebusca com o olhar os apertados olhos esquadrinhadores dele em sua direção.

- Scully, daqui você vai embora. Só viemos até aqui para nos encontrar.

Ela descruza os braços, chateada.

- Eu não quero assim, Mulder! Eu não aguento mais essa situação...!

- E que tal se você tivesse que aguentar saber que seu filho teria que ficar até sem a mãe, que talvez você, num último suspiro de vida, tivesse que refletir que ele ficaria só? Hein, Scully? E aí, não seria mais doloroso do que não ter o pai ao seu lado? Muito menos doloroso ele ter sua mãe atenta às suas necessidades? Scully... William não pediu pra vir ao mundo... nós o geramos e temos que assumir esta responsabilidade. Temos que unir nossa força de pensamento! Você é, agora a responsável direta por nosso filho. Assuma isso!

- Mulder, eu assumo isso desde que me conscientizei de que ia ter o meu filho e ser mãe solteira.

Mulder nada mais retruca. A frase dita lhe fez doer o fundo da alma. Em parte sabe que tem uma certa culpa de todo o drama pelo qual estão passando agora.

***"Culpa é quando você cisma que podia ter  
feito diferente, mas, geralmente, não podia."***

***Mario Prata***

## COMO EXPLICAR O AMOR?

*"Amor é um exagero... também não!  
Um dilúvio, um mundaréu, uma insanidade,  
um destemperado, um despropósito, um  
descontrole, uma necessidade, um desapego?  
Talvez porque não tenha sentido, talvez  
porque não tem explicação, esse negócio de  
amor não sei explicar.  
Mario Prata.*

### Capítulo 117

Por alguns momentos há um silêncio entre ambos. Mulder esquadrinha, com seus olhos penetrantes, o semblante de sua amada.

- Dana, está zangada comigo?

- Dana?! - ela parece despertar; abraça-se a ele - É tão raro me chamar assim...!

Ele não retruca. Sua respiração afogueada fala por ele. Procura os lábios dela, quase desesperadamente.

- Nós não podemos levar muito tempo mais juntos.

- Mulder... meu Deus! Como vou aguentar tudo isso? - seus olhos ficam úmidos.

- Não, não chore! - toma-lhe o rosto entre as mãos, ansioso.

- Eu não quero que você vá...! - soluça.

- Eu sei... eu também não quero ir, Scully! Não quero... mas tenho que ir embora.

Mulder toca os lábios várias vezes sobre os dela, apaixonado. Prende-a junto a si, para senti-la colada ao seu corpo ansioso em tempo de espera, quase incontrolável.

- Quero, com toda a força do meu coração que você e o William fiquem bem e em segurança!

Ela meneia a cabeça, indicando compreender. Sua garganta não tem condições de pronunciar uma palavra sequer. Está muito abalada. O desgosto que a ataca é profundo, enraizado até o fundo de sua alma.

Sente-se a mais infeliz de todas as mulheres.

Mulder, abraçando-a, a faz chegar até a janela.

Dana, com a cabeça encostada no peito quente dele, fecha os olhos.

Aqueles momentos em que estão ali, juntinhos, abraçados, em paz, a emocionam muito. É um sentimento indefinível e extremamente prazeroso.

- Escute, Scully... nunca, em hipótese alguma, diga a alguém que se encontrou comigo...

- Mas minha mãe...

- Ela sabe?

- Sim.

- Tudo bem. Mas faça com que ela não fale a ninguém sobre isso. É muito importante. Conviva em sua rotina de trabalho com o Doggett e a Reyes, nada deixando perceber a existência deste nosso encontro.

- Pode deixar. - abraça-se a ele, beijando-o no pescoço - Eu só quero uma coisa, Mulder.

- O que?

- Que acabe isso tudo.

- Tá. Já falamos nisso. Vamos aguardar.

- Quem e o quê?

- Eu não sei, Scully, eu não sei. É só um palpite.

Mulder olha para o céu.

- O tempo mudou, Scully.
- Sim, parece que vai chover.
- Parece? Olhe com atenção! Já está chovendo!

Ela aperta-se mais a ele.

- O tempo assim me deixa nostálgico. - ele fala.
- Também prefiro ver um sol brilhante entre as nuvens, Mulder... - faz uma pausa - Mulder... olha lá. - aponta com o olhar.

Ele leva a vista na direção da montanha que ela lhe mostra. E entende o que ela lhe quer dizer.

- Mulder... uma roupa que foi elaborada pela raça daquele homem que perseguia você naquela noite, foi examinada e o material dela é uma espécie de malha de um metal especial, sabe pra que?

- Protege os supersoldados do poder de atração da pedreira.
- Você sabe...?!
- Claro que sei, Scully.
- Mulder, então nós podíamos...se a malha usada por eles os protege contra a imantação daquele material na rocha... estive pensando...
- No que?
- ... se fosse feita uma roupa protetora com o dito material...
- Mas ela atrairia os caras...!
- Não, não! Penso assim... invertendo os pólos da energia que a compõem... não sei... talvez...
- Chega, Scully.
- Mulder, nós poderíamos...

Ele não a permite continuar. Cobre-lhe a boca com a mão e a carrega nos braços.

- Pra onde vai me levar?
- Pra onde você acha que um homem leva sempre sua amada?

Ela o enlaça pelo pescoço, feliz, embora suspirante, desejando intimamente, que ele aceitasse sua idéia de irem investigar o que poderia ser feito para não mais serem perseguidos pelos alienígenas.

- Scully, o Will está grandinho?
- Ele está lindo, Mulder!
- Sinto falta de poder segurar o Will, brincar com ele...

Ele coloca Dana docemente, sobre a cama.

Ela deita-se com os braços cruzados à nuca.

Mulder, de pé, continua contemplando-a Como se ela fosse uma deusa. Algo divino.

- Scully, eu vou morrer de saudade.
- Eu também, Mulder!
- Mas você tem o Will pra lhe distrair... e eu fico só!

Ela estende os braços para ele.

- Vem cá, meu menino grande...!

Ele mostra a ela seu sorriso. Condizente com o substantivo pelo qual ela o havia chamado. Menino.

Ele deita-se.

Dana joga seu corpo sobre o de Mulder. Acaricia-lhe no peito, deslizando os dedos sobre a pele e os poucos cabelos ali espalhados. Depõe, levemente os lábios sobre seu morno tórax.

Mulder fala com sua característica voz:

"Scully... ouve estes versos que te dou, eu os fiz  
 Hoje que sinto o coração contente  
 Enquanto o teu amor for meu somente  
 Eu farei versos... e serei feliz."

Dana estaca, surpresa:

- Que lindo, Mulder! Você está tão inspirado!

- Você é que me inspira, lindinha!

- Ah, Mulder! - ela deixa-se ficar quieta entre os braços dele - Eu tenho um sonho na minha vida, de um dia... um dia poderemos viver sem esse tormento de perseguições e medos.

- Sei... mas Scully, agora faça assim... - ele fecha os olhos - imagine-se num belo jardim, onde nós estamos caminhando, curtindo a alegria de podermos estar juntos, mesmo em meio a tanta tribulação...

- Estou imaginando. - ela, por sua vez, fecha os olhos, para ouvi-lo falar.

"Repara, meu amor, naquelas rosas vaidosas ...

Só porque ao seu redor os pássaros e abelhas adejam...

Quero que venhas comigo até o jardim,

Para que aquelas rosas vaidosas te vejam..."

- Ai, Mulder! Que emoção!

Dana aperta as pálpebras dos olhos fechados e uma lágrima escorre, caindo no peito de Mulder.

- Scully, Scully... - suspira - ... quem pode explicar o amor? É um sentimento tão possessivo, que nos domina a alma, arrasa a nossa razão.

Dana apenas o escuta falar, divagando ela mesma a respeito dos seus próprios sentimentos pelo homem que tanto ama.

De súbito, Mulder ergue-se da cama.

- O que foi? - ela pergunta.

Ele coloca um dedo sobre os lábios, indicando um gesto de silêncio.

Vai até a porta, em passos rápidos, com os pés descalços.

Dana o segue.

Ele atento, fita a brilhante maçaneta da porta.

- Mexeram no trinco. - ele fala em voz baixa.

- Mas... - ela tenta dizer, porém cala-se, pois neste instante vê o trinco a girar; um temor lhe toma o coração.

- A arma, Scully!

Ela, imediatamente, corre para pega-la de dentro do bolso interno do blaser, pendurado no espaldar de uma cadeira.

- Tchau, Scully. - ele a beija na boca, ardoroso e afasta-se.

Veste rapidamente a calça e camisa de mangas compridas, deixando-a desabotoada, calça os sapatos.

- E não esqueça, Scully ! Vá embora o quanto antes!

Mulder retorna à porta e segura o trinco para abri-la, num gesto rápido, mas uma espécie de choque faz-lhe vibrar todos os seus nervos no corpo.

Ele larga o trinco, de súbito, sentindo a mão amortecida e cheia de dores.

- Mulder...! - Dana balbucia, vendo-lhe o semblante de dor.

Novamente ele faz um sinal de silêncio e sai em seguros passos em direção da janela.

Dana, atônita, está sem fala.

Nem sabe o que dizer, vendo os gestos impetuosos e perigosos dele, numa saída estratégica, em busca de dar um basta naquela maldade do inimigo.

***"Os maus são uns doentes que não querem médico."***

***E. Blasco***

Nota - Agradeço à minha amiga Luzy pelos versos que compõem este capítulo e outros mais que farão parte dos Devaneios.



## INIMIGOS

*"Os inimigos declarados são os menos perigosos."*  
*Duchesne*

### Capítulo 118

Mulder galga com destreza a janela um tanto ampla do quarto. Segura-se na esquadria, olhando para baixo, calculando a altura em que se encontra.

Dana, ainda atônita, tenta conter o grito de aflição que está prestes a sair de sua garganta, tão apavorada está agora, vendo Mulder subir pela janela, arriscando-se a muitos metros do solo. Mulder segura-se como pode pelas protuberâncias em colunas existentes nas paredes entre uma e outra janela.

Beirais de cimento ajudam-no a conseguir locomover-se, logo alcançando a janela seguinte.

Num rápido movimento, segurando-se com força nas paredes, consegue chutar o vidro da janela, que se parte em mil pedaços, caindo sobre o piso do aposento pegado ao qual estava ele junto com Dana.

Num pulo, joga o corpo para o interior do quarto da janela que alcançara.

O grito de uma mulher que surge apavorada com o ruído cristalino do vidro que havia se quebrado, o surpreende.

Mulder a acalma, com as mãos abertas.

Calma, senhora! - faz um gesto rápido de procurar suas credenciais para exibi-lo diante da mulher, mas de súbito lembra-se de que já não pode fazê-lo, pois não é mais um agente do FBI. "Como explicar à mulher?" - pensa, constrangido.

Senhora, há um malfeitor no corredor aí fora e eu preciso pegá-lo. - explica à atarantada mulher.

Assim falando e sem mais nada esperar, rapidamente dá largas passadas em direção da porta para sair do quarto no qual se encontra neste momento.

A mulher, ainda embasbacada, permanece boquiaberta, acompanhando, impassível, cada gesto de Mulder.

Os tiros disparados por Dana do outro quarto, são ouvidos partindo do corredor.

Mulder sai imediatamente do aposento.

Scully, já havia aberto a porta do seu quarto, a fim de enfrentar o intruso, mas só vê Mulder chegando, afobado, correndo pelo corredor.

Um vulto insinua-se, descendo a correr a estreita escada de madeira.

Mulder o segue, disparado.

Dana fica estática diante da cena. Quer gritar por Mulder, vê-lo, ainda.

"Deus, eu não posso ficar com ele o tempo que preciso! Por que? Por que tem que ser assim?" - pensa, aflita.

Num ímpeto, segue correndo o estreito corredor afora e desce as escadas, seguindo Mulder e o desconhecido atacante.

Chega à porta principal, sem, porém, encontra-los.

Um sentimento de agonia a abate.

"Agora Mulder vai ficar perseguindo essa criatura sem sucesso, porque ele jamais poderá ser dominado, a não ser..." - imagina ela, pensando na sugestão que havia dado a Mulder horas atrás.

\* \* \*

Mulder persegue o homem por alguns minutos.

Em dado momento, porém, ele desaparece ante seus atentos olhos.

Ruelas com chão de barro e casas antigas estão em seu caminho. Mulder prossegue sorrateiramente, procurando não ficar muito exposto aos olhos malignos do inimigo. Ali, muitas árvores de grossos troncos facilitam às pessoas esconderem-se facilmente.

Mulder continua caminhando através da alameda formada pelas árvores frondosas.

Súbito, seu corpo parece receber um choque elétrico. Uma mão firme e dura segura-o pelo ombro, fazendo-o cair, rolando, pelo chão.

Ele vê tudo girando neste momento; sua cabeça, além de uma dor estalante, está zozna. Mas reúne suas últimas forças para jogá-las sobre o homem, usando seus pés. Consegue derrubá-lo, atirando-o para longe de si. Uma pedra ali no chão chama sua atenção. Pega-a e a atira sobre a cabeça da criatura que o atacara. Este vai ao chão.

Mulder levanta-se e, sem mais pensar, vai correndo em direção à estação de trem.

A chuva caindo forte sobre seu corpo o incomoda, quase o transtorna. Sangue e água misturam-se em seus lábios. Ele sente o sabor salgado do sangue junto ao insípido da água escorrendo em seu rosto, descendo por seu peito ensopando-lhe a camisa clara.

Deus, que sorte! - murmura para si mesmo, vendo que, junto à plataforma, já encontra-se um trem, aguardando para ligar suas máquinas para a partida.

Mulder, andando cambaleante, no meio da confusão de pessoas que por ali caminham, chega à primeira porta que enxerga com sua vista enevoada, disponível para dar acesso à entrada de passageiros.

Seu coração bate, disparado. Ele estaca, por segundos, seu gesto de subir no trem.

"Scully... minha Scully... não sei se ainda voltarei a vê-la..." - pensa .

Sabe muito bem que aquela criatura que o havia atacado se recuperará em minutos e entrará em sua perseguição novamente, como exatamente um robô, comandado por seus sinistros inimigos.

Uma dor aguda e pesada na cabeça o faz levar a mão à testa e somente assim nota o quanto está ferido. Sente o sangue escorrer em seu rosto. Retira do bolso o lenço e enxuga a face.

Quer que eu o ajude, senhor? - fala uma mulher de idade perto dele, sollicitamente.

Está tudo bem. É apenas um arranhão...

Não! Sua testa está com um ferimento profundo! Deve procurar um médico para fazer um curativo!

Não, senhora. O meu tempo é curtíssimo! Tenho que ir embora.

Mal pronuncia essas últimas palavras e já o trem prepara-se para a partida.

"Ótimo." - pensa consigo.

Senta-se num dos bancos que encontra-se vazio e tenta distrair-se, olhando o local que vai passando diante de sua vista. Enxerga as imagens duplas nos seus olhos de visão dorida e ainda enevoada. A friagem que toma conta de seu corpo, vestido na roupa molhada, o faz sentir calafrios.

A mulher que o havia abordado, sentara-se próxima a ele e o olhava, condoída e, ao mesmo tempo, desconfiada.

A dor na cabeça que Mulder sente continua pesada, incomodativa. Mas a ele pouco importa. O que lhe importa nesse momento é pensar em Dana, sua amada. Sente-se terrivelmente só e sofrido. Novamente estará sem a sua companheira de todas as horas. Durante esses nove ininterruptos anos de convivência, aprendera a ter ciência de que sua vida sem ela não tem razão de ser.

*"Razão é quando o cuidado aproveita  
que a emoção está dormindo e assume  
o mandato."*

*Mario Prata*

## INTUIÇÃO

*"Intuição é quando seu coração dá  
um pulinho no futuro e volta rápido."  
Mario Prata*

### Capítulo 119

Mulder sente que seria um pouco feliz se conseguisse, pelo menos, adormecer por alguns minutos.

O balanço leve do trem faz com que diversos passageiros dormitem, tranquilos, nos assentos. Aquelas pessoas já haviam deixado de examinar a fisionomia atormentada de Mulder. Este está sentindo-se cada vez mais tenso. A cabeça lhe dói, horrivelmente. É uma dor queimante e aguda.

Mulder está ciente de que precisa de ajuda, mas tem que continuar sua jornada.

\* \* \*

Ele deixa o corpo jogar-se, como um trapo, sobre uma cadeira. Na verdade, nem sabe como conseguira chegar até aquele hospital. Só tem consciência de que teve a ajuda da mulher que se preocupara com ele no trem e um outro passageiro.

O cheiro forte do clorofórmio dentro da sala de emergência é incomodativo, penetrando em suas narinas.

O senhor deveria ter cuidado disso mais cedo.

A voz da enfermeira parece ressoar como o alto badalar de um sino dentro dos ouvidos de Mulder.

O senhor acidentou-se muito frequentemente nos últimos tempos, não? - a enfermeira insiste na conversa.

Por que pergunta?

Pela quantidade de pequenas e leves marcas em seu rosto, já praticamente desaparecidas. O seu trabalho é de risco, senhor?

Enquanto a enfermeira cuida do ferimento em sua testa, tentando dialogar sem grande sucesso, a mente dele divaga, agora, na cena de Dana tratando de sua ferida na testa, tempos atrás.

Ele fecha os olhos e relembra que havia dito a ela, naquela ocasião:

"Scully, você tem mãos de pedra... - sente a imensa saudade que o martiriza - ... ah, Scully, Scully...quanta falta você me faz...!"

Pronto, senhor. Agora é só fazer a medicação que o médico indicou e está tudo bem.

Tudo bem. - repete ele, distraidamente - Obrigado.

Mulder caminha pelo corredor do hospital. Sente as pernas como chumbo, o peito oprimido, a dor na cabeça ainda continua forte e intermitente.

Ele sente que seus passos ainda estão um tanto cambaleantes.

Já na calçada da rua movimentada, ele faz sinal para um taxi. O veículo pára diante dele.

Boa noite, senhor. - cumprimenta o taxista.

Mulder apenas faz um gesto com a cabeça, cumprimentando-o

O motorista põe o carro em movimento.

Pois não, senhor?

Mulder nota que havia sentado pesadamente no banco traseiro do veículo.

Senhor, para onde devo levá-lo? - insiste o homem.

A voz do taxista ressoa retumbante nos ouvidos sensíveis de Mulder.

Ahn... o Lexington Hotel, por favor.

Pois não, senhor.

Mulder fecha os olhos. Os pensamentos embaralham-se em sua mente.

"Scully... supersoldados... William..."

O senhor sofreu um acidente? - pergunta o homem, vendo o grande curativo na testa de Mulder.  
É...

Com a resposta lacônica de Mulder, o motorista passa a colocar sua inteira atenção no caminho que está a seguir, na direção do veículo.

"Não sei qual a finalidade da minha vida, agora. - ele pensa - Longe de Scully e sei que ela precisa de mim... a minha forte intuição me diz isso."

Seus olhos vêm, distraidamente, as lâmpadas dos postes das ruas que passam velozes, como raios luminosos, diante de seus olhos cansados.

E em sua mente somente os grandes e azuis olhos de Dana fitando-o indagadoramente, tentando decifrar de seus pensamentos o porquê de tanto sofrimento pelo qual são obrigados a passar.

***"O pensamento consola-nos  
de tudo e a tudo provê."***

***Chamfort***

## RETORNO AO PASSADO

*"É conveniente interrogar o passado,  
porque a sua resposta será proveitosa  
à nossa experiência."*

*Young*

### Capítulo 120

*Por que estás abatida, ó minha alma?  
Por que te perturbas dentro de mim?  
Espera em Deus...*

As palavras batem fundo no coração de Mulder. Ele as lera há algum tempo atrás na Bíblia que Dana possuía. E esse versículo do Salmo fala muito ao seu interior cansado, esgotado pelas amarguras de sua vida atribulada.

Está sentindo-se infeliz e só. Faz-lhe falta o aconchego junto à Dana e seu filho.

Mulder joga-se sobre uma poltrona, estira as pernas à frente; joga a cabeça para trás; fecha os olhos. E suspira, num profundo abatimento.

Sua mente capta cenas do passado.

\* \* \*

O lar onde fôra criado.

Contendas, intriga, traição.

Sua mãe Teena, traira seu pai Bill, desrespeitando-o em seus votos de companheira fiel na alegria e na tristeza, na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza...

O Canceroso... então ele, Mulder, seria seu filho...? Aquele asqueroso homem lhe dera a vida, mas fizera gerar também um lar desgraçado.

Relembra os choros escondidos de sua mãe; as discussões entre os pais e ele e Samantha, sua irmã, escondidos, observando aquelas tristes cenas, apavorados, as lágrimas escorrendo pelas faces.

E aquela mulher bonita que conhecera na sua juventude? Com maneiras distintas, refinadas, mas pensamentos não condizentes e que sempre o tratara com desdém, até o momento em que, de uma só vez, despedaçara como fino cristal, todo o sentimento que ele ainda mantinha por ela.

Phoebe Green o tratara como a um escravo; e ele quase tornara-se mesmo um em suas hábeis mãos de mulher vivida e astuta.

E Diana Fowley? Ela fôra parte de sua vida. Quiseram até formar um lar. Um lar que não deu certo.

Ela tinha os mesmos pensamentos dele, mas ideais diferentes.

Essa divergência os afastara um do outro, embora ela parecia tê-lo amado, ainda mesmo após a separação.

Tais situações vividas o haviam tornado um homem que desacreditara no amor. A partir de então, apenas enxergara diante de si a infidelidade, o egoísmo; tornara seu coração imune a qualquer sentimento romântico, apesar de que não conseguira deixar de ser um homem sensível, embora às vezes denotando um temperamento rude, quando suas palavras sarcásticas maltratavam a quem dele se aproximava; voltava-se, então, a fim de satisfazer a sua ânsia sexual, para as fitas de filmes pornográficos diante da TV, na solidão de suas noites mal dormidas, quando podia ter seus sentidos voltados para a sexualidade ordinária das personagens daqueles filmes eróticos.

Até que um dia...

Debruçado sobre a mesa, a organizar fotos de seu arquivo, ouviu a voz feminina ao seu lado:  
Agente Mulder, eu sou Dana Scully...

E após essa ocasião, todo o seu ser mudara.

Considerava que jamais havia sucumbido ao ceticismo de sua parceira jovem, bonita, inteligente, culta, excelente profissional... porém descrente nas coisas que ele acreditava e lutava por elas.

A presença constante de Dana Katherine Scully o havia forçado a ser despertado para o amor. Mas ele não aceitava tal fato.

E, a cada ocasião em que conseguia demonstrar à sua parceira o sentimento maior que já havia nascido dentro dele, ao mesmo tempo ansiava para que ela ignorasse qualquer emoção sua por ela.

Por vezes nem conseguia entender a si próprio. Queria o amor de Dana, mas ao mesmo tempo procurava repelir do seu ser esse sentimento.

E sofria. E amava. E doía-lhe não ter a certeza de que ela também o amava. E isso o entristecia. E o acovardava. Mas não entregara os pontos por esse fracasso.

E assim, dedicava-se ao seu trabalho cada dia mais.

Ficar frente a frente com as aberrações que lhe cruzavam o caminho era bem mais tolerante do que ouvir um não de Dana Scully.

\* \* \*

Dana Scully.

O passado lhe parece longínquo. Em comparação com o presente doloroso.

Como é a vida...! Nem parecia que teriam um amor tão sofrido, arrasador...

Mulder retorna ao passado novamente, com os pensamentos voltados para cinco anos atrás.

Seus maxilares se apertam, lembrando o quanto sofrera naquela ocasião.

Em sua mente vem aquele leito de hospital em que a vida de Dana estava se esvaindo, entre as mãos dos médicos.

\* \* \*

E Mulder sofria. Muito.

Na penumbra do quarto estacou. Estava adquirindo forças para se aproximar do leito que guardava a sua frágil Dana.

Ela, adormecida pelos tranquilizantes, parecia aos olhos dele, mais frágil, ainda.

Mulder aproximou-se. Fitou-a por alguns instantes. A culpa que sentia por saber-se responsável pelo estado dela, o consumia.

Ele ajoelhou-se. Tomou-lhe a mão abandonada sobre os alvos lençóis.

E o choro do abatimento veio sobre ele, derrubando-o, tornando-o quase um menino, pela fragilidade daquele momento angustiante.

E suas lágrimas de um pranto em silêncio, molharam a mão pequena e inerte de Dana.

\* \* \*

A esses pensamentos os olhos de Mulder ficam marejados de lágrimas. O verde transparente de seus olhos tornam-se acinzentados.

Sente-se, neste momento, tão imensamente infeliz, que deseja que o mundo pudesse ter um fim neste instante.

"Eu me sinto um fracasso. Não quis enfrentar o perigo para não pôr em risco a vida de Scully e nosso filho... mas será mesmo que pouparão a vida da criança, se eu estiver ausente? Não creio muito nisso... e tenho medo..."

Mulder retira com raiva os sapatos e joga-os, displicentemente, para um canto do quarto.

Arranca com força a camisa. Atira-a na poltrona. Deixa o corpo cair pesado na cama. Debruça-se. Vai, novamente, tentar dormir.

Para um novo amanhã, quando continuará a demonstrar ser forte e destemido.

***"Forte é aquele que não perde  
a ternura nem mesmo na dor."***



## O SIGNIFICADO DO AMOR

**"O amor significa dedicação  
e êxtase incessantes."  
Emile Verhaeren**

### Capítulo 121

Dana entra no apartamento.

Penumbra. Silêncio. Ela tem os pensamentos tão fortemente voltados para a lida do dia que tivera, que, na verdade, não percebe o óbvio: o apartamento está sem ninguém.

Ahn...? - ela finalmente toma ciência do fato e assusta-se, jogando rapidamente o celular e as chaves no sofá e sai correndo para o quarto.

Mãe...? - chama, aflita.

Segue em passos rápidos para a cozinha e ninguém ali se encontra.

Aflita, Dana retorna à sala. Toma o celular e digita o número de Maggie.

As duas chamadas significam duas longas horas de espera, tamanha é a sua ansiedade.

Alô!

Alô, mamãe! - coloca a mão no peito afogueado - Ah, meu Deus, que alívio!

O que foi, filha?

Eu me assustei...

Ah, já sei; por eu não estar aí... mas sabe o que aconteceu? Tive que ficar em casa por causa de uma encomenda que fiz. Por isso não levei o Will pra sua casa logo!

Tá, mãe. Tudo bem. Fico tranquila, agora.

Pode ficar, Dana. Logo, logo eu o levo até você, ok?

Ok, mãe. Tchau.

Dana desliga o telefone, lentamente.

Está com a mente cansada e o coração pesado.

Dirige-se ao banheiro. Despe toda sua roupa e coloca o robe.

Deita-se na cama, olhando para o teto.

Relembra as cenas passadas durante o dia, seus dois colegas, Agente Doggett e Agente Reyes, às voltas com mais uma aberração em suas fantásticas investigações.

"Aqueles homens foram simplesmente descascados, como se fosse... como se fossem..."

Sua mente empaca. Coloca a mão sobre os olhos.

"E Mulder? Como estará, meu Deus? Até quando ficaremos assim, longe um do outro?"

Dana volta os pensamentos para o seu amado.

Ao pensar nele sorri, lembrando as cenas amorosas que haviam usufruído por tão pouco tempo.

Ela rola pelo colchão e fica de bruços, cabeça entre os braços, enquanto pensa.

\* \* \*

Scully...

O que?

Precisamos ter força pra aguentar.

Sim...

Não dá pra ficar longe de você.

Não? - brincou, olhando-o

Quando penso em você sozinho, onde estiver, eu fico afogueado, Scully.

É mesmo?

Com certeza. Quer que lhe prove?

Como assim?

Ele nada falou. Dirigiu a mão dela para sua parte íntima, entumecida, sob o short.  
Sinta você mesma.

Ela sentiu. Deu uma risadinha.

Você não se satisfaz, Mulder?

Agora imagina eu sozinho, num canto qualquer do mundo, pensando em você. Fico assim...  
sem poder... - faz uma pausa, enquanto a fita - sabe Scully... nós nos amamos num amor...  
... verdadeiro, Mulder!

E o verdadeiro amor significa dedicação completa de um pelo outro e um êxtase incessante e é  
bem o que acontece entre nós dois...

Agarram-se.

Ele, com a boca ávida, abriu-lhe o robe, para desfrutar da visão e do sabor daquele corpo que  
adorava.

\* \* \*

Dana senta-se na cama.

Do sorriso anterior pela lembrança, resta-lhe agora o abatimento.

Está sem Mulder. E ficar sem ele a faz fragilizada, embora tente sempre demonstrar aos outros  
sua força e independência.

O toque do telefone a faz tomar um susto.

Levanta-se. Atende o telefone na mesinha de cabeceira.

Dana Scully.

Oi, filha!

Oi...

Tudo bem?

É... acho que sim.

Bem, daqui a meia hora eu vou levar o Will, tudo bem?

Ok, mãe. Tchau.

Dana dirige-se ao banheiro. Olha-se no espelho. Considera que o seu semblante encontra-se  
abatido. Pelo cansaço e pela saudade.

Toma um pote de um cosmético, abre-o passa o creme pelo rosto, lentamente.

E sua mente trabalha. Sem parar.

"Tanta coisa estranha tem acontecido agora na ausência de Mulder! Se ele estivesse presente,  
na certa adoraria decifrar os mistérios insondáveis das aberrações que ela, Doggett e Reyes têm  
que investigar a cada dia."

\* \* \*

Muita chuva. As gotas pesadas batiam, deslizando em seguida nas vidraças do carro.

Acho que vou parar um pouco, Scully. A chuva está muito forte.

Claro, Mulder. - apontou - Fica no acostamento, mais ali.

Ele levou o carro para aquela direção. Pisou o pedal do freio. O veículo parou.

Impressionante o jeito que está chovendo...!

Isso me faz lembrar há nove anos atrás...

Quando começamos a trabalhar juntos?

Sim.

Que ficamos naquela chuva torrencial, rindo feito dois adolescentes?

É sim.

Sinto saudades, Mulder.

Não acha que agora é mais compensador?

Com certeza!!

Ele joga o corpo para o banco do carona, onde ela está.

Assim na chuva é mais gostoso.

Mais gostoso o que? Você não está pensando em fazer alguma coisa agora? - afasta-o com as

mãos.

Por que não?

Ah, Mulder, aqui não!

Um raio riscou o céu escuro e o ressoar retumbante de um trovão, abalou o local.

Agora foi a vez de Dana jogar-se na direção de Mulder, assustada.

Ô trovãozinho legal!

Ah, pára Mulder! - diz com o rosto enfiado no peito dele - Você é sempre assim! Naquela vez que viajamos num avião que balançava mais que um barquinho sobre as ondas, você ficava super tranquilo, enquanto eu fingia que estava tudo bem. Mas só Deus sabia do meu medo.

Sei, lindinha. E você pensa que eu não notei?

\* \* \*

Os pensamentos de Dana neste instante cessam.

Concentra-se na sua limpeza de pele da face. Lava o rosto. Olha-se, novamente, no espelho.

Toma um chumaço de algodão, molha-o numa loção tônica e desliza-o, levemente, sobre a tez clara.

Enquanto isso, os pensamentos perduram. Nada, nada há de fazer cessar sua mente de relembrar seus momentos com Mulder.

Mas, com toda certeza, tem que cuidar de sua beleza.

*"A beleza é, para as mulheres, o que  
o dinheiro é para  
os homens: força."*

*Dorothy May*

## ALEGRIAS E DORES

*"Uma alegria compartilhada se transforma em  
dupla alegria; uma dor compartilhada, em meia dor."  
Provérbio Sueco*

### Capítulo 122

Scully, sou eu! - a voz vem pelo telefone.

Mulder...!?

Como você está?

...

Scully...?

Mulder... - só um fio de voz.

O que houve, Scully?

Mulder... eu quase nem posso falar.

Ele percebe que é a emoção.

Scully, quanta saudade!

Mulder... eu já não aguento mais de tanta saudade! - de seus olhos duas grossas lágrimas descem, lentamente.

Eu queria estar aí com você.

Mas por que não...?

Não me faça essa pergunta, se já sabe a resposta!

Desculpe. - pede em tênue voz.

Não fale assim, Scully... não há nada a ser desculpado. - suspira - Bem... como está o Will?

Está bom... com saudade do pai.

Ele dá uma risadinha.

Sinto falta de você, Scully.

E eu de você, Mulder... - enxuga os olhos - ... olha... o nosso filho já está comendo as primeiras papinhas.

Verdade?

Sim... é uma graça.

E tem bom apetite?

Exatamente como o papai dele. Come tudo, rapidinho.

Isso é bom! - pausa - Outro dia parei em frente a uma loja de artigos para crianças e lembrei tanto de você...!

Por que?

Lembrando quando nós compramos as coisas para o Will, quando ele ia nascer.

Mulder...?

O que?

Quanto tempo isso vai durar?

Creio que não por muito tempo.

O que? - engole em seco, tão nervosa está.

Quero te ver.

Mas como?!

Por que a dúvida?

Não sei... eu...

Nós já nos encontramos, não?

Sim, mas... foi tão...

Eu sei, Scully, mas tentemos novamente.  
E quando?  
Eu aviso.  
Se eu precisar ligar pra você, como posso fazer?  
Não pode.  
Mas Mulder...!  
Escute Scully, não convém. Nós estamos sendo monitorados, você sabe.  
Mulder, eu não me importo mais! - ela chora.  
Eu sei, lindinha, mas temos que ter cuidado, porque é a vida do nosso filho que está em jogo.  
Mulder ouve que ela está chorando.  
Scully, por favor, não chore!  
Eu... vou... me esforçar... - ela suspira, angustiada - ... Mulder?  
O que?  
O que você está fazendo aí?  
Pra me sustentar?  
Sim.  
Preparo alunos para suas provas na Faculdade de Psicologia, mas...  
... o que?  
... em aulas particulares; não posso me expor.  
Eu sei.  
Scully, quando penso em você...  
Sente saudade?  
Muita... e fico daquele jeito que você sabe. Mal dá pra aguentar!  
Dana sente um arrepio de prazer percorrer-lhe o corpo por inteiro, só em pensar nas carícias das mãos do homem amado. Sente seu corpo palpitar. O coração dispara.  
Mulder... vem logo! - geme.  
Scully, eu te amo.  
Eu também te amo, Mulder. - ela chora.  
Quisera poder estar aí agora.  
E quando você vem?  
Eu aviso; pode deixar... mas não demora.  
Eu vou esperar ansiosa... contar os minutos, segundos... Mulder...?  
Sim, Scully.  
Não dá pra ficar assim, distante um do outro. Preciso de você perto de mim, poder compartilhar as alegrias e as dores, com esperança de dias melhores.  
Eu sei, Scully, eu entendo. Também desejo isso.  
Olha, eu quase não estou trabalhando.  
Não? Por que?  
A maior parte das investigações fica com o Agente Doggett e a Agente Reyes.  
E você aceita bem isso?  
Claro... tenho o Will.  
Certo, Scully. Muitos casos acontecendo?  
Uma infinidade, Mulder e cada um mais dantesco que o outro.  
Por exemplo...?  
Ah, não! Não quero conversar sobre isso.  
Está certo, não devemos mesmo. Só sei que estou louco pra te ver... Scully?  
O que?  
Tenho que desligar.  
Por que?  
Não dá pra explicar. Tchau, Scully.

Mulder...!

Um beijo.

Ela só ouve o clique do telefone do outro lado. Insiste mesmo assim.

Mulder? Mulder! Ah, meu Deus! Por que?

Pousa o telefone na base e põe-se pensativa.

Sente-se infeliz. A sua única felicidade é o seu filho amado, que, neste momento, está em paz em seu berço, brincando com as estrelinhas brancas do móbile pendurado diante de seus olhos.

*"A paz da alma é a chave do mundo."*

*Charles Wagner*

## BEIJOS

*"Ainda que me dês todos os  
beijos, eles serão sempre poucos."  
Properzio*

### Capítulo 123

Dana entregou a caneca de porcelana com o fumegante e aromático chá.  
Toma, Mulder.  
Pra que?  
Pra você melhorar.  
E o que é isso?  
Um chá, somente!  
Ele pegou a caneca. Aspirou o aroma do líquido.  
Chá de que? Tem cheiro estranho!  
Claro. Tem um cortador de gripe dentro.  
É mesmo? - sorriu, com desdém - Por isso tem cheiro de aço.  
Para cortar sua língua ferina.  
Pode até ser isso... - puxou-a pela cintura - ... mas que ela serve pra muitas coisas, lá isso serve... e você gosta!  
Ela se encolheu, fingindo-se amuada, não querendo sorrir.  
Pára, Mulder! - disse em voz sussurrante.  
Eu sei que você não resiste... - enfiou a ponta da língua no ouvido dela.  
Dana fechou os olhos. Sua carne vibrou.  
Já disse pra parar, Mulder! Você tem que melhorar.  
Você sabe que só melhoro depois de...  
Não pode! - ela o repeliu, quase sem forças para resistir.  
Mulder, uma gripe forte debilita o organismo!  
Verdade? O meu é o contrário. Quer é ação, movimento...!  
Dana tirou a caneca das mãos dele.  
Me dá isso, antes que derrame em cima de mim.  
Mal ela colocou a caneca sobre a mesinha, imediatamente ele a enlaçou com ardor.  
A respiração ofegante dele e o toque de seus dedos ansiosos, causou nela maravilhosa sensação.  
Eu não vivo sem teus beijos, Scully! Eu... prometo...  
Promete o quê, Mulder?  
Beijar só teu corpo... tudo!  
Ela viu a malícia do desejo nos olhos brilhantes dele.  
Ah, meu Deus, Mulder... eu quero que fique... em repouso... - falou com dificuldade, com as investidas dele.  
Re ... pouso? - falou afogueado, a voz enrouquecida, respiração opressa - Doutora Scully, porventura a senhora teme ser contaminada pela minha gripe?  
Imediatamente após falar isso com a voz fanhosa, Mulder entrou em uma sequência de espirros. Após isso jogou-se de costas, exausto, na cama.  
Nossa!! Ainda fala que está disposto a ...  
... e estou! - ele cortou rápido.  
Dana começou a tentar fazê-lo beber o chá.  
Não...! - ele recusou-se, num lamento manhoso.

Sim! - ela replicou, afagando-lhe os cabelos desarrumados - Ah... cabelinho do meu encanto!  
Sempre espetadinho pra cima.  
Pior se fosse caído.  
Aposto que você não está falando do cabelo.  
Mulder sorriu entre dentes. Sentou-se. Pegou a caneca com o chá. Bebericou um pouco, fazendo careta.  
Argh! Isso e gelado de arroz integral sem gordura têm o mesmo sabor!  
Ah, é? No entanto, daquela vez que você tomou o sorvete da minha mão, saboreou-o com todo gosto!  
Eu só queria tomá-lo de você e sentir, pelo menos no sorvete o gosto de sua boca!  
Dana cruzou os braços, observando-o, sem sorrir. Logo reparou o seu semblante.  
Mulder... espera! - tentou afastá-lo de si e encostou o dorso da mão no peito dele.  
Não é aí que você tem que pôr a mão! - ele protestou, com ironia.  
Você está ardendo em febre! Eu logo vi!  
Ele fez força com os braços, levantando-se.  
Vou tomar um banho gelado.  
Ei! Pára com isso! Nada disso! Que gelado o quê!  
Como é? Que espécie de médica é você, doutora?  
Vai, Mulder! Fica quieto aí. Vou buscar um analgésico. - forçou-se a deitar-se.  
Escuta, por que não posso tomar um banho gelado?  
Gelado nem pensar! Teria que ser menos dez graus que a sua temperatura. - disse, convicta.  
Ah, vá...  
Claro! Se não, poderia sofrer um choque térmico.  
Ele a agarrou.  
Choque térmico vou ter se não me deixar fazer o que estou querendo. - ele a fez cair sobre a cama, para que ficasse junto dele.  
Ela não fez resistência.  
Tá, tá! Eu fico quietinha aqui com você - fez carinhos nele - Fico bem juntinho aqui, enquanto sua febre passa, enquanto você descansa, ok?  
Ele a fitou com olhos carentes. Nas feições abatidas.  
Ela conseguiu esticar um braço em direção da mesinha de cabeceira, pegou um comprimido para fazer com que ele o engolissem.  
Em seguida aconchegou-o bem aos travesseiros e deitou a cabeça em seu peito nú.  
Deixa eu pegar uma camisa pra você vestir?  
Não.  
Não sente arrepios de frio?  
Você me esquenta.  
Mas que cabeça dura!  
E o resto todo também está. - sorriu, com olhar matreiro.  
Você se aquieta, Mulder! - ralhou, brandamente.  
Ele enroscou o corpo, em atitude de feto, grudado a ela, com a longa perna sobre o seu corpo franzino.  
Dana, discreta e jeitosamente, arrumou um lençol leve sobre o corpo dele. Apalpou suas pernas e braços. Estavam quentes.  
Mulder, com o rosto enfiado entre os braços de Dana, falou ainda:  
Pode apalpar aqui também. - levou a mão dela à sua parte íntima rígida e quente - Como é que está?  
Mulder, toma jeito! Você tem que repousar! E fim de papo. E se ficar perturbando muito, vou acabar lhe aplicando uma injeção.  
Tenho certeza, lindinha, de que você é que está precisando de uma boa injeção, que só eu sei



aplicar.

Sem graça! - ralhou ela - Fica quieto!

Por longos minutos Dana acariciou-lhe os cabelos, até que, aos poucos, sentiu que o corpo dele havia relaxado.

Em completo repouso e aliviado da febre, ele adormeceu.

\* \* \*

Essas lembranças haviam chegado tão nítidas à mente de Dana, que dá-lhe a impressão de estar vivendo as cenas neste mesmo instante.

Fôra tudo pensamentos do passado, porém.

Uma lágrima furtiva desliza em seu rosto.

Com tristeza, ela desliza a mão sobre o lado da cama vazio. Está frio o lugar. Sem a vibração e o calor do corpo de Mulder.

*"Tristeza é uma mão gigante  
que aperta seu coração."*

*Mario Prata*

## AMIGOS

*"Amigos são anjos que nos deixam  
em pé quando nossas asas tem  
problemas em se lembrar como voar..."*  
*Silene B. Ayub*

### Capítulo 124

Mulder vai até o banheiro. Olha-se no espelho. Desliza a mão pela barba crescida. A face tornara-se escura por causa disso. Mas ele se dá conta de que necessita escanhoar a pele, deixá-la lisa, enfim.

Nessa cidade em que se encontra agora e nas atuais circunstâncias, é até um tanto recomendável manter um visual bem diferente.

Enquanto olha-se no espelho, fica relembrando em sua casa, Dana grudada às suas costas, enquanto ele fazia a barba, mantendo o tórax nú.

\* \* \*

Embora o tempo estivesse gelado, ele sentia na pele o calor da sua adorada Scully.

Você está me mordendo, Scully!

É que você é gostosinho...! - ela ria.

Espera só eu acabar isso aqui, e você vai ver.

Pra que fazer a barba? Esses espetinhos me causam frisson.

Ele a fitou, com olhar de desejo.

Causam mesmo?

Hum, hum. - assentiu.

Ele, rapidamente, tirou o creme de barbear da face com a toalha.

Não vou fazer a barba. - disse, agarrando-a

Muito bem. Legal!

Abraçaram-se. Com calor.

Os afagos de Dana, enquanto lhe cobria a face de beijos o excitava cada vez mais.

O tilintar irritante do telefone interrompeu o idílio.

Mas que droga é essa? - reclamou Mulder.

Deixa que eu atendo. - ela soltou-se dele e foi até o telefone.

Mulder observava-a, atendendo o aparelho.

Mas tem certeza de que tenho que ir? Sei... sei... talvez não dê pra fazer isso... ah, é por causa do William... sim... eu entendo...

E enquanto Dana conversava ao telefone Mulder havia se sentado no braço de uma poltrona.

Levou o dedo indicador abaixo do nariz, denotando preocupação. Ergueu as sobrancelhas.

Bem, tudo certo... tá Doggett... eu entendo... pode deixar! - ela continuava.

Mulder ouviu o nome pronunciado por Dana.

"Doggett! Doggett! Sempre esse pessoal perturbando!"

Scully! - ele chamou.

Um momento. - ela falou para Doggett na linha e escutou o que Mulder lhe queria dizer.

Despacha logo esse cara! - disse ele, em voz baixa.

Dana lhe fez um sinal positivo.

Olha John, tudo bem. Combinado. Às três horas estarei com vocês. Tchau.

Ela desligou o telefone.

Já entendi, Scully. O cara quer que você vá vê-lo.

Sim. - consertou logo - Não, Mulder! Não é para vê-lo! É para ajudá-lo, fazendo uma autópsia.

Ah, sim! No dia de sua folga! - protestou.

Ih, mas que coisa mais feia, Mulder! É o meu trabalho! Eu ainda sou uma médica e tenho obrigação de cumprir meus deveres com o Bureau. E além disso, o John e a Monica são meus amigos! Nós nos entrosamos muito bem!

Não precisa insinuar que eu é que estou desempregado. - mordeu os lábios, chateado.

Dana aproximou-se.

Mulder... - sussurrou, mordiscando-lhe a orelha - ...aaah, eu não queria que você ficasse magoado...!

Ele levantou-se do braço da poltrona. Agarrou-a pela cintura. Pousou os lábios sobre os dela várias vezes, como que provando-os.

Dana entregou-se toda, com frenesi.

Eu não queria dizer... - falou entre beijos.

O que, Mulder?

Eu não aguento...

... mas o quê?

Tenho ciúmes.

Dana deu uma risadinha, enquanto deixava que ele lhe cobrisse o corpo de beijos.

Repentinamente, ele parou. Permaneceu quieto. Sentou-se na poltrona. Fechou os olhos.

Desculpa, Scully.

Ela continuava de pé, fitando-o

Mulder jogou a cabeça no encosto da poltrona. Sentira em seu íntimo que magoara a sua amada Scully.

Dana rodeou a poltrona. Abraçou-o pelas costas. Deslizou os dedos entre os cabelos dele.

Eu te entendo, Mulder, ou pelo menos procuro entender.

Me desculpa.

Ela encostou o queixo na cabeça dele.

É como eu disse, Mulder. Eu te entendo sempre e mesmo naquela ocasião em que você duvidou do meu procedimento...

... eu?!

É sim. - afagou-o, carinhosa - Você me disse frias palavras, vendo o meu estado de gravidez e...

Mulder não lhe respondeu. Levantou-se e deu a volta, rodeando a poltrona, alcançando Dana e a carregando no colo.

E tudo continuou para eles, num clima de doce paz.

\* \* \*

Mulder pensa, neste instante, como se sentiria feliz se tivesse Scully a seu lado outra vez. Suas vidas formam um romance. Que nunca deveria acabar.

***"Todo homem de espírito tem  
um romance no coração."***

***A Houssaye***

## CORAGEM

*"A coragem é muito importante. Tal qual os músculos, o uso a fortalece."*  
**Ruth Gordon**

### Capítulo 125

Dana atende o telefone.

Senhora Dana Scully?

Àquele inconfundível tom de voz nos ouvidos, Dana sente uma sensação de desmaio.

- A .. lô! S... sim... é Dana falando. - responde, levando a mão ao coração, que pulsa, rapidamente.

Senhora... é pra avisá-la de que a encomenda para seu filho lhe vai ser entregue depois de amanhã.

S... sei... a encomenda... e a que ho... - conserta rapidamente - ... e qual é o preço?

Vinte dólares. Vinte, ok?

Ok... ok... ahn... senhor... quer falar mais alguma coisa?

É só, senhora. Boa tarde.

Boa... tarde . - quase nem consegue voz para responder.

A respiração está opressa. Sente que o ar lhe chega aos pulmões com dificuldade.

Dana, pode me fazer um favor? - a voz vem do banheiro.

Um momento, mamãe! - responde.

Dana vai em passos ligeiros até onde está sua mãe.

O vidro do shampoo, filha! Esqueci de pegar ali no armário.

Claro! - ela vai pegar o frasco de shampoo.

Foi bom você ter chegado em casa cedo hoje, filha. - diz Maggie, voltando os olhos para ela -

Mas... credo! O que está acontecendo? Está sentindo alguma coisa?

Eu?! Ah, mãe! - aproxima-se sorrindo, da banheira em que Willi está tomando banho.

A criancinha bate as palmas das mãos na água, divertindo-se ao vê-la salpicar para todos os lados.

Dana aproxima o rosto da face molhada do bebê, sapecando-lhe um estalante beijo na bochecha.

Pode me contar logo, Dana! Parece que viu passarinho verde! - a mãe fala, enquanto esfrega shampoo nos cabelos da criança, com uma das mãos e com a outra o segura pelos diminutos ombros, sustentando-o sobre a água.

Ai mãe, eu estou tão feliz...!

Nossa! Assim de repente? Você tem andado tão pra baixo...!

Ele vem me ver!

Quem vem lhe ver? - pára o que está fazendo para fitá-la - Ah não! Não é possível o que estou pensando... !?

Ahn, ahn! - confirma o pensamento da mãe.

O Fox?

É.

Ai filha, tudo bem que vocês precisam mesmo se ver, mas é tão perigoso!

Disso eu sei, mãe.

Vai ser naquele mesmo lugar?

Não. Vai ser aqui.

Aqui?! Tem certeza? - fala, lavando o cabelo do seu neto, que com os olhos e a boca muito abertos, toca, com seus dedinhos, os brinquedos coloridos presos às laterais da banheira - E... vocês não tem medo que...?

Mãe... Mulder ensinou-me a ter coragem, determinação, perseverança, fé!

Maggie faz um gesto de desânimo.

É... bem se vê mesmo que você hoje está com a corda toda! Há dias em que não sente nada dessas coisas.

Dana apanha a toalha para entregar à mãe.

- Ah, mãe, o que conta somente é que estou feliz, muito feliz! O resto... é resto!

Maggie termina de dar o banho no bebê. Embrulha-o na toalha.

Dana o pega em seu colo.

Gracinha da mamãe! - esfrega a ponta do nariz na barriguinha da criança, que ri com a brincadeira; carrega-o para o quarto.

Coloca-o na cama para vesti-lo.

Maggie chega perto.

E quando ele chega, Dana?

Depois de amanhã.

Tem certeza?

Claro!

Oh, Deus! Oh, Deus! - exclama Maggie, saindo do recinto.

Dana veste seu filhinho. Deixa-o na cama.

Ele arregala os olhinhos e movimentava pernas e braços, querendo alcançar o rosto de sua bela mãe.

Ela deita-se a seu lado; um braço apoiando a cabeça, fitando o seu pedacinho de gente.

Puxa a cordinha do brinquedo pendurado na parede em formato de um pintinho amarelo, cujo bico abre-se e fecha-se quando é puxada uma cordinha, a qual faz liberar uma musiquinha:

?plim plim plim plim plim plim

Ao som das notas musicais, a criancinha olha para o local de onde elas saem e parece encantar-se. Sacode com mais vigor braços e pernas.

A mãe o fita, amorosa. Ali está o fruto do seu amor???

ou por Mulder.

Sofrem muito por ele ter sido gerado e nascido. Mas não se darão por vencidos. Nunca! Até os piores sacrifícios do mundo ela poderá enfrentar por amor de seu filho e do pai dele.

Dana sente seu corpo vibrar. Reencontrar Mulder ou, no mínimo, ter notícias dele, saber que está bem, a satisfaz. Plenamente. Agora é aguardar, não sem ansiedade, que chegue o dia depois do amanhã. E esquecer das coisas ruins pelas quais têm que passar. Esquecer que o mal pode e deve ser combatido e, para isso, usarão até o mínimo de suas forças e do seu último suspiro de vida.

***"Para o triunfo do mal, basta que os bons fiquem de braços cruzados."***  
***Charles Chaplin***

Nota:

Agradeço a minha amiga Jennifer Fernsaille pelos lindos pensamentos que compõem este Capítulo e por mais outros que serão publicados a seguir.

## TRISTEZA

*"Estar triste é quase sempre pensar em si mesmo."*

*Anatole France*

### Capítulo 126

No silêncio do quarto escuro, Dana pensa na sua solidão.

Imagina o quão poderia ser tão diferente sua vida. Quem sabe poderia ter o direito de ter um dia uma vida muito feliz com Mulder? Mas quem lhe poderia lhe garantir isso?

"Talvez... - ergue os olhos para o pedaço de céu aparecendo em sua janela, mostrando os milhares de estrelas a piscar - ... talvez o Criador de tudo isso, o Dono da Vida me desse permissão para ser feliz... quem sabe?"

Inspirada por esses pensamentos, levanta-se da cama, descalça; acende o abajur na mesinha ao lado; vai até a cômoda, abre uma gaveta.

Pega o livro de capa preta; olha-o, por instantes e detém-se, lendo o que nela está escrito:

### BÍBLIA SAGRADA

Abre-a numa página a esmo. Lê, atentamente.

"1. Até quando te esquecerás de mim, Senhor? Para sempre?

Até quando esconderás de mim o Teu rosto?

2. Até quando consultarás com a minha alma, tendo tristeza no meu coração cada dia? Até quando se exaltará sobre mim o meu inimigo?

3. Atende-me, ouve-me, ó Senhor, meu Deus; ilumina os meus olhos para que eu não adormeça na morte..."

"Tem tudo a ver comigo - pensa Dana - Dizem os entendidos que Deus pode falar ao nosso coração através da Bíblia e essas palavras parecem consolar o meu sofrido coração."

Os olhos dela enchem-se de lágrimas.

Um pequeno gemido do bebê no berço chama sua atenção. Dirige o olhar até aquela direção.

Tudo bem. É apenas um resmungado natural do bebê, em seu sono.

Dana continua folheando a Bíblia em suas mãos. Pára num trecho:

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que retine.

E ainda que eu tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

O amor é sofredor; é benigno; o amor nunca morre; o amor não é invejoso; o amor não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca seus interesses, não se irrita, não suspeita mal.

Tudo sofre, tudo crê, tudo perdoa, tudo espera, tudo suporta..."

Dana fecha os olhos.

Os ensinamentos desse livro estão lhe fazendo bem. Sente um conforto dentro do seu coração e de sua alma.

Ela deita-se de lado, ajeitando-se, de modo que possa ler mais alguma coisa da Bíblia.  
Olha para um ponto qualquer do espaço por vários minutos.  
Quanta saudade sente de Mulder!

"Até quando te esquecerás de mim, Senhor?"

Vem à sua mente as palavras do versículo que lera, anteriormente. Seus olhos azuis, cansados e tristes, brilham ante a luz do abajur.  
Uma lágrima de um silencioso pranto, sai-lhe do olho, deslizando por sua face abatida e desaparece no travesseiro.

"São tantas coisas a te pedir, meu Senhor!  
Neste momento quantas lágrimas  
molhando travesseiro, cobertor!"

Ela havia lido isso em algum lugar, lembra-se.

Os pensamentos de Dana vagueiam sem um porto para se fixar.

"... até quando se exaltará sobre mim o meu inimigo?"

Dana rebusca no coração e na alma, tentando imaginar cenas que lhe aqueçam a frieza na qual se encontra.  
Tem ciência de que, a partir do momento daquele telefonema, de agora em diante, contará hora a hora, minuto a minuto, segundo a segundo o tempo que a separa de Mulder, que irá chegar.  
Já são decorridos muitos meses sem vê-lo ao seu lado, sem sentir o seu carinho, sem ouvir a sua voz.  
Depois do amanhã... até lá será uma eternidade, pensa.  
Enquanto isso, enquanto não acontece essa vinda, sente a angústia que carrega como fardo pesado no coração.  
Toma a Bíblia que tem em mãos, leva-a ao peito, sentindo como se Deus a estivesse vendo nesse exato instante, de tanta saudade e sofrimento.  
Seus olhos, como poços de transparentes águas azuis, transbordam cristalinas lágrimas.  
Seu peito dorido arfa, no choro amargurado.  
Olha, mais uma vez, uma página da Bíblia, que abre ao acaso.  
Dana lê:

***"Bem aventurados os que choram,  
porque eles serão consolados."  
Prov. 5:4***



## DESTINADO À SOLIDÃO

*"Estavas comigo, mas te pressentia distante,  
demasiadamente longe, como algo só.  
Era apenas solidão."*

### Capítulo 127

Mulder, antes de encontrar-se com Dana, decidira ir até seu apartamento. Verificar como ele está. Talvez matar a saudade...

Chega até a portaria do prédio. Para sua sorte, algumas pessoas pedindo informação ao porteiro, possibilitaram-lhe entrar no elevador, sem ser percebido.

Uma mulher com uma criança; um menino de mão dada com o pai. Um homem idoso. Todos esses tipos lhe são familiares, porém não haviam prestado atenção nele ou não havia sido reconhecido, simplesmente.

Ou talvez nem lembrem-se mais dele.

O esquecimento é um sentimento fácil de se apresentar na vida de qualquer um.

"Esquecimento... e Scully ... será que esse triste sentimento já havia começado a insinuar-se no coração dela?"

Mulder suspira, nervoso, a esse pensamento.

"Claro que não! Ela demonstrou-o, quando do telefonema!" - rebate outro pensamento.

Ele repara o menino recostado nas pernas do pai, que segura sua mão, numa típica atitude de proteção ao seu filho.

Filho... uma continuação de sua própria vida... seu filho... William... e como estará? Sente desejo de vê-lo, de poder pegá-lo, acarinhá-lo, como um verdadeiro pai.

Ele olha o andar sinalizado aceso no painel. Quarto andar. Sai do elevador.

Caminha pelo corredor, a passos incertos: tem dúvida.

"Será que fiz bem em vir aqui?" - pergunta-se em pensamento.

Apartamento quarenta e dois.

O número em metal aparece diante de seus olhos ansiosos. Passa o dedo sobre a superfície polida dos números. Introduz a chave na fechadura. Abre a porta e entra.

Penumbra. Silêncio. Abandono. Solidão.

A eterna solidão que nunca deixou de fazer parte de sua vida.

Ele pára no meio da sala. A superfície dos móveis está limpa.

"Scully - ele pensa - sempre cuidando de tudo. Sempre zelosa."

Fecha os olhos molhados. Abre-os, a seguir. Morde o lábio inferior. Vai até um móvel. Retira dele o álbum de família.

Desfolha-o, lentamente.

A mãe. O pai. Samantha. Todos mortos.

Ele joga o corpo sobre o sofá de couro preto, onde tantas noites de sua vida solitária passou, às vezes, sem nem sequer conseguir dormir.

"Mas... - pensa - ... num certo ponto eu era até feliz... não sofria perseguições como hoje acontece comigo ... tinha meu emprego certo... via Scully diariamente... Scully... FBI... Teena... Bill... Samantha... William."

Os pensamentos embaralham-se em sua cabeça.

Vira mais uma página do álbum. Toda a família reunida. Aparentavam uma certa felicidade. Que, na verdade, não existia.

Um longo suspiro sai de seu peito. Levanta-se. Aproxima-se do lugar onde havia estado o

aquário. Não mais está ali. Dana o levava para seu apartamento. Vai até a cozinha. Tudo arrumado. Porém, sem vida. Tem a impressão de que, se abrir a torneira, nem água dela sairá. Só impressão. Como se estivesse tudo seco, vazio. Abandonado. Retorna à sala e deita-se, novamente no sofá. Como sempre o fez. Estirado nele, braços cruzados sobre o peito, cabeça sobre o braço estofado do móvel. Havia abandonado tudo. Sua casa. Seus pertences. Muito triste. O que seria de sua vida mais adiante? Deixara tudo por amor de Scully. Por amor de seu filho. Mas não tem a ambos. Tudo se fôra de sua vida. Sente imensa tristeza a atordoar-lhe a mente, penetrando no coração sem paz. "Será mesmo que tanto sacrifício de minha parte trará benefícios para Scully e nosso filho? Será...?" Volta o olhar para o aparelho de TV. No mesmo lugar. Vai até o aparelho e o liga. As imagens aparecem na tela. Ele deita-se, novamente, no sofá. Na mesma posição. Olhar fixo na TV. Vem-lhe à mente uma lembrança. O vizinho do apartamento ao lado: Padgett. As palavras do homem soam dentro de sua memória. "- No meu livro eu escrevi que a Agente Scully se apaixona, mas isso é impossível. Ela já está apaixonada." Essas foram as palavras daquele homem escritor. "Scully já me amava. E eu, por minha vez, daria até minha vida por ela. Eu também a amava. Sempre a amei. Desde aquela noite no carro, na vigília que fazíamos naquela investigação do sujeito que comia cérebros." "- Se tiver chá gelado aí, pode ser amor." - lembra de ter falado para ela. "- Cerveja sem álcool, pode ser destino." - ela respondera. E lembra que seus olhares trocados eram de uma profunda ternura. "Tudo estava acontecendo desde aquela ocasião. E embora eu sempre insinuasse todo o amor que sentia por ela, ao mesmo tempo, repudiava a minha ousadia, o meu medo de procurar a felicidade num novo amor." E Mulder ali permanece. Entregue a seus pensamentos. Sente-se imensamente infeliz. Uma coisa somente, porém, embala seu coração. Vai rever a sua Scully. E nem deseja saber se nessa sua vinda acontecerá alguma coisa que o desagrade ou o aborreça. Algum perigo. Qualquer problema, pois nada disso o demoverá de estar por algumas horas com ela, que o espera, ansiosa, tem certeza disso. Ele resolve deixar que seus pensamentos o levem até lugares remotos, até distantes no tempo, quando tudo então era diferente. Por que a vida lhe trouxera tantas amarguras? Será que a sua integridade de homem honesto, fiel, de caráter, boa índole, humano, sensível, o teria atrapalhado em seu destino? Só sabe e sente que a idade madura já chegara e ainda não possui uma vida invejável. E até quando? Até quando continuará nessa vida difícil, com situações mirabolantes, procurando tudo fazer para sobreviver de um tormento consigo mesmo? "Fox William Mulder... - ele pensa - ... um cara destinado à solidão, à saudade... ao fracasso. Família... felicidade... paz... segurança... tudo uma utopia que... - em sua mente ele vê claramente o poster na parede de sua antiga sala no FBI - ...EU QUERO ACREDITAR! Eu preciso acreditar que um dia tudo irá bem..." Ele levanta-se bruscamente do sofá. Desliga o aparelho de TV. De pé, no centro da sala em penumbra, olha, mais uma vez, em seu redor. Com gestos decididos e passos firmes dirige-se para a porta de saída. Abre-a e sai. Passa a chave na fechadura, trancando-a. Quarenta e dois. Está lá o número, diante de seus olhos. Ele esboça um sorriso triste, balança a cabeça, dá umas leves pancadinhas com as pontas dos

dedos nos números de metal.  
Afasta-se do que fôra a sua casa.

*"Saímos de casa, cansados de nós próprios;  
voltamos a ela, cansados dos outros."  
D' Yzarn-Freissine*

## ANSIEDADE

*"Ansiedade é quando faltam muitos minutos para o que quer que seja."*  
*Mario Prata*

### Capítulo 128

Dana consulta o relógio de pulso. Dez horas e vinte e sete minutos da manhã. Tem ainda dez horas de espera, de uma longa e interminável espera pela chegada ansiada do homem que ama. Vendo-se no espelho, observa que suas feições denotam extrema ansiedade.

"É preciso disfarçar, pensar em outras coisas... - pensa ela - ... mas o que posso eu fazer? Minha mente só trabalha em função de pensar nele, meu corpo exige a presença do dele, a minha vida, enfim, toda, está voltada para Mulder. Trabalho, dia a dia, buscando estar sempre envolvida com os fatos que tenho que resolver, no entanto, mesmo demonstrando aos meus colegas e superiores que minha mente está somente voltada para o trabalho, dentro de mim, tudo me leva a Mulder!"

Ela acaba de ajeitar os cabelos, passa um batom nos lábios para melhorar a aparência do rosto um tanto pálido, na tez muito clara.

Já havia despedido-se da mãe e dado um beijo nas bochechas rosadas do filho.

Toma as chaves de sobre a mesa, abre a porta e sai.

\* \* \*

Oi, Agente Scully, pensei que nem viesse hoje! - exclama Doggett.

É... eu ajeitei umas coisas e vim, pois sei que há algo pra mim lá com a Diretoria.

Verdade. - confirma Monica - Precisamos do seu parecer sobre o caso.

De que se trata?

Agente Scully, é sobre o caso dos supersoldados...

E o que tem eles? - indaga, franzindo o cenho.

Estão proliferando aqui, nesta cidade, Agente Scully. - explica Doggett, sentando-se, vagarosamente, olhando para ela - Multiplicando-se como insetos.

O coração de Scully sente um baque.

"Então essas malignas criaturas estão por toda parte...! E Mulder? Como será que vai poder me ver? Tenho que aguardar com fé e esperança; tenho que acreditar que tudo dará certo, não só para agora, mas para todo o sempre, porque nós nos amamos, porque temos nosso filho, porque..."

O que nos diz, Agente Scully? - é Doggett, insistindo na resposta.

Ahn? Desculpem-me, eu estava...

Doggett levanta-se, meio nervoso. Fica junto a Dana, olhando-a, fixamente, com a boca aberta, como é sua característica.

E daí?

E daí, o que? - quer saber Dana.

É quase como que um dever você tratar esse caso com muita seriedade, afinal isto tudo está prejudicando a você e seu filho...

Dana volta as costas para ele, procurando remexer algo na mesa de trabalho.

Não sei do que está falando, Agente Doggett.

Monica não resiste à ansiedade pela resposta e se aproxima.

Agente Scully, é sobre aquele tecido da malha trazida pelo homem...

Dana fixa os dois Agentes. Cruza os braços.

Podem ter certeza de que, para mim, este caso está encerrado!

Mas... - Doggett tenta replicar.

Dana, com ar decidido, dirige-lhes a palavra.

Bem... se era sobre isso, já têm a minha opinião - suspira - Com licença, vou até à sala do Diretor Skinner. Ele está me aguardando.

\* \* \*

Dezoito horas e dezessete minutos.

Dana sente-se agitada, enquanto aguarda o semáforo abrir, para continuar na direção do carro, indo para casa.

Passa a mão na testa, fecha os olhos. Sente que está até um pouco enjoada pelo nervosismo intenso que a está atacando.

Finalmente, aberto o sinal verde, ela pode continuar a dirigir.

Trânsito lento. Extremamente lento.

Um profundo suspiro sai de seu peito, desdobrando-se em três, quatro ondas de sofrimento.

Aperta o pé no acelerador. Retira o pé. Brega o carro. Volta à primeira marcha. Recomeça.

Pára.

Cansativo. Incomodativo. Péssimo.

\* \* \*

Olha o relógio no pulso. Dezoito horas e cinquenta e nove minutos.

"E se eu não chegar a tempo, será que Mulder vai me esperar? Oh, meu Deus, eu tenho que me livrar desse trânsito horrível!" - pensa, atormentada.

Um taxi, lado a lado com seu carro, buzina, tentando agitar os motoristas dos outros veículos adiante.

"Droga! De que adianta esse cara ficar assim, com o som dessa buzina penetrando nos nossos ouvidos?" - ela reclama em seu interior.

Novamente a grande quantidade de veículos se movimenta para seguir em frente. Pára tudo, logo em seguida.

Dana tamborila as unhas sobre o volante, quase irada.

\* \* \*

Dezenove horas e trinta e três minutos. Ela vê, horrorizada, o grande relógio luminoso da praça, marcando em seu mostrador, parecendo estar a apressá-la.

O trânsito alivia um pouco.

Ela consegue dar uma aliviada na quilometragem e chegar a quarenta por hora.

"Já não aguento mais! Ah, se seu pudesse transformar este carro num transporte voador qualquer..." - pensa, angustiada. A ansiedade a consome.

Dando uma rápida e discreta olhada para o lado, percebe que o passageiro do taxi ao seu lado a está observando, apesar de que não há uma boa imagem para dentro do veículo, onde viaja o tal sujeito. Ela sente um pouco de receio. Afinal, sua vida é cercada de medos e problemas.

Seu primeiro pensamento neste exato momento vai para William. Tem medo. Como sempre, tem que estar alerta.

Ainda podendo aumentar mais um pouco a velocidade, Dana dispara seu veículo no máximo que lhe é permitido, nessas alturas.

Olha para o velocímetro. Noventa quilômetros. Ela continua com o pé firme, sobre o acelerador.

Nota que o táxi que a vinha ladeando também está em velocidade e consegue ficar ao lado do seu veículo.

Finalmente, aliviada, vê que já está próximo à sua rua.

Estaciona o carro, lentamente.

O táxi que andara próximo ao seu carro, já havia desaparecido.

Dana gira a chave na ignição, desligando o motor. Retira-a e coloca o dedo sobre o fechador

automático dos vidros da porta. Abre-a e sai. Tranca-a do lado de fora.  
Pára por instantes, olha ao seu redor. Nada vê de estranho. Suspira, aliviada.  
Começa a subir os degraus da entrada do prédio.  
Pessoas estão ali conversando. Além delas, um homem alto, bem gentil, faz um gesto com a mão, indicando-lhe a passagem. Nota que ele não parece ser morador do prédio.  
Obrigada. - ela agradece.  
Num ápice, sua mente trabalha, notando que o homem usa óculos muito escuros, apesar de já estarem em plena noite.  
Acha aquilo muito estranho, para sua concepção de mulher atenta a tudo que a cerca.  
Dana recomeça o seu caminhar, subindo os poucos degraus do prédio.  
Olha o relógio de pulso, que está marcando vinte horas e quatorze minutos.  
Ela aperta os lábios, contrafeita.  
"Já está passando da hora de Mulder chegar. Meu Deus, que nervoso!" - pensa, aflita.  
Acelera os passos.  
Dana, mesmo na sua preocupação, percebe que o homem de barba crescida e cabelos totalmente grisalhos, prossegue a andar, seguindo sua mesma direção.  
Ela continua pelo corredor em passos firmes, mas em dúvida se deve chegar até a porta de seu apartamento.  
Em dado momento, sentindo ainda aquele estranho a segui-la, ela retorna seus passos e, girando nos calcanhares, volta-se para ele e retira, agilmente, a arma de seu casaco e destrava-a, apontando-a na direção do estranho.  
Fique parado aí! Sou uma Agente Federal!  
O homem pára. Esboça um sorriso para Dana. Lentamente retira os óculos de aros grossos e lentes escuras.

***"Há sorrisos que ferem como punhais."***  
***E. Blasco***

## FUGAZ FELICIDADE

*"Felicidade é a certeza de que a nossa vida não está passando inutilmente."*

*Erico Verissimo*

### Capítulo 129

Dana continua firmemente mirando sua arma contra o desconhecido.

O gesto do homem ir retirando, lentamente, os óculos, a faz deter o olhar fixamente sobre os dele.

E vê, confusa, admirada, naqueles olhos o inconfundível verde transparente dos olhos de Mulder.

Não é possível! - ela balbucia, para si mesma, ainda mirando a arma sobre o homem.

Num relance, sua mente retorna àquela ocasião em que examinava os olhos do homem queimado, que injetara uma química no sangue de seu William. E imagina está delirando, vendo em tudo o rosto do seu amado.

"É sempre assim." - ela pensa, mas continua atenta em seu gesto neste instante.

Relaxa, Scully, sou eu.

A voz era, realmente, inconfundível.

Dana atônita, continua apontando a arma na direção do homem, mas, aos poucos, deixa cair o braço ao longo do corpo.

M... Mulder!?

Ele aproxima-se. Detém, com doçura, a mão de Dana, que segura a arma, trava-a e a guarda no bolso do casaco dela.

Mulder...? - ainda está atônita.

Ele a abraça, então.

Para Dana não é necessário que mais nada prove a verdadeira identidade daquele desconhecido. Ela sabe e sente que aqueles são, verdadeiramente, os braços e a quentura do corpo do seu amado.

O abraço é tão intenso, tão apertado, tão cheio de paixão, que palavras não são, absolutamente necessárias a serem trocadas pelo casal, neste momento.

Seus corpos vibram de prazer e ânsia pelo tão esperado momento do reencontro.

Durante minutos ficam ali, somente colados, olhos fechados, extasiados por encontrarem-se nos braços um do outro.

O estremecimento vem do mais recôndito do corpo de Dana. Como uma onda alucinante, os soluços nascem num crescendo do fundo de sua alma.

Mulder segura-lhe o rosto e a beija levemente nos lábios. Ela o beija no pescoço.

Vamos entrar, Scully, senão daqui a pouco seus vizinhos...

Ela lhe sorri entre as lágrimas e concorda.

Desprendem-se do abraço.

Ela retira as chaves do bolso e abre a porta.

Entram no apartamento, ela puxando-o pela mão. Na face molhada pelas lágrimas a demonstração da felicidade se apresenta, mesmo sendo tão fugaz, ambos sabem.

Mulder a faz parar, após fechar a porta e, num gesto rápido, puxa a estranha peruca que lhe cobre os cabelos castanhos e deixa-a cair no chão.

E ele, segurando o rosto de Dana, limpa-lhe as lágrimas com os dedos polegares, em ambas as

faces.

Agora os lábios aproximam-se e um ardoroso beijo é trocado. Língua procurando loucamente roçar-se na outra. Boca sugando vorazmente a outra. Mãos apertando os corpos com atormentado desejo de assim permanecer por horas a fio, caso fosse possível.

Desprendem os lábios. Ele contempla, com doçura, os olhos azuis que o enlouquecem.

Ela deixa-se contemplar e também o envolve com acariciador olhar.

Scully... que tal você está me achando?

Mulder... ahn... - suspira e sorri - acariciando-lhe os pelos da barba - ... está tudo diferente, mas a sensação é a mesma.

Huum... continuo gostoso?

Ela faz um muxoxo:

Muito presunçoso pro meu gosto.

O olhar dele vai na direção da sala. Afasta-se de Dana.

Scully... se não me engano, você trouxe um pedaço do meu apartamento pra cá.

Nem sabia que ia notar...! - ela fala, num tom casual, cruzando os braços.

Mulder coloca-se diante do aquário.

Nosso filho gosta de ver isto aqui?

Demais, Mulder!

Ele fica a contemplar o aquário.

Esse pequeno mundo de água límpida. O ruído discreto do motorzinho a fazer subir e descer o bonequinho astronauta, em meio às bolhas que se desfazem a cada segundo.

Os peixinhos, que se movem sem parar, sempre procurando abocanhar algum alimento. Outros escondem-se entre as plantas do aquário e mais os que vem até o vidro beijar sua transparente superfície.

Mulder sorri pela beleza e quietude que sugere esse cenário.

Volta-se, em seguida, para Dana:

Onde está ele?

Will?

Sim.

Com minha mãe. E ela só o trará amanhã cedo.

Mulder sorri.

Sua mãe é especial, Scully.

Ela sorri, também.

Mulder retira o pesado sobretudo que está vestindo. Joga-o sobre uma cadeira. Senta numa poltrona. Retira os sapatos e as meias. Coloca as meias dentro dos sapatos.

Dana o olha, de pé, sem nada falar.

Sente-se extasiada de ter ali, tão perto, o homem por quem tanto anseia em todos os instantes de sua vida.

\* \* \*

Dana liga o botão da cafeteira elétrica. Abre o armário, retirando xícaras e pratos. De sobre o escorredor de louças que está sobre a pia, retira talheres.

Sente as mãos de Mulder ao redor de sua cintura, quentes e acariciadoras, segurando-a por trás.

Ele beija-lhe a nuca.

Scully... - respira forte - ... eu não devo tirar a barba.

Ela força o corpo contra o dele, sorrindo, largando os talheres na pia.

E nem quero que a tire! Primeiro porque não deve mesmo, segundo porque eu gosto assim...

Verdade? Gosta de sentir isso? - roça a barba sobre a sua nuca, puxando-lhe o robe nas costas, fazendo aparecer sua pele.

Ai, que gostoso, Mulder!

Ele a faz virar-se para ele. Aperta-a, amorosamente, contra a parede da pia. As mãos grandes de



dedos cautelosos e doces, desamarram o robe branco de cetim, que Dana está vestindo. Abre-o e contempla o corpo dela à mostra, diante de seu olhar cobiçoso.

Dana o envolve com os braços pelo pescoço e sente as gotas de água do banho que ainda permanecem em suas costas, e que não foram levadas pela toalha.

Ele começa por deslizar os lábios sequiosos sobre o pescoço dela, procurando os caminhos que sua boca percorre com sofreguidão e doçura ao mesmo tempo. Vai descendo seus beijos sobre os seus seios, sugando-os docemente, acariciando-os, enquanto verga o corpo alto diante da figura pequena da mulher amada.

Dana deixa-se enlevar pela sensação doce, que lhe faz vibrar as carnes de desejo.

Todo o seu ser só pede que ele tome posse do seu corpo, sem demora.

Mulder...? - diz, afogueada.

Hum?

Vou morrer de tanta felicidade!

Colocando sua boca sobre a dela, ela a faz calar-se.

Não, Scully... - fala entre beijos - ... primeiro vamos fazer amor.

Ela sorri, deixando-se beijar, enquanto ele rebusca as reentrâncias das intimidades do seu corpo.

Os sentidos de Dana vibram em êxtase.

Mulder...! - sussurra, enquanto ele continua a enche-la de carícias, na preparação para o ato de amor.

\* \* \*

Mulder olha o relógio digital na mesinha de cabeceira:

2:37

Ele continua fitando os pontinhos luminosos, piscando ininterruptamente. Permanece quieto.

Não quer acordar Dana, ao seu lado.

2:38

Ele vê passar o minuto seguinte. Suspira profundamente.

2:39

Neste exato momento sente-se um pouco feliz. Está com o amor de sua vida. Percebe que Dana move-se, levemente, em seu lugar na cama.

Ele continua quieto. O relógio prossegue no seu piscar, sem fim.

2:40

Mulder estica o braço até a mesinha, querendo tocá-lo com os dedos.

Logo após esse gesto, sente os dedos de Dana entre seus cabelos.

Volta-se para ela:

Oi! Acordei você?

Ela sorri:

Eu não estava dormindo.

Não? - aconchega-a para junto de seu corpo.

Estava pensando.

No que?

Sobre nós...

Sei...

Até quando, Mulder? Parecemos dois assassinos, tendo que fugir sempre...?!

Ele não responde prontamente. Faz uma pausa. Aperta-a mais contra si.

Scully... - murmura - ... que podemos fazer contra as fortes correntezas que nos arrastam sempre para a desgraça?

Ela tapa-lhe a boca com os dedos.

Palavra forte essa, Mulder... nunca devemos pronunciá-la!

Tem razão.

Ela o observa, atentamente. Num repente, vêm-lhe algo à mente.  
Mulder!! - fala alto.  
Que foi, Scully?  
O táxi!!! O estranho no táxi era você!!! Não acredito! Como pude não perceber?!  
Ele lhe sorri.  
Está demorando muito a chegar a conclusões, Agente Scully. Será exonerada de seu cargo nos Arquivos-X. - agora sorri, abertamente, para ela.  
Ah, Mulder... que pena! Há um problema...!  
Problema...?  
Sim... o seu sorriso...  
... o que tem ele?  
... de menino... esconde-se dentro da barba.  
Mulder agarra-a, impetuoso, e a faz rolar sobre os lençóis. Pára quieto, com o rosto enfiado no peito dela.  
O que foi, Mulder?  
Algo me diz...  
O quê?  
Que não vou conseguir ver o meu filho...  
Ela levanta a cabeça dele de sobre seu peito, chocada com a idéia.  
O que é isso, Mulder? Como pode dizer uma coisas dessas?  
Estou brincando... - ele fala, murmurando nos ouvidos dela.  
E enquanto a aperta em seus braços, enquanto lhe é possível usufruir desse momento gostoso, em que tem sua amada Scully tão junto a si, lhe maltrata o coração em pensar negatividades, pois não consegue deixar de pensar que algo ruim deve impedi-lo de realizar todos os seus objetivos.  
Mulder...? - Dana o está olhando fixamente.  
O que?  
Você está longe...!  
De jeito nenhum, Dana. Todos os meus pensamentos, assim como meu corpo estão aqui com você. - olha-a, com ternura ; toca, com as pontas dos dedos a face dela, seus olhos, nariz, boca, contornando os lábios.  
Mulder... eu quero ser feliz.  
E você é, Scully! Você tem o que mais precisa seu coração... o seu maior desejo e o qual eu pude realizar junto com você. Seu filho!  
Sim... sim! Era um desejo intenso que eu tinha de ser mãe... mas Mulder, nós temos que estar com ele... juntos!! - leva a mão ao rosto - E não podemos!  
Os olhos verdes transparentes de Mulder, dentro das suas pálpebras apertadas, fitam-na intensamente.  
Dana mostra um sinal de angústia em sua face. Seus olhos de imenso azul, que indagam sempre, lançam-se na direção dos de Mulder.  
Dentro de si, lá no âmago do seu coração se pergunta como e quando poderá ser feliz, viver em paz, se ela e Mulder ainda não encontraram e nem sabe se encontrarão respostas a todas as suas dúvidas.  
Por enquanto, só fica a dor da inquietação.

*"A dor só dói por fora,  
por dentro ela corrói..."*

## COMO ENTENDER A VIDA?

*"Não se preocupe em entender a vida;  
viver ultrapassa todo entendimento."*

*Clarice Lispector*

### Capítulo 130

A umidade no ar e o frio tornam opacos os vidros da janela. O zunir do vento lá fora, que vem através das frestas, ressoa dentro do apartamento.

O sono não retornara, desde horas atrás. O cansaço, a tensão emocional, não os permitem desfrutar de um bom repouso.

Madrugada fria...!

O que, Mulder? - mesmo com a cabeça sobre o peito dele, não ouvira direito as palavras.

A madrugada está fria.

Dana aconchega-se mais a ele.

Um dia... tudo isso tem que acabar...

Ela faz um gesto de assentimento, piscando os olhos.

... nunca mais fugir... - ele prossegue.

Ela beija-lhe o peito.

... estar sempre junto de vocês...

Dana o escuta, atenta, sem se mover.

... um dia eu quero poder dizer... eu Fox Mulder, consegui vencer os meus inimigos.

Ela desliza os dedos sobre a pele quente do peito dele.

Scully... eu tenho aqui dentro de mim... uma certeza de que nós teremos a chance de ser felizes... talvez por uma breve espera, estaremos à mercê de receber essa recompensa pela nossa luta, Scully.

Dança lança o olhar para o teto do quarto na penumbra.

A luz do abajur, suave e projetando sombras, expõe nas paredes as silhuetas do lustre e os objetos sobre a cômoda.

Eu, você e William, um dia poderemos ficar livres de todos esses perigos que nos rodeiam agora... assim espero.

Dana continua somente o ouvindo falar. Quer sentir o prazer de escutar aquela voz característica em seus ouvidos.

Agarra o cobertor e puxa-o mais para cima, cobrindo-os até o pescoço.

Scully... eu quero um dia ter direito a viver como qualquer ser humano feliz... mas... felicidade completa será que existe? Eu só queria entender a vida...

Dana envolve com a mão o pescoço dele, como que desejando sentir na pele da palma da mão a vibrar do som que sai dele e o movimento do pomo de Adão de seu pescoço.

Desde muito cedo a vida me renegou, Scully. Sempre fui um homem só... desde menino... a minha juventude escorreu como um líquido entre os meus dedos e jamais pude agarrá-la.

Dana fecha os olhos, meditando nas palavras que ouve.

Passei grande parte da minha vida perdido... satisfazendo as minhas aspirações com sonhos irrealizados... sem nem perceber que a felicidade estava tão perto de mim...

Dana escuta, suspira profundamente.

Scully, quando comecei a te amar, a minha vida deu uma guinada e... fiquei tonto...

não sabia se te queria ou te repudiava dos meus sonhos de homem acostumado à

solidão... Scully...?

Hum?

Acho que você quer dormir e não ouvir conversa jogada fora!

Mulder! - aperta-se mais contra ele - Isso não é conversa jogada fora! É muito importante pra nós... - suspira - ... temos tão pouca chance de nos conhecer, Mulder, vivemos uma vida corrida... mas eu, às vezes, fico num canto lembrando certas passagens da nossa vida...

lembra quando fizemos amor pela primeira vez?

Mulder não responde. Apenas ouve.

Naquela noite eu estava despojando-me da minha...

... couraça de proteção!

Ela ri, com o rosto encostado no peito dele.

... e eu queria mostrar a mim mesma, convencer-me de que a única pessoa a quem amava era você.

Mas nem por isso deixou de adormecer no sofá, deixando de ouvir as minhas palavras entusiasmadas com a perspectiva que surgia à minha frente!

Eu estava cansada, Mulder!

E aquela meia hora de sono deu pra descansar... ou...?

Após aquela meia hora... - ela sussurra - ... eu já estava pronta, inteirinha pra você.

Mulder a agarra, cheio de desejo.

\* \* \*

Dana retorna até Mulder. Usa a camisola transparente que lhe mostra as formas pequenas e perfeitas. Abre o largo cobertor e o joga sobre Mulder. Deita-se junto a ele.

Vem. - ele a puxa para si.

Ela sorri, deixando-se jogar o corpo sobre o dele. Puxa o cobertor para cobri-lo até o pescoço.

Não. Não quero que nos cubra agora.

Por que não?

É gostoso ver e pegar o que aparece dentro de sua roupa.

Dana faz um trejeito sensual e deixa-se acariciar.

Eles não sabem e nem pretendem descobrir quais as horas marcadas no mostrador do relógio.

Seus momentos de amor são mais importantes que tudo o mais que os cerca.

Scully?

Hum?

Está feliz?

Completamente.

Eu a satisfiz de verdade?

Por que me pergunta isso? Você sabe e sente que me deixa sempre em pleno êxtase... é simplesmente maravilhoso ... mas...

... mas...?

Falta muito para uma completa felicidade, Mulder, você sabe.

Ele meneia a cabeça, confirmando. Suspira.

Silêncio após isso. Somente o ruído arrastado dos segundos do relógio digital.

" - Só entregaremos seu filho se nos der a prova da morte de Mulder."

Dana ouve no fundo de sua memória essas palavras, que a haviam machucado, desde então.

Hãh?? - ela toma um susto, com esses pensamentos; seu corpo treme.

Que foi, Scully?

Nada... acho que cochilei e tomei um susto.

Como se ligado àquele susto dela, o ruído da chamada do telefone ressoa no apartamento.

Mulder sente rápido na cama, atento. Aguarda por alguns segundos, um novo toque, que não acontece.

Ele joga-se de costas.

Nossa! Que alívio! - exclama Dana.  
Acho que já vivemos sofrendo alguma neurose, Scully. Acho que deve consultar um médico.  
Um... médico?  
Pra lhe curar as neuroses. A minha já está sem jeito... spooky Mulder...! - balbucia.  
Sem graça...! - ela diz, amuada.  
Novamente o ruído do telefone a soar alto.  
É o celular?  
Não. O celular está ali em cima do móvel. É o da sala, que está tocando.  
Em seguida, senta-se, angustiada.  
Mulder joga para o lado o cobertor e levanta-se. Dirige-se para a sala.  
Não, Mulder! - ela o impede - Deixa que eu atendo! - levanta-se, calça as pantufas e vai até a sala.  
Mulder permanece à porta do quarto, apoiado na esquadria.  
Alô! Dana Scully? - é uma voz sussurrante na secretária eletrônica - Avise ao Fox Mulder que deve ir embora o quanto antes! Ele está correndo perigo. Não pode ficar aí!  
Dana pega rápida o telefone, ao chegar até ele, sobre o móvel.  
Alô! Alô! Quem é? Alô!  
Porém nada mais pode ouvir. Somente o ruído característico da linha cortada.  
Mulder passa a mão sobre o rosto, denotando enfado e cansaço.  
Pensa o quanto é difícil e insuportável o tipo de vida que leva.  
Dana repõe o telefone no gancho. Aproxima-se de Mulder.  
Fim de festa, Scully!  
Não! Não pode ser! É alguma brincadeira!  
De brincadeira em brincadeira é que vão nos acabando com a vida, Scully...  
Ele suspira, levantando o rosto para o alto e fechando os olhos. Seus maxilares pulsam-se-lhe nas faces.  
Não posso ver meu filho...!  
Dana chega até ele.  
Abraçam-se. Calados. Respiração opressa. Angustiados.  
Apesar dos pesares, consegui amigos, Scully.  
O que quer dizer?  
Estão querendo me salvar da morte! - fala, num tom sarcástico.  
"Morte! - a palavra vem à mente de Dana, como um furor - Alguém quer matá-lo! Alguém quer acabar com Mulder!" - este pensamento a aniquila.  
Oh, Deus! - fala em seguida, com desespero.  
Mulder aperta-a mais entre seus braços, afaga-lhe os cabelos.  
Diga a meu filho que eu tentei, Dana...  
Ela não consegue pronunciar palavra. O choro se lhe embarga na garganta. Sente-se um trapo.  
Um fiapo, uma coisa sem valor. Algo inútil. Ninguém.  
Mulder afasta-se dela. Vai até o banheiro.  
Dana permanece no mesmo lugar. Apática. Sem ação. Cansada. Se pudesse, jogar-se-ia no chão, e se pudesse desmanchar-se-ia, transformando-se em algo que escorresse pelas frestas e desaparecesse, virando nada.  
Mulder retorna já vestido na calça jeans e a camisa de malha.  
Senta-se na cama, calça as meias e os sapatos, pensativo. Pára os gestos por uns segundos. Olha para sua amada ali, no mesmo lugar.  
Scully?  
Ela o fita, apenas, pestanejando lentamente.  
Ele vai até ela.  
Escute, Scully, eu vou tentar ver de onde partiu esse aviso e o que...

...não!! - interrompe-o, nervosa.

Claro que vou!

Não, Mulder! - está aflita - Olhe, me pediram a prova de que você está morto, para que desistam de querer nosso filho, entendeu agora?

Mulder leva um polegar sobre os lábios meio abertos, levanta as sobrancelhas.

Eu pensei que você fosse me contar alguma novidade!

Mulder, não brinca! Estou falando sério!

O toque do telefone soa, novamente.

O primeiro. O segundo.

Mulder corre até o aparelho.

Alô! - atende.

Ouve do outro lado da linha o ruído do baque do fone no gancho.

O cara não gostou da minha voz.

Volta-se para Dana. Olha-a, intensamente.

Os olhos molhados de Dana parecem pedir socorro.

Mulder, não vá!

Ele faz, com a cabeça, um sinal de que sairá dali o quanto antes.

Afasta-se dela, veste o sobretudo, pega de sobre um móvel a peruca, que repõe cuidadosamente, pega também os óculos escuros, que prende entre os dedos.

Aproxima-se novamente de Dana, e toma-a nos braços, embalando-a, como a uma criança, ternamente, como se a quisesse consolar; toma seu rosto, onde as lágrimas estão escorrendo livres e soltas, procura-lhe a boca e a beija, com sofreguidão.

Dana corresponde a esse beijo, a essa troca de um prazer angustiado, repleto de mistérios, de despedida, de dor da separação.

Até quando estarão sem poder desfrutar dias, semanas, meses, anos de completa paz e felicidade?

Até quando lhes fugirá do alcance as promissoras e venturosas sensações que teimam em afastarem-se de suas mãos?

Até quando?

Mulder desprende seus lábios dos de Dana, segura-a pela mão, levando-a consigo até a porta de saída. Dá uma última olhada no ambiente, no aquário com sua tênue iluminação no ambiente escurecido.

Ainda segurando a mão de Dana, fixa os olhos nos dela. Sorri.

Sabe que, num desafio, vai continuar sua jornada, enfrentando o que lhe vier à frente. Abre a porta. Desliza a mão que segura a mão de Dana até as pontas dos dedos dela, as quais leva até os lábios, fitando-a ainda, amorosamente.

Até breve, Dana.

***"O maior desafio do ser humano, é ser humano."***

# **DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA**

## **CAPÍTULO EXTRA XVII**

### **REENCONTRO**

A expectativa no coração daqueles dois era a tal ponto grande, que seus peitos pareciam querer abrirem-se numa dor angustiante!

Rever a pessoa amada! Quão significativa para ambos era a emoção daquele momento!

Poder rever os seus olhos, que tão apaixonadamente outrora lhes fitaram!

Poder rever os seus lábios, que tão sequiosamente noutras épocas lhes sentiram a avidez do seus desejos!

Poder ouvir novamente sua voz, que tão docemente em outros tempos lhes sensibilizaram os ouvidos e os sentidos!

Mas dói-lhes agora não mais poder ouvir, senão somente como lembranças, na imaginação, as juras de amor ditas com palavras quentes da paixão.

Nem mais poder sentir as mãos quentes de dedos minuciosos, rebuscando as reentrâncias de seu corpo ardente em ânsias do querer.

Agora, no entanto, é somente poder desfrutar, heróica e resistentemente às investidas da carne que lhes tenta e lhes faz recordar os momentos belos vividos em plena paixão.

Agora é só fingir, hipocritamente, a frieza na voz, nos olhos e nas mãos, impedindo-lhes de deixar extravasar a atração que ainda perdura e se lhes enfia como espada no peito ainda repleto de imorredouro amor!

Agora, neste reencontro, já não há mais como poder lançar aquele sorriso que desarma e lhes faz acelerar as batidas do coração.

Agora é só viver cada um a sua própria vida, seguir seu próprio caminho, reviver suas lembranças e, assim, ficar numa eterna recordação.

- Estou feliz por poder te ver novamente.
- Penso da mesma forma.
- Obrigado por este momento feliz, Gilly!
- É precioso pra mim poder estar com você neste instante, Dave!

# **DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA**

## **CAPÍTULO EXTRA XVIII**

### **ADIVINHAÇÃO**

Tarde quase quente  
de um brilhante sol ardente;  
o sorriso aberto sempre  
de alguém feliz, contente.

Roupa estampada  
de belas cores entrelaçada...  
e no rosto, na mente, nos poros  
a lembrança de feliz vida passada.

Nela o rosto denota a simpatia,  
o sorriso sempre aberto, a alegria,  
mas falta algo - nem pode explicar o porquê -  
como um sonho perdido, apenas uma utopia.

Antigamente ao seu lado, era tudo diferente  
ele, o seu amor, homem belo, experiente  
a consolava, abrigava, a excitava,  
lhe trazia amor, nunca estava tão ausente!

Mas hoje... hoje tudo é estranho, realmente!  
Cadê aquele amor fremente?  
Tudo se esvai qual nuvem, fumaça  
só dentro do coração fica a dor pungente.

Hoje não passa de uma ilusão ...  
é até erro pensar em nova união,  
mas fica o latente sentimento  
a fluir, trazendo infinda emoção.

Hoje já não há mais a paixão  
que encheu daqueles dois o coração;  
só há o tédio, a pesada melancolia  
Mas afinal, você que me lê, sabe dizer quem eles são?



# DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA

## CAPÍTULO EXTRA XIX

### OPÇÃO

Atenção!

Pára!

Câmeras!

Ação!

Corta!

De novo!

Desfaz e refaz as cenas. Consecutivamente.

Trabalho. Cansaço. Luzes. Longas horas. Estafa.

Finalmente pode voltar para o trailer. Respirar um pouco. Enfim, pode retirar as roupas de trabalho. Colocar as suas informais.

Ajeita-se no espelho. Mira seus próprios olhos na superfície do cristal. Eles indicam lá no fundo uma saudade. Saudade do que não vai ficar.

Um dia, talvez, poderá voltar a ter aquele alguém que lhe toca o coração nesse vai-e-vem constante do trabalho que um dia, fatalmente, vai ter um fim.

E só vai ficar mesmo esse sentimento arrasador. A saudade.

Resolve sair do trailer. Estabanadamente. Quer deixar o quanto antes aquele local cansativo.

- Ops!

Um encontrão. Um esbarro.

- Desculpe.

- Não tem de que.

Sorrisos.

- O que foi?

- Eu queria falar com você. Só pra dizer tchau.

- Vai pra casa?

- Estou pensando...

- Em que?

- Convida-la pra algum lugar.

Um sorriso mais. Uma risada.

- Já jantamos desse jeito aí, comendo entre as câmeras e luzes!

- É verdade.

Também lança um sorriso. Num jeito ingênuo.

- Mas... quer me dizer alguma coisa?

- Sim.

- Pois diga!

- Mas não aqui... olha... você vai direto pra sua casa?

- Só não irei se alguém me chamar pra algum lugar.

- É? Quem você espera?

- Você.

- Ah... bem... vem comigo, então... você vem?

- Claro!

Dirigem-se para pegar o carro.

Ele sente-se como um adolescente ao cortejar a primeira namorada.

Ela encontra-se no auge dos seus desejos, ao lado daquele que preenche todas as lacunas do seu ser e de poder estar com ele em algum lugar, algum ponto esquecido da terra, só para os dois.

O ronco do motor. As rodas deslizando no asfalto.

Enquanto o vento fustiga-lhe os cabelos, ela coloca a mão nervosa por dentro do decote, como que desejando conter as batidas rápidas do seu acelerado coração.

Um furtivo beijo na face surpresa dela.

- Não esperava isso.

- Por que?

- Achei que você só o faria diante dos outros.

- É?

- Hum, hum.

Aconchega-se àquele braço forte, de carnes quentes, que agarra o volante. Coloca a mão acariciadora na coxa dele.

- Se eu causasse um acidente, seríamos um escândalo na cidade!

Fala isso e dá uma risada cristalina. De deboche. Lá no fundo do peito, porém, uma dor. Sem consolo. Mas é bom insistir na conversa.

- Você se importaria com isso?

Só o silêncio já é a resposta.

O sinal vermelho mostra-se, ali à frente, brilhante. O veículo tem que parar.

Um suspiro dela. No peito frágil, irrequieto.

Um outro suspiro. Naquele coração dele, calado, que tudo quer suportar, mesmo a mais amarga solidão a dois no seu dia-a-dia.

Ela sente o braço quente dele ao redor do seu pescoço, numa carícia.

Fecha os olhos. Para sentir melhor as sensações.

O sinal verde abre, dando passagem. O carro prossegue.

- Quanto tempo, hein?

- É verdade.

- Senti saudades?

Para que responder com palavras? Apenas dirige para ele seu olhar suplicante por carinho.

- Quer mesmo ficar comigo esta noite?

Encarou-o, muito séria.

- Por que pergunta? Tem alguma dúvida?

A resposta é quase inaudível.

- Não.

Olha os pontos de luz brilhante que passam em velocidade diante de seus olhos grandes e molhados.

Por que tem que ser assim?

O destino, talvez.

Ele estaciona o carro. Saem.

As mãos se encontram. Quentes. Nervosas.

Ambos calados. Não têm muito o que argumentar. A emoção é mais eloquente que qualquer palavra.

\* \* \*

Entram na suite. Ela lança um rápido olhar por sobre o conforto do ambiente. Isto tudo está em segundo plano, no entanto. Pouco interessa, se o melhor que acha para sua vida é estar agora na companhia de alguém que ama. E muito.

O abraço apertado os faz recordar muitos bons momentos. A respiração ofegante, as carnes

trêmulas de desejo.

Os longos dedos dele rebuscam-lhe o decote procurando tocar nos recantos mais guardados dos seus seios.

Com os lábios sequiosos vasculha todo o pescoço e colo alvos, subindo para a boca entreaberta que espera a dele, ansiosa.

Mais uma noite de amor. Mais uma noite de tormento, também.

Por causa da saudade, que vai ficar..

E assim será, talvez para sempre. Pois é assim que preferem ambos viver, em momentos fugidios de amor.

É uma opção.

# **DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA**

## **CAPÍTULO EXTRA XX**

### **REFLEXÃO**

1996.

Em determinadas noites passavam diante dos meus olhos cenas que me chamavam a atenção por sua diferente maneira de serem contadas. Arquivo-X.

Cenas escuras, aterrorizantes, lúgubres ... e eu já havia assistido filmes de terror arrepiantes, mas essas das quais falo, chamavam em especial a minha atenção por causa de seus protagonistas.

Comecei a prestar mais atenção em sua atuação. Mas se eu disser que ficava atenta porque eram bons atores e desempenhavam muito bem seus respectivos papéis, nem pensar! Nada disso! O que me chamava a atenção era o carisma do casal de atores, era o entrelaçamento de suas personalidades marcantes. O que me atraía era o modo como se olhavam, se falavam... fascinante!

E, aos poucos, comecei a notar que não podia deixar de ver os episódios a cada semana. E sutil e mansamente, os personagens foram tomando conta do meu coração. Passei a amá-los, simplesmente! Como pessoas da minha relação de amizades. Passaram a significar uma parte de minha vida.

Acham que há exagero nas minhas palavras? Certamente que não! O casal de personagens passou a fazer parte da minha rotina diária, já que, a partir do ano de 1998 até esta data tem saído de minha mente inspiração sem fim para criar histórias para o dia-a-dia de Fox Mulder e Dana Scully. Notaram que eu disse desde 1998? E eu ainda não tinha acesso à Internet, nem conhecia as fanfics. Porém eu já escrevia, tendo os dois como temas para o meu diário. Eu falava sobre eles e até que um dia resolvi dar uma continuação ao episódio "How The Ghosts Stolen Christmas". Lembram? Eu tive que criar uma continuação para aquele lindo tema, já que o autor nos deixava apenas "a ver navios". E num maravilhoso dia, descobri que existiam os escritores das fanfics. Fantástico! Aí eu poderia me esbaldar! E foi o que eu fiz a partir de então.

Mas, com certeza, não é somente atração que sinto pelos personagens. É o bem-querer que tenho aos atores que os interpretam. Deveria eu fazer absoluta e necessária separação dessas duas coisas: personagens e atores. No entanto, sem nenhuma explicação racional e plausível (como diria a Scully) consigo entender como isso acontece! Um caso para um bom psicólogo, talvez (Alô, amiga Therezinha!) . Só sei é que os quatro - os dois atores e os dois personagens - são por mim amados, já que, por causa deles já consegui escrever mais de 100 capítulos de um Folhetim, inúmeras fanfics, poesias e 20 outras pequenas narrativas, todas baseadas nesses dois sobre os quais comento aqui.

Agora eles, que durante tanto tempo deslumbraram meu coração e meus pensamentos, vão me deixar, partirão, deixando para trás o rastro doloroso da saudade, da falta que farão em minha alma arrebatada pelo amor inabalável que sinto desde o momento em que passei a acompanhar

os passos televisivos dos dois Agentes, personagens do Arquivo-X.

Bem, então é isso que eu queria expor nestas linhas. Uma reflexão desses deslumbrantes e memoráveis tempos. Minha intenção era abrir o meu coração shipper para vocês que me lêem e continuar sempre com os meus devaneios...

# DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

## CAPÍTULO EXTRA XXI

### NUNCA MAIS...!

Encontros. Saudações. Comparecimento em programas na TV. Entrevistas. Fotos. Premieres. Compromissos sem cessar. Manhãs. Tardes. Noites. Azáfama. Gritos. Alegria. Aplausos. Luzes nos olhos. Calor ambiente. Calor humano. Emoção. Pés cansados. Olhos ofuscados. Corpo baqueado. Coração angustiado.

Mas, após todo esse tormento, graças ao Senhor, ela tem seus momentos de paz e reflexão. Também tem a filha para dar toda a sua amorosa atenção.

Depois, a sós, no seu quarto os pensamentos divagam. Maravilhoso e fantástico poder que lhe permite vagar até os confins das recordações em poucos segundos.

E sua memória esmiuça detalhes de acontecimentos passados.

Agitação de dezenas de homens e mulheres à sua volta. Veste roupa. Tira roupa. Penteia os cabelos. Maquilagem. Scripts. Câmaras. Sons. Trabalho.

Assim era o seu dia-a-dia. Nove anos de um trabalho ininterrupto.

E agora...?

Não mais dezesseis horas de intensa lida.

Não mais intensos ensaios de papel.

Não mais poder estar na pele da carismática personagem.

Não mais ter que voltar tarde para casa.

Não mais os divertidos erros de gravação.

Não mais os bate-papos com os colegas.

Suspira profundamente nesse instante,  
porque uma pontadinha forte no coração segue adiante...

E não mais verá aquele sorriso de menino; nem aquela transparência verde que lhe vasculhava a alma; não mais a proximidade daqueles longos braços quentes, agasalhadores; não mais poderá sentir na boca o gosto daquela que lhe fascinava... não mais... nunca mais...!

Os olhos azuis vão fechando com esses pensamentos... o sono vai chegando...  
para logo, logo acordar num novo dia que já vem voando...

Pelo menos tenha bons sonhos, Gilly.

# **DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA**

## **CAPÍTULO EXTRA XXII**

### **CONVERSA - PARTE 1**

Oi,

Quero conversar com você. Citar umas palavras modestas, mas saídas de lá do fundo do coração.

Eu quero aqui realizar um sonho: dizer a você o meu agradecimento por tudo aquilo que você fez acontecer na minha vida.

Está me olhando, sem nada entender?

Eu explico.

Se não lhe tivesse conhecido, eu não teria podido proporcionar aos meus olhos e ao meu coração o deslumbramento com a formosura que você é. E como dizemos psicanalistas, nos faz muito bem olhar para coisas belas..

Eu não teria também adquirido o monte de amigos que aumentou as minhas relações de amizade.

Eu não teria tido inspiração para escrever tanto a respeito de você, naturalmente com aquela que o acompanhou nessa longa jornada de trabalho durante nove anos.

É por isso que, agora, inspirada pelo que acompanhei em sites da Internet dedicados a você, venho também deixar as minhas palavras de afeto.

Antes deixe-me citar o que li, que lhe foi dedicado nos referidos sites. Só que aquelas pessoas sabem usar sua criatividade e produzir maravilhosas colagens que são complementadas pelos agradecimentos. Porém eu, coitada de mim, sei somente escrever, nada mais...!

Sabe que, enquanto eu lia as dedicatórias, minha garganta permanecia embargada pela emoção e meus olhos enchiam-se de lágrimas? É verdade! Veja o exemplo de três formas de agradecimento, as quais achei simplesmente emocionantes:

Thank you David

For your inspired & caring portrayal of Fox Mulder,  
whose personal journey has become legendary.

"We Will Never Forget"

Thanks for helping us believe, David!

Thank you David

Go...

Mulder will live

In our hearts

Estas homenagens foram feitas por suas ardorosas fãs, assim como eu sou e, tenho certeza, de que se você as lesse, sensibilizar-se-ia, sinceramente.

Mas olhe, eu quero dizer poucas palavras mais: agradeço-lhe por ter-me proporcionado assistir, através do seu personagem, o respeito, a honestidade, a firmeza de caráter, a sensibilidade, a

destreza, a coragem e acima de tudo, o amor!

Você resolver parar.

O Arquivo-X acabou.

Mas em nossa memória permanecerá para sempre a imagem fantástica do Fox Mulder que você tão bem personificou e ficará em nosso pensamento, nos nossos devaneios...

Obrigada, David Duchovny.

## CONVERSA - PARTE 2

Ei! Agora você...

Permite-me tirar alguns momentos para lhe dizer algo? Permite-me aqui escrever toda a minha emoção desde que a conheci?

Obrigada.

Eu quero, eu preciso mesmo dizer-lhe que, durante muito tempo, mantive meu coração e minha mente ligados à pessoa que você é. Bem, talvez não seja exatamente a minha intenção em tratá-lo por quem é, mas pelo que fez em minha vida e meus pensamentos.

Eu escrevi e ainda escrevo para você contos, crônicas, poesias, tudo aquilo que me vem à cabeça a seu respeito. É... digo isso porque, na verdade, são livros e mais livros com histórias baseadas em você e o seu colega e companheiro de longas e exaustivas horas de trabalho.

A sua personagem dentro do Seriado mais assistido no mundo inteiro, mostrou dentro do mais íntimo de nossa alma a perseverança, a garra, a força de viver de uma mulher guerreira, de personalidade forte e procedimento irrepreensível.

Mas não fica só aí. Eu a considero uma guerreira também na sua real personalidade. É o que se nos aparenta ser. Pode até ser que haja no seu íntimo uma debilidade, uma insegurança pelos tempos que virão, mas jamais você os deixa transparecer. Você só mostra fortaleza e determinação. Como a própria Dana Scully você não se deixa abater; você guerreia no combate da vida, sem pestanejar!

E é por isso que a aprecio. Verdadeiramente.

Sei. Tudo vai passar. A sua fama, a sua vida estafante de uma atriz sem defeitos. Um dia tudo vai sair da lembrança. Talvez da sua lembrança, porém dos seus admiradores não. Eles sempre relembrarão a sua magistral interpretação rica em sensibilidade.

Sabe a música que é posta no teaser de cada episódio? Aquela que parece mais ser uma melodia assobiada?

Pois ela me penetra além dos ouvidos, lá no âmago do meu coração, trazendo tristeza... é uma melodia que traduz mistério, mas também um sentimento pungente de dor e saudade.

Porque agora tudo acabou e somente a nostalgia vai ficar do passado lindo que você vai deixar.

Eu, assim como milhões de pessoas no mundo inteiro, choraremos sua falta, porque muitas e muitas atrizes ainda estão por vir, porém nenhuma se assemelhará a você, sem dúvida alguma.

Você me passou emoções intensas no seu trabalho.

E sou muito grata a você, minha inspiradora de devaneios.

Obrigada, Gillian Anderson.

## CONVERSA - Parte 3

Olhem,

Vou lhes falar por alguns instantes umas palavras, as quais, é claro, vocês, talvez, nem mesmo tomem conhecimento, porém, mesmo assim apraz-me pô-las aqui nesta página.



É para vocês, dubladores, o meu carinho, a minha admiração pelo seu tão maravilhoso, nobre e difícil trabalho.

Sabem que conhecê-los pessoalmente sempre foi um dos meus sonhos de fã? Pois é a mais pura verdade! Sempre fez parte dos meus maiores desejos, poder vê-los, tocá-los, sentir que existem de verdade, que são meros seres humanos, como nós.

E, por uma questão de maravilhoso acaso, conheci dois de vocês; que me encheram o coração de alegria, entusiasmo e emoção.

Como não havia de sentir-me emocionada em poder estar perto e conversar com pessoas tão queridas como vocês são? Sim, porque são um pedacinho dos nossos atores favoritos. Vocês são os responsáveis por passar-nos todas as características e todas as infundas emoções de nossos amados protagonistas.

Através de vocês é que podemos sentir os verdadeiros sentimentos que naquele instante transcorrem no papel de cada um.

Como conhecê-los nos deixa contentes, amigos! Talvez até achem fingimento de minha parte dizer que vocês merecem os mesmos méritos, os mesmos louros recebidos pelos atores dos quais vocês passam para nós as personalidades.

Lindos e maravilhosos seres que transportam suas emoções para mostrar aos espectadores os sentimentos de outrem, quando dentro de si está clamando pela justiça do reconhecimento de seu trabalho, onde entrega todo o seu ser a bem do seu desempenho profissional.

Obrigada mesmo pelas emoções que nos deram com sua simpatia e carinho, Juraciara Diacovo e Ricardo Juarez, respectivamente dubladores de Dana Scully e John Doggett, para que pudéssemos durante tanto tempo, seguir nossos sonhos e devaneios...

#### **CONVERSA - Parte 4**

Ah, e você aí!

Pensou que eu não ia dizer-lhe nada, não é verdade? Lá, bem no fundo da alma, imaginou, com certa frustração, que eu deixaria passar "em branco" todas as coisas referentes a você, não é? Puro engano!

Aqui estou eu para dizer-lhe que sinto-me imensamente feliz por poder dizer-lhe essas palavras. E é com imenso carinho que o faço, sabe?

Você é que é, verdadeiramente, o causador da minha alegria de fã... ou melhor, a alegria de milhões de fãs por aí fora! E não é em apenas uma cidade, um Estado, um País. E em TODO O MUNDO! O mundo inteiro reconhece em você o desbravador dos corações e das mentes.

Dos corações porque você colocou lá no fundo de cada um a visão do amor mais bonito, inteligente, culto, respeitoso e fiel, que já existiu em toda a face da terra.

Está certo. Concordo plenamente com o que vai dizer. Que é ficção. Claro que sei disso, mas os seus personagens, aqueles que você criou, foram tão perfeitamente personificados, que não há como não misturar um pouco da fantasia com a realidade.

Ativador das mentes, porque para cada tema exibido nos deixava matutando, "queimando a mufa", com aquelas intrincadas histórias de aberrações e paranormalidades.

Muito obrigada.

Por sua causa eu tive minha vida mudada. Com os meus escritos, pensamentos, folhetim, poesias.

Sabe...? Por esse mundo fora houve milhares de espetaculares inventores com suas criações, desde a mais simples à mais monumental e importante!

E você também faz parte deles, pois é o criador de algo imprescindível para o ser humano.

Você criou a importância que se deve dar a um sentimento lindo, puro, como o amor.

Não sabia disso? Pois é a verdade... com a sua invenção de dois fantásticos personagens tão sinceros, honestos, decentes, leais, justos, sem querer, nos trouxe, através dos gélidos equipamentos de filmagem, o calor do amor, aumentando pouco a pouco no coração de cada fã a admiração por você, embora, por vezes, muitas e muitas pessoas tivessem verdadeiro desejo de esganá-lo por não deixar acontecer com os seus personagens como nós, os fãs, gostaríamos que fosse exibido na telinha, diante de nossos ávidos olhos shippers.

Eu e milhares pelo mundo inteiro, nos apaixonamos por sua criação e nos apropriamos deles, criando nossas próprias histórias, tendo-os como tema.

Obrigada, obrigada pelo presente maravilhoso que nos deu nesses nove anos através da TV a cada semana, enchendo nosso coração de amor, suspense, tensão, a cada episódio que víamos.

Muito obrigada, Chris Carter, por me permitir viver todo esse tempo com esses meus devaneios...!

# **DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA**

## **CAPÍTULO EXTRA XXIII**

### **ACONTECEU, ENFIM!**

O mais esperado aconteceu.

O esperado, desejado, por dezenas, centenas e milhares de shippers do mundo inteiro!

É muito bom, quando a gente cita um acontecimento que tenha mexido com uma boa parte desta Terra...

Nos traz imensa satisfação saber que alguém ao lado da nossa casa apreciou o que viu e que mais ali adiante outro alguém também sentiu o mesmo; seguindo mais à frente, mais alguém de uma outra cidade, outro país... lá, ali, além, acolá... existe alguém que pensa como nós, que tenha as mesmas idéias, os mesmos sonhos, as mesmas tendências...

Uma parte da povoação shipper deste Planeta já pôde deliciar-se com a cena: já sentiu a felicidade de ver a realização de seu desejo; afinal, os shippers têm um sentimento principal importante: o romantismo, essa coisa bonita que sensibiliza o nosso coração, nos enche de uma ansiedade sadia, sempre no aguardo de atitudes que os façam sonhar, devanear, delirar pelo espaço infinito dos seus pensamentos.

Nós, os shippers, podemos nos considerar mais felizes que os demais, pois a nossa sensibilidade nos faz pensar em coisas irreais, quase uma utopia e isso tira de nossa vida cotidiana os pensamentos negativos de fracasso, derrota, hipocrisia, maldade, dor, porque dentro do nosso coração só pode haver o compasso da alegria, a pureza, a doçura, a ternura, e tudo o mais fica para trás, no esquecimento.

Escrevi, falei tudo isso só para lembrar a vocês que nós, shippers estamos comemorando, transbordando de felicidades com - até que enfim! - o verdadeiro beijo de amor entre Mulder e Scully!

E já não era sem tempo! Ufa! Haja coração!

## **DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA**

### **CAPÍTULO EXTRA XXIV**

#### **FELIZES... ATÉ O FIM!**

Neste comentário desejo lançar ao conhecimento de vocês o meu descontentamento, a minha tristeza, enfim, como fã do Arquivo-X.

Após nove anos de acompanhamento do Seriado (eu só o acompanho há quatro anos), nenhum de seus admiradores, os eXcers, poderão se conformar com as decisões tomadas pelos roteiristas da Série, que criaram soluções indefinidas para martirizar seus personagens, Fox Mulder e Dana Scully.

Tem algum cabimento? Entra na cabeça de alguém que u'a mãe, em plena sanidade mental e boa situação financeira, desista de seu próprio filho, carne de sua carne, para entregá-lo em mãos de terceiros?

Será que não haveria meios menos martirizantes para que ambos sobrevivessem às ciladas dos inimigos?

No mundo tudo é assim mesmo - explicam os mais cépticos, que não acreditam na felicidade plena - mas a Série não é uma ficção?

Então poderíamos sonhar!

Porque, na verdade, após tantos anos de um indefinido sentimento, quando Mulder e Scully resolvem, finalmente, assumir seu imenso e dificultoso amor, são eles obrigados a tomar a extrema e mais angustiante de todas as decisões: desistir de seu filho, o fruto de um amor lindo, onde sempre existiu a seriedade, o respeito, a consideração, o recato, a igualdade de sentimentos, enfim, tudo aquilo que nesta vida real em que vivemos não aconteceria, já que o amor, o verdadeiro amor, aquele em que há um companheirismo e todos os outros sentimentos muito bem representados por Mulder e Scully, tornou-se algo sem graça, vulgar, interesseiro, corrompido e prostituído.

Pois é, assim se vai mais uma de nossas ilusões sobre o Seriado mais empolgante que já existiu nas telas de TV.

Tiraram a beleza que é, para nós, Mulder e Scully serem pais de um bebê gerado por eles.

Gente, é uma coisa tão bonita...! Por que não deixaram que tudo continuasse normalmente?

Porque é corriqueiro? Repetitivo como a própria vida? Shipper?

Não importa. O que nos importa mesmo é saber que os nossos lindinhos poderiam ser felizes... os três... até o fim!

# DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

## CAPÍTULO EXTRA XXV

### COMEMORAÇÃO

Mês de agosto. Mês do desgosto??!!

Certamente não!

Para mim, sempre seguindo as Promessas de Deus, não temo coisa alguma, muito meno???? os superstições... ou tradições... sei lá!

Mas o que tenho que falar sobre este mês tão mal amado, é que, para nós, fãs de Gillian Anderson e David Duchovny, ele é um bom motivo para nos alegrarmos e comemorarmos, à nossa maneira, já que não podemos estar pertinho deles para dar-lhes um afetuoso abraço de parabéns.

Através deste Devaneio, então, eu quero expressar meus desejos de que as melhores bençãos caiam sobre esses dois atores que merecem toda nossa consideração e amor, por nos satisfazerem o coração, cuidando muito bem de seus personagens - Mulder e Scully - que são o nosso xodó. E, é claro, nunca mais sairão de nossos pensamentos seus gestos, suas palavras, seu modo de ser.

Parece que vejo, diante de meus olhos, Scully cruzando os braços, arqueando uma sobrancelha, franzindo os lábios, na sua impecável elegância e no seu habitual cepticismo.

Da mesma forma vejo Mulder com os polegares presos ao cinto, afastando o elegante paletó, mordendo os lábios ou fazendo com eles um bico encantador, ou então jogando-se numa poltrona ou sofá, no seu modo despojado de ser.

Tudo isso vem à minha mente a cada vez que escrevo uma de minhas historinhas em homenagem a eles.

Faz de conta que os estamos vendo, neste momento, diante de nós e vamos desejar, então, a essas duas pessoas inesquecíveis e maravilhosas, que a felicidade esteja com eles a cada minuto desses novos tempos em que, cada um para seu lado, cuida de seus próprios sonhos e sua sobrevivência.

Nós aqui vamos ficando com o coração feliz e ditoso por saber que estão bem, felizes e tentando realizar seus desejos... e lembrando que, nós também, temos os nossos sonhos relativos a eles ... não é mesmo?

Então é para vocês, Gillian e David, que reparto com minhas amiguinhas leitoras o meu coração e os pedacinhos, transbordando de amor e carinho, lhes enviamos, em comemoração a esses dias 7 e 9 deste mês de agosto de 2002.

Um beijo da  
Wan

# DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA

## CAPÍTULO EXTRA XXVI

### QUEM SABE?

Como numa harmonia de sons e cores  
vindo de dentro dos corpos enlaçados,  
caminhos do prazer sentindo, entre dores,  
na verdade do amor maravilhados.

Entrega total, num vórtice de paixão,  
numa madrugada fria, embora no conforto  
permanecem numa ansiosa busca em cada mão,  
e no coração fica o sentimento absorto.

Quantas noites sonhadas já passaram,  
de recônditos desejos intensos a sofrer  
e com insônias, ciúmes transformaram  
Num denso mar de ansiedade o seu viver!

Quantas vezes um sorriso, uma palavra, um gesto  
causou em seu interior tanta sensação,  
num turbilhão de desespero manifesto  
forçando a viver sofrendo o coração!

Mas um dia, sempre um dia há, enfim,  
transformou em suas vidas a realidade  
quando do momento de um venturoso "sim"  
a partir daí, não mais a dor, a frustração, nem a saudade.

Porque com eles estava a plena certeza  
de que um amor existia na verdade;  
entregaram, então, suas almas em beleza  
e fizeram do imenso amor a doce realidade.

Desse amor veio um fruto, coisa linda!  
Que não podia de alguma forma aparecer.  
Mas quem pode de Deus saber a vinda  
de uma benção desejada em forma de um ser?

E hoje desse fruto que lhes enche de felicidade,  
nem podem sequer muito usufruir;  
há uma maldade, a coisa ruim, a perversidade,  
para impedi-los de viver sempre a sorrir.

Mulder, Scully, William, têm história nesta vida;  
sempre felizes queriam ser, mas não é possível.  
Tanta perseguição, tanta tribulação, em meio à lida

e a palavra felicidade pra eles é inadmissível.

Mas quem sabe daqui pra frente as coisas mudem?

Quem sabe o pai deles, o Carter, seu criador,  
os fãs da Série, os shippers, tanto o perturbem,  
que ele resolva tornar esse romance num lindo e feliz amor?

## **DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA**

### **CAPÍTULO EXTRA XXVII**

#### **SÓ ALEGRIA!**

É como se fosse mais um episódio dessa Série tão dramática a qual pudemos acompanhar desenrolar por longos nove anos. É como se estivesse acompanhando o dealogar dos personagens, preenchendo nosos ouvidos com suas vozes características, nos enchendo de prazer em ouvi-los. É como se tivessediante de mim a visão que tínhamos de todos aqueles que se movimentavam durante a estória, satisfazendo plenamente nosos corações com o que acontecia em seu enredo, tanto coisas boas como também coisas ruins, mas que nos enchia os corações de prazer por poder assiti-los a cada semana, vibrar com eles, odiá-los ou amá-los, conforme fosse o enredo da estória.

Lá fora, onde foi criada a Série, tudo era mais fácil. Episódios, fitas, DVD's. E nós, aqui no nosso País, contentávamos em esperar por três ou quatro meses uma nova temporada, ou, pelo menos< assistir em vídeos através da Internet as cenas inéditas a que podíamos ter acesso.

Tudo isso vem, nitidamente à nossa mente, como se fosse algo real.

Mas e agora? Passado tudo isso, o que teremos à frente? Só a saudade? Só a falta que nos faz o perceber que nunca mais veremos em nossas telinhas novos episódios do Arquivo-X.

Até me pergunto: para que fui eu acompanhar tal Serei por tanto tempo? Para que me interesssei demais pela sua história, por seus personagens, até mesmo por seus atores? Para quê? Por quê? Como?

Eu poderia estar livre, agora, desse mal que me abala. Dessa perda. É como se me tivessem arrancado algo que me pertence, algo que me enchia tanto de prazer e hoje< tóudo não passa de uma linda lembrança...!

Que pena! Eu gostaria muito de possuir um poder grande, imenso, de persuasão e fazer com que os atores e seus roteiristas retomassem seus lugares como antigamente e voltassem entusiasmadamente a fazer tudo de novo. Navas histórias, novas situações, novos temas.

Ah, como eu gostaria...!

No entanto, somente ficou a saudade... mas só a saudade?

Mas não! Minto! Ficou uma coisa boa! Gratificante ao meu coração! Ficaram os amigos!

Jamais adquirir, em toda minha vida de 65 anos, tantos amigos com os mesmos pensamentos, as mesmas idéias, os mesmos gostos, como consegui agora, desde há 3 anos atrás! Então para que me lamentar? Então para que esse sentimento de sofrimento? Então agora só posso dizer que sou feliz! Posso dizer: obrigada, Mulder e Scully! Pois vocês é que me permitiram essa coisa benfazeja que é formar um grande e entusiasmado bloco de amigos.

Obrigada, muito obrigada!

Quanta felicidade quando nos reunimos para conversar, trocar idéias, analisar as coisas que vemos no Seriado ou então apenas curtir nosso relacionamento! Mesmo os que estão longe de mim, me fazem sentir próxima, muito próxima, porque assim a Internet ou o Correio nos permitem.

É a vocês, amigos, que também agradeço sua amizade! E por isso nada de saudade, nada de tristeza!

Só alegria, muito carinho e amizade!

E viva para sempre o nosso Arquivo-X!!



# DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA

## CAPÍTULO EXTRA XXVIII

### ANALISANDO MULDER E SCULLY EM

### PENSAMENTOS FAMOSOS

“A amizade é uma predisposição recíproca, que torna dois seres igualmente ciosos da felicidade um do outro.”

Platão

(**Amizade**. Isso els sentiam de verdade um pelo outro, na maior intensidade)

“A beleza é uma armadilha da natureza à razão.”

Levis

(**Beleza**. Mulder e Scully a possuía e nos seus gestos e palavras a refletiam)

“A ciência serve apenas para dar uma idéia da extensão de nossa ignorância.”

Lamennais

(Para a **Ciência**, Scully dedicou toda sua vida. E através dela, Mulder manteve sua parceria definida.

“O sol que brilha, a brisa que se move, são a mão de Deus em movimento.”

Campoamor.

(**Deus** para ambos foi imprescind[ível na vida, na dor, naquele amor indefinível.)

“Vemos o Universo através de nossas emoções.”

Maurice Barres

(**Emoções** a nós passaram de forma tal, que em nenhuma outra história veremos igual)

“A fidelidade é o esforço de uma alma nobre para igualar-se a outra maior que ela.”

Goethe

(**Fidelidade** para eles era parte de seu ser. Fiéis um ao outro na alegria ou no sofrer.)

“A graça é a formosura em movimento.”

Lessing

(A **graça** que possuíam nos deleitava assim como a integridade em sua alma transbordava)

“A história é a essência de inumeráveis biografias.”

Carlyle

(Vão ficar para sempre, da TV para a **história**

e seus fãs, deles contarão a glória.)

“a imaginação é uma pequena lanterna mágica, que nos entristece ou alegra,  
conforme as coisas que nos recorda.”

Jacquemont

(Tenho certeza de que em nossa fértil **imaginação**  
sempre estarão, nos consolando o coração.)

“Até uma jornada de mil milhas começa com o primeiro passo.”

(Foi uma **jornada** um tanto complicada  
de trabalho, sofrimento, angústia... uma parada!)

“O lar é o retrato do seu dono.”

Anthero de Figueiredo

(Nos **lares** dos Agentes havia uma diferença.  
Erro o tratado de cada um e marcante sua presença.)

“Muito mais que a ciência, a arte e os ritos religiosos, a beleza  
moral é a base da civilização.”

Aléxis Carrel

(**Moral** era um dom que possuíam, com certeza  
E em seus corações mantinham a retidão e a nobreza.)

“A lei é poderosa, porém mais poderosa é a necessidade.”

Goethe

(E que **necessidade** tinham eles do Arquivo-X!!  
De trabalho... resolver os casos... e ainda ser feliz!)

“Os olhos são os lábios do espírito.”

Hebbel

(Sobre os **olhos** verdes e azuis de ambos nem é bom falar!  
São tantas coisas, que não dá para explicar!)

“A palavra foi dada ao homem para dissimular os pensamentos.”

Talleyrand

(De Mulder e Scully as **palavras**, os diálogos, enfim,  
só com o olhar definiam uma interação completa, sem fim!)

“É mais fácil conhecer os defeitos de uma pessoa, do que as suas  
boas qualidades.”

Julio Diniz

(Cada um tinha as suas ótimas **qualidades**  
E, prazerosamente, nos enchiam de felicidade!)

“O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma de crítica.”

Eça de Queiroz

(**Risos**, gargalhadas entre os dois nunca se via,  
mas nos corações a alegria do amor sempre se movia.)

“Sofrer é o mais curto caminho para a sabedoria.!”

Manoel de Macedo

(**Sofreram** sim, em sua vida e como sofreram!

Mesmo assim lutaram perderam porém jamais se abateram!)

“O trabalho é lei de Deus< direito da sociedade e dever que honra.”

Manoel de Macedo.

(Ao **trabalho** insano entregaram suas vidas.

Em corre-corre e perigos tiveram suas lidas.)

“Se não existisse vida fora da Terra, o Universo seria um grande desperdício de espaço!”

Carl Seagan

(O **Universo** foi pouco para um mundo de tanta empolgação.

Em ver os Agentes juntos, nos levavam à maior emoção.!)

“O amor, o prazer, a constância, são apenas uma sequência do desejo de conhecer a verdade.”

Duclos

(O que tanto procuravam na realidade?

Será que foi proveitoso conhecerem a **verdade**?

“O **X** do Arquivo nos sugere mistério ou terror,  
mas nunca, de forma alguma, nos trouxe a Série algum horror.

“O zelo dá origem à felicidade.”

A. Pope

(O **zelo**, aqueles cuidados um pelo outro, na verdade,

Só podiam terminar lhes trazendo aquela, embora tênue felicidade!”

## ***EPÍLOGO***

Devaneios... sonhos... fantasia... quimera.

São definições que muito me atraem e que me permitiram deixar levar minha mente a divagar através de coisas irreais neste meu quinto livro Devaneios.

Com certeza, mais meses de trabalho eu tive para deixar fluir em minha sensibilidade as histórias que fiz para os meus personagens favoritos, Fox Mulder e Dana Scully.

Não sei, na verdade, até quando tais iinspirações viraão até o meu coração, pois< mesmo tendo chegado o fim do Seriado mais lindo, culto, inteligente do mundo inteiro, eu continuarei escrevendo os meus contos e poemas, até o dia em que, naturalmente, eu não tiver mais nenhum desejo ou oportunidade de escrever sobre esses magníficos personagens.

Só sei dizer que nunca, nunca em tempo algum, nenhum personagem, em toda essa minha vida de apreciadora de cinema e TV, deu-me tanto motivo para escrever, como esses, pertencentes ao seu criador, Chris Carter, roteirista do Arquivo-X.

E com este meu novo livro eu me sinto orgulhosa e feliz de tê-lo elaborado com imenso carinho e infindos devaneios...

**Wanilda Vale**

**Rio de Janewiro, 31 de agosto de 2002**